

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

William Amaral dos Passos Rambo

**Do modernismo ao ensaio histórico: o percurso de Sérgio Buarque de
Holanda (1920-1936)**

Porto Alegre, 2018

William Amaral dos Passos Rambo

Do modernismo ao ensaio histórico: o percurso de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1936)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em história.

Orientador: Temístocles Cezar

Porto Alegre, 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Rambo, William Amaral dos Passos

Do modernismo ao ensaio histórico: Sérgio Buarque de Holanda (1920-1936) / William Amaral dos Passos Rambo. -- 2018.

95 f.

Orientador: Temístocles Americo Correa Cezar.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ensaio. 2. Historiografia. 3. Modernismo. 4. Sociologia. 5. História. I. Cezar, Temístocles Americo Correa, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

William Amaral dos Passos Rambo

Do modernismo ao ensaio histórico: o percurso de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1936)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em 21 dezembro de 2018.

Prof. Dr. Temístocles Américo Correa Cezar (Orientador) – UFRGS

Prof. Dr. Cesar Augusto Guazzelli – UFRGS

Prof. Dr. Alessander Kerber – UFRGS

Prof. Dr. Evandro Santos - UFRN

Resumo:

Esse trabalho tem como enfoque a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda entre o período de 1920-1936 abordando sua iniciação na crítica literária até a publicação de seu principal livro, *Raízes do Brasil*. Para se mapear as ideias de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*, se faz necessário acompanhar toda a sua produção na crítica literária e posteriormente observar como Sérgio Buarque utiliza boa parte de suas ideias desenvolvidas na década de 1920 para posteriormente escrever seu ensaio em 1936. Por fim a dissertação busca fazer também um panorama sobre a vida de Sérgio Buarque de Holanda desde 1920-1982 quando de sua morte, analisando os principais acontecimentos e obras que o autor produziu durante a vida, a trajetória institucional em museus, universidades e participações no exterior, além de seu posicionamento político na ditadura e na fundação do Partido dos Trabalhadores.

Palavras chave: ensaio, historiografia, modernismo, sociologia, história.

ABSTRACT:

This work focuses on the trajectory of Sérgio Buarque de Holanda between the 1920-1936 period, approaching his initiation in literary criticism until the publication of his main book, *Roots of Brazil*. In order to map the ideas of Sérgio Buarque in *Roots of Brazil*, it is necessary to follow all his production in literary criticism and later to observe with Sérgio Buarque uses a good part of his ideas developed in the decade of 1920 to later write his essay in 1936. For The aim of this dissertation is also to analyze the life of Sérgio Buarque de Holanda from 1920-1982 when he died, analyzing the main events and works that the author produced during his life, the institutional trajectory in museums, universities and participations abroad, in addition to its political position in the dictatorship and in the founding of the Workers' Party.

Keywords: essay, historiography, modernism, sociology, history.

AGRADECIMENTOS

Dizia um antigo filósofo que a gratidão é mãe das virtudes e a amizade é como um segundo eu. Um exercício difícil, este: afastar as sombras do egoísmo e perceber o quanto a presença dos outros é determinante. São o que há de mais importante em nós para o reconhecimento de nós mesmos. A trajetória desta pesquisa e dessa dissertação de mestrado foi-se delineando muito em função da participação ativa de algumas pessoas, elas fizeram exercer sobre mim sua força e impulsionaram minha vontade e direcionaram meu caminho. Devo muito a elas, e aqui gostaria de manifestar meu sentimento de gratidão. A impressão mais funda que tenho dessa experiência que durante alguns meses da vida é relacionada à auto compreensão, fundamento sem o qual a própria compreensão histórica não faria muito sentido. Penso que essa volta pelo “mundo histórico” tenha me ensinado a me tornar mais humano, conhecedor de minhas limitações, fragilidades e, talvez, potencialidades.

Início nominalmente essa dedicação ao professor Temístocles Cezar cuja sabedoria, a liberdade como forma de confiança, e também a amizade foram fundamentais para que esse pequeno esboço de escrita tomasse forma. Agradeço a todos os professores com que convivi durante esses anos no curso de História e no programa de Pós-Graduação e que ajudaram a colocar pequenos alicerces que se encontram no trabalho aqui apresentado. Uma dedicação especial aos professores: Mara Cristina, Francisco Marshall e Fabio Kuhn, Fernando Nicolazzi e Arthur Lima de Ávila aos quais durante as aulas que tive oportunidade de frequentar, sempre foram muito atenciosos comigo e de uma cordialidade ímpar.

Aos colegas de curso e que são tão numerosos, agradeço a todos que tive oportunidade de conhecer. Em especial citarei o amigo Rafael Dall’ Agnol que desde o primeiro semestre do curso se tornou um companheiro de curso inseparável, e ao qual devo também parte desse trabalho. A colega e “titia” Loiret, que sempre com sua maestria e aquela sabedoria que só a existência é capaz de trazer, sempre foi um porto seguro para despejar minhas aflições durante a escrita da dissertação.

Gostaria aqui também, de agradecer aos professores: Alessander Kerber, Cesar Guazelli e ao professor Evandro Santos, com quem também tive o prazer de ser aluno durante uma aula da cadeira de Teoria da história I em 2012.

Por último agradeço a pessoa mais importante da minha vida ao qual eu agradeço desde o primeiro suspiro que dei ao nascer. Sem ela nem esse trabalho e muito menos o autor dele poderiam estar presentes. Um enorme beijo e um abraço fraterno a minha querida mãe: Eva

Maria Amaral dos Passos.

Sumário

Introdução.....	4
Análise da crítica literária buarqueana 1920-1936.....	9
Análise sociológica de <i>Raízes do Brasil</i>.....	31
Análise de Raízes do Brasil pelo prisma histórico.....	49
Conclusão.....	80
Bibliografia.....	83

“O Brasil é que é o país do atraso. Ninguém precisa estar à frente do seu tempo para dar errado no Brasil. Basta estar no presente”.

CARVALHO, Bernardo. [Reprodução]

“Tudo é imitação, desde a estrutura política que em que procuramos encerrar e comprimir as mais profundas tendências da nossa natureza social, até o falseamento das manifestações espontâneas do nosso gênio criador”

PRADO, Paulo. [Retrato do Brasil]

“Um ensaísta bem pode permitir-se escolher, entre mil aspectos que lhe propõe o estudo do passado, aqueles que julgue os mais estimáveis ou simpáticos, e ainda os que o ajudam a bem armar suas teorias pessoais, quando as tenha. Não é o conhecimento histórico o que, de fato, lhe interessa, mas aquilo a que alguém já denominou de ‘passado utilizável’”

Holanda, Sérgio Buarque. [Elementos básicos da nacionalidade: o homem]

INTRODUÇÃO

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) encontra-se hoje entre os clássicos das ciências humanas do Brasil. Este resultado é devido tanto à merecida importância dada a sua obra, quanto, sobretudo, ao incansável trabalho de seus intérpretes que, via de regra, conferiram-lhe uma quase inabalável armadura sob a égide da intelectualidade. Se por um lado essa situação faz em muitos aspectos jus a sua produção e pessoa, por outro, dificulta as pesquisas de regiões inexploradas de sua vida e obra que possam notar as eventuais ambiguidades, próprias mesmo do ser humano.

*Raízes do Brasil*¹, sua publicação inicial escrita sob a forma de ensaio, foi movida pelo intuito de apreender o Brasil na sua totalidade histórica às voltas com as questões da identidade que indagavam “quem somos”, mas preocupava-se *Raízes* com os destinos da nacionalidade. Obviamente que ao se referir a uma “publicação inicial” está se considerando apenas aquelas sob a forma de livro, uma vez que na realidade sua primeira manifestação escrita foi um artigo de jornal intitulado *Originalidade Literária*². Em *Raízes do Brasil*, no entanto, as evidentes conotações política e sociológica da obra “que não é propriamente um livro de história, mas uma análise histórica da formação nacional”³, criticando posicionamentos extremados à direita, como integralismo, ou à esquerda, com o comunismo. Segundo a pesquisadora Maria Stella Bresciani, não havia um repúdio aos ideais democráticos como algo inconciliável com a população, mas sim uma aposta do autor em transformar o “homem cordial” por meio de uma junção de seus “sentimentos com a democracia liberal”, processo que exigiria uma rápida e constante “urbanização”⁴ do Brasil. Assim, o projeto político de Sérgio Buarque, exposto em *Raízes do Brasil* e também assinalado em alguns textos de juventude, teve como foco o vínculo perverso entre o “agrarismo” e o “iberismo” e o predomínio das tradições rurais, herança do colonizador e que consistia e um enorme empecilho à formação dos centros urbanos.

Quanto a *Originalidade Literária*, artigo publicado em abril de 1920, se insere nas discussões sobre a modernidade que, desde o início do século XX e mesmo antes dele, pululavam no Brasil e

¹ Sempre que se citar a primeira edição de *Raízes do Brasil* de 1936, se manterá a ortografia original da obra.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Originalidade literária. IN: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *O espírito e a letra: estudos de crítica literária 1920-1947*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. Pp. 35-41. [Publicado originalmente em: Correio Paulistano (SP), 22 de abril de 1920].

³ DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006, p. 151.

⁴ BRESCIANI, Maria Stella. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.p. 179.

no mundo. Os debates em que Sérgio Buarque de Holanda se envolveu nesse período foram desde a apresentação de correntes de vanguardas no país, como no artigo *O Futurismo Paulista*,⁵ passando pela defesa do *Surrealismo*, a exemplo da publicação de *Perspectivas*⁶, para chegar também no rompimento com o grupo que na história da arte e da literatura se costuma chamar de modernistas, como foi o caso do artigo *O Lado Oposto e Outros Lados*⁷. Ao ler os escritos literários de Sérgio Buarque na juventude optei pela análise da argumentação, principalmente quando se tratava de textos críticos em relação aos seus coetâneos modernistas.

Raízes do Brasil, publicado na década seguinte à dos artigos mencionados, embora possua seu caule e copa nos anos de 1936, estende suas ramificações até os anos vinte, pois os temas em que Sérgio Buarque de Holanda se encontrou envolvido num e noutro debate, convergem em muitos aspectos. Ainda na década de 1930, a busca por originalidade nacional, pela identidade da nação estavam na ordem do dia tanto quanto na década passa. Logo, o que se quer aqui investigar são as continuidades e/ou rupturas nas reflexões de um Sérgio Buarque de Holanda modernista, crítico literário e historiador. Há, portanto, uma noção de tradição/mudança em *Raízes do Brasil* e que se faz presente na crítica literária de Sérgio Buarque durante toda a década de 1920, como já comentou em um colóquio da UERJ dedicado a Sérgio Buarque de Holanda:

É possível tentar apanhar essa unidade com o que falamos aqui, de manha; é a questão da identidade, não é? Essa me parece ser a identidade nacional brasileira, este é o eixo que articula todo um conjunto e que está posto maravilhosamente no primeiro parágrafo de *Raízes do Brasil* quando afirma que somos estrangeiros em nossa própria terra [...] Claro que isto não tem nada a ver com nativismo, ele era suficientemente penetrante para perceber que a cultura brasileira é parte da cultura ocidental, sempre foi, mas ela possui particularidades que vão se criando. Exprime essa preocupação quando discute historiografia, quando se indaga como se forma a historiografia brasileira. Da mesma forma ele está preocupado com a emergência da literatura brasileira...⁸

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O futurismo paulista. IN: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *O espírito e a letra: estudos de crítica literária 1920-1947*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. Pp. 131-134. [Publicado originalmente em: Revista Fon-fon (RJ), 10 de dezembro de 1921].

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O futurismo paulista. IN: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *O espírito e a letra: estudos de crítica literária 1920-1947*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. Pp. 214-218. [Publicado originalmente em: Revista Estética (RJ), Abril-junho de 1925].

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. IN: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *O espírito e a letra: estudos de crítica literária 1920-1947*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. Pp. 224-228. [Publicado originalmente em: Revista do Brasil (SP), 15 de outubro de 1926].

⁸ NOVAIS, Fernando. Comentário à comunicação de Antonio Candido. IN: *Colóquio Sérgio Buarque de Holanda*. 3 colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992. p. 106.

Assim, o objetivo principal dessa pesquisa reside no seguinte ponto: analisar a faceta modernista de Sérgio Buarque de Holanda, observando-o nos debates dos anos vinte, para caracterizar suas raízes intelectuais – a partir de sua vida e obra –, permitindo ao estudo unir ideias e lugares. Já no que se refere aos trabalhos que reúnem os textos de Sérgio Buarque há os de “Francisco de Assis Barbosa (1988) e Antonio Arnoni Prado (1996)”, que tem sido de grande utilidade para os pesquisadores, pois desde a década de 1990 Arnoni Prado aponta a necessidade de uma avaliação conjunta da produção de crítica literária e história na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Além disso existe a recente empresa editorial de Marcos Costa (2004 e 2011), que anuncia a retomada e a publicação de textos pouco conhecidos do historiador paulista. Irei privilegiar também as fontes do SIARQ-UNICAMP, onde estão localizados os arquivos e a biblioteca particular de Sérgio Buarque. Embora eu não tenha podido ir a Campinas analisar toda essa documentação *in loco*, graças à internet pude ao menos ter acesso a arquivos digitalizados da vida pessoal do autor.

Há alguns trabalhos que abordam o período aqui proposto, entre eles vale destacar o de Conrado Pires de Castro, *Com tradições & Contradições* (2003) que trabalha com a visão peculiar de Sérgio Buarque de enxergar as contradições da vida moderna e de que forma Sérgio Buarque transpõe isso para suas produções literárias. Outro importante trabalho a ser mencionado é o de Marcus Vinicius Correa Carvalho, *Outros lados, Sérgio Buarque de Holanda crítica literária, história e política (1920-1940)*, onde o autor propõe analisar de forma muito atenta o percurso intelectual de Sérgio Buarque entre 1920 e 1940 privilegiando alguns escritos. Também podemos citar o trabalho mais recente de Mariana Thiengo, *A crítica entre a literatura e história* (2011), onde a autora analisa através de recursos literários a produção de crítica literária do autor e dando uma grande atenção ao teor romântico da produção literária sergiana. Entretanto a maioria dos trabalhos dá preferência a análises de Sérgio Buarque de Holanda já historiador consagrado e, quando muito, também atentam ao Sérgio Buarque de Holanda em comparação a outros intelectuais da época⁹. O que proponho é a busca de um Sérgio Buarque, por assim dizer, pré-acadêmico ou, como dito antes, um Sérgio Buarque de Holanda modernista e posteriormente a

⁹ Entre os trabalhos que possam ser citados como exemplo: WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Ed. USP, 2008. NICODEMO, Thiago Lima. *Alegoria moderna: crítica literária e história da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed USP, 2014. MELLO, Luiza Laranjeira da Silva. *Natureza e artifício: Sérgio Buarque de Holanda e a formae mentis portuguesa e espanhola na conquista e colonização do Novo Mundo*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, 2005. (Dissertação de mestrado). Entre vários outros trabalhos produzidos.

confluência entre as questões levantadas na crítica literária e a argumentação utilizada em *Raízes do Brasil*, fugindo da filiação imediata do ensaio de 1936 com a sociologia weberiana¹⁰, sem claro desmerecer essa filiação.

No primeiro capítulo Sérgio Buarque de Holanda encontra-se apresentado através do resgate do contexto da publicação de seus livros. Este primeiro momento visa fazer um balanço das principais publicações de Sérgio Buarque, que vão de *Raízes do Brasil* à *Tentativas de mitologia*. O esforço nele contido foi o de síntese entre os argumentos centrais das obras, o tempo em que se tornaram de domínio público, bem como os aspectos da vida profissional e pessoal de seu autor.

O capítulo 2 intitulado *Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária em análise* traz o enfoque da produção intelectual de Sérgio Buarque durante o período de 1920-1929 com análise dos principais textos da crítica literária, toda militância de Sérgio Buarque como intelectual, crítico e homem público, desde o início de sua trajetória, mostrando que suas ideias foram no sentido contrário do dogmatismo conceitual e de apriorismo teóricos. Em seu artigo de estreia, publicado no *Correio Paulistano* quando tinha apenas 18 anos, Sérgio Buarque de Holanda já demonstra preocupação com a questão da originalidade literária e sua relação com as implicações históricas e ideológicas, contestando certas afirmações categorias de nossas origens literárias. Seu argumento desde o primeiro artigo aponta para o artificialismo da literatura inaugural no Brasil, onde segundo Sérgio Buarque o Brasil teimava em seguir modelos estrangeiros ao invés de priorizar uma literatura com o verdadeiro caráter nacional como deveria ser. Para tal tarefa Sérgio Buarque se utiliza de um refinado olhar literário ao utilizar as palavras de José Veríssimo e Silvio Romero. Esse questão da “nacionalização” da literatura brasileira e uma enfática crítica as “regras e programas” utilizados por outros autores iria aproximar Sérgio Buarque dos modernistas.

No terceiro capítulo irei propor uma análise de *Raízes do Brasil* através dos registros discursivos que Sérgio Buarque utilizou em sua produção de crítica literária na década de 1920. Nesses registros que podem ser localizados em *Raízes do Brasil* está a questão da originalidade cultural brasileira, a diferença entre portugueses e espanhóis, a crescente americanização do Brasil e o impasse da modernidade no Brasil entre outros pontos importantes. Mesmo no que se refere ao Sérgio Buarque de Holanda jovem entre a crítica literária e *Raízes do Brasil*, os seus comentadores parecem não ter uma consonância que possa estabelecer um único vetor que possa dar explicação à obra de Sérgio Buarque e ao período proposto.

¹⁰ MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2009.

No capítulo 3 será feita a análise de *Raízes do Brasil* através da exploração das ideias de Sérgio Buarque sobre a interpretação do Brasil e com enfoque nas chaves argumentativas que o autor utilizou em seus textos de juventude (iberismo, americanismo, liberalismo, aculturação), e posteriormente em um subcapítulo a parte será feita uma breve análise das duas primeiras edições de *Raízes do Brasil* em 1936 e 1948.

Análise da crítica literária buarqueana 1920-1936

A personalidade literária de Sérgio Buarque de Holanda estreou em 1920, no jornal *Correio Paulistano*, e o anedotário conta como foi. O jovem Sérgio, desde cedo apaixonado pela leitura, tinha o hábito de anotar em tiras de papel almaço suas impressões, que, entretanto, ele não organizava. Afonso de Taunay, de quem fora aluno no Colégio São Bento, em São Paulo, grande amigo da família, sabendo desse seu costume, tomou algumas tiras para ler. Dias depois, um telefonema parabeniza Sérgio pelo artigo. Surpreso, vai à banca de jornal e verifica que ele havia sido publicado nas colunas onde Taunay escrevia sobre história de São Paulo. O artigo saiu sob o título de “Originalidade Literária”, no dia 22 de abril de 1920. Sérgio Buarque tinha então 18 anos.¹¹

Apesar de ser o mais jovem que frequentava a confeitaria Fazzolli, no largo de São Bento, o rapaz alourado, magriço e meio alto, visto sempre com um livro debaixo do braço e no olho direito um monóculo, meio desajeitado e displicente, era dentre todos o que trazia na ponta da língua as novidades literárias em prosa e verso, editadas em francês, inglês, espanhol e até mesmo alemão (língua que Sérgio Buarque já dominava bem desde a adolescência). A respeito desses assuntos ouvia-se falar nas mesas da Fazzolli, assuntos de estética predominantemente.

Desde aquela época vem sua fama de erudito. Das rodas de conversa da Fazzolli também faziam parte os irmãos Guilherme e Tácito de Almeida – cujo pai cedia, às vezes, o escritório da sua firma de advocacia para sediar os encontros, - mais Sérgio Milliet, Antônio Carlos Couto e Rubens Borba de Moraes.

Sérgio Milliet, lembrando aquela convivência, cota que por Sérgio a confeitaria Fazzolli ficou sabendo de alguns franceses ilustres, mas principalmente das revoluções, do novo, que se processavam nas letras inglesas e alemãs principalmente. Reviam-se as técnicas do poema, renovavam-se os métodos de interpretação da história. “Era ele, já naquela época, sem ter ainda completado seus estudos universitários, um erudito”.¹²

¹¹ NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Sérgio Buarque de Holanda. IN: Idem. *Sérgio Buarque de Holanda vida e obra*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1988. p. 20.

¹² MILLIET, Sérgio. Quatro ensaios. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1966. p. 49.

Certamente há um pouco de exagero no comentário, tipo de exagero que contribui para o mito da personalidade estudada. Não seria melhor falar em determinação, por parte de Sérgio Buarque, na sua aventura intelectual, sonhada entre livros?

Passemos ao artigo de estreia. Podemos resumi-lo à observação de que o Brasil não tem independência intelectual, e, na história literária, não dispomos de obra onde se possa sentir integralmente nossa particularidade nacional. O artigo conclui-se por uma tomada de partido pela renovação literária:

“O Brasil há de ter uma literatura nacional, há de atingir, mais cedo ou mais tarde, a originalidade literária”¹³

O ponto central do artigo é a ideia de que a emancipação política não trouxe aos brasileiros a emancipação intelectual. Pode até mesmo haver emancipação intelectual sem emancipação política, como teria demonstrado Frederic Mistral, onde se vê que a emancipação política é, na verdade, fator secundário na evolução de um povo. O fato que o artigo examina apoiado e alicerçado pelos conceitos de Francisco Garcia Calderón, José Verissimo e em Silvio Romero, é o de que a evolução espiritual do Novo Mundo ainda não tinha se completado.¹⁴

Embora de valor inestimável, o artigo trai o jovem Sérgio em mais uma passagem, onde se leem termos e ideias preconcebidas que dez anos mais tarde ele mesmo viria a combater abertamente na imprensa diária, conceitos como raça e nacionalismo. Sérgio resume-se a anotar as formas passadas da evolução do “Americanismo”.

Americanismo seria a expressão estética perfeita, que nos simbolizava como povo original. Porém vem sendo realizado entre longos intervalos e apenas tem deixado vestígios.

Na América hispânica, o mais remoto fator de originalidade deu-se com a contemplação, por parte dos europeus conquistadores, da flora descoberta, tendo chegado a produzir até mesmo “assombros líricos”. Assim, o poema Araucana: em 37 cantos, foi escrito em 1569 pelo poeta Alonso Ercila y Zuniga, pajem do infante Dom Felipe, filho de Carlos V, que acompanhou a expedição enviada pelo soberano ao Chile, sob o comando de Aldrete, para estancar a ação do araucanos da batalha. O poema, inspirado nos sucessos da batalha com largo excuro para a natureza virgem mereceu de Cervantes o registro de que Ercila foi poeta heroico a honrar a pátria.¹⁵

¹³ PRADO, Antonio Arnoni. O espírito e a letra: crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1947). São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 41.

¹⁴ Idem, p. 35-36.

¹⁵ Idem, p. 41.

Mas o americanismo “não passou daí” de ser um “esforço ingente da raça conquistadora”. Ademais a tendência que representou não foi seguida.¹⁶

Na América portuguesa, essa fase foi menos rica, de textos mais áridos e ingênuos. A certa altura do artigo, ele caracteriza o colonizador – mas o jovem Sérgio escreveria “o povo português – como sendo menos idealista e mais prático que o espanhol”. Não teve uma impressão tão sutil da natureza do Novo Mundo como aquele. Por isso, tivemos cronistas, mas “não tivemos nenhum poema ou epopeia dignos desse nome”.¹⁷

Em *Visão do paraíso*, Sérgio Buarque observa, da comparação entre os lusos e os renascentistas que a “sabedoria sedentária” destes cultivou a inovação e a imaginação, enquanto os navegadores arrefeceram suas tradições e credulidade. O realismo pedestre do português, amparado na observação meticulosa, de ânimo pragmático e verdadeiramente medieval, entra em oposição com o senso de unidade, o gosto pelas induções e pelo delírio cruzava os oceanos com inspiração “prosaicamente utilitária”, a experiência do mediterrâneo tornava-se mingua, e a infundada fantasia que, no entanto os renascentistas produziram concebeu o mundo como um cenário de maravilhas e imprevistos. Os desbravadores da verdade, entretanto, que tiveram acesso direto aquilo que para os outros virou mito e estimulou a especulação abstrata, os portugueses domesticaram as próprias imaginações, deixaram-na sóbria. Tirou da experiência uma noção mais nítida das limitações humanas e terrenas; um realismo desencantado, voltado para o comércio transatlântico.¹⁸

Essa observação não está só no primeiro artigo e em *Visão do Paraíso*. Em *Cobra de Vidro*, o obscurantismo do português está nas origens das inconfidências, e corresponde à ascensão econômica das regiões colonizadas. Favorecido a tempo pela fortuna, estudava em Coimbra e passeava-se pelas capitais civilizadas onde o liberalismo elevava-se a doutrina de Estado e estimulava as infidelidades à Coroa.¹⁹

O que a racionalidade do colonizador português tem a explicar sobre a dependência cultural dos brasileiros? Sim, porque essa inferioridade é risível se nós a associamos exclusivamente ao português. Se pensamos que nós somos isso, o sentimento de inferioridade desponta em nós, brasileiros. Ser brasileiro tem “seu lado bom e seu lado ruim”, como se repete por aí. País de desigualdade, mas país único. Sérgio, em *Raízes do Brasil*, sugere que à pergunta

¹⁶ Idem, p. 36.

¹⁷ Idem, p. 37.

¹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Cia das letras, 2010. pp. 25-30.

¹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Ed. Perspectivas, 1979. p. 109.

“qual é o caráter nacional brasileiro” respondamos: cultura, ibérica, isto é, da península de Portugal e de Espanha modernas. Acrescentemos mais isto: iberismo, agrarismo e personalismo, são traços da cultura ibérica; a ideia de “personalismo” resume muito bem tudo isso, e transforma em uma importante chave explicativa nos ensaios sociológicos de interpretação do Brasil.

Nesta dissertação, analisando o conceito de Brasil a que Sérgio Buarque dá a historiografia, teremos os termos desse problema postos conforme um discurso dual entre passado e presente, que disputa opinião e desdobra-se na dimensão do futuro. Quer dizer, existe a pretensão de explicar o presente pelo passado, o que de maneira nenhuma consistia em novidade na luta de classes brasileira. Mas a proposta de Sérgio Buarque é radical, historiográfica e politicamente: libertar o presente do passado, rumo ao futuro e ao desenvolvimento do verdadeiro espírito nacional.

Ora, o americanismo é a busca pela superioridade cultural do Brasil. Sem expressar um sentimento antiportugues, mas pensando nosso passado de colônia, o jovem Sérgio Buarque observe que o colonizador português não se dedicou às letras, contando-se isso como um obstáculo para o ideal americano. Legou uma herança, senão negativa, quase nula, para o futuro desejo modernista de universidade.

O jovem Sérgio Buarque escreve que, entre nós, os primeiros poemas que mereciam com justiça o nome de poema apareceram muito mais tarde do que na América espanhola, e sua origem devemos nós a fatores muitos diversos daqueles que lá produziram o poema *Araucana*, em 1559. Aqui “foi essa concepção errônea do patriotismo a que os franceses denominavam chauvinismo” – quer dizer, o bairrismo vaidoso e, no fundo, envergonhado de si mesmo – “a sua razão principal”.

A primeira fase do americanismo no Brasil se dá com José Basílio da Gama, em *Uruguai*, e Santa Rita Durão em *Caramuru*. Segundo Sérgio Buarque, ao pintarem os caracteres étnicos de nossos selvagens, Basílio da Gama e Santa Rita Durão adulteraram fatos históricos e não figuraram o elemento negro de nossa composição social.

Contudo, apesar do “sentimentalismo patriótico” que, em parte, esterilizou aquelas obras, os românticos encontraram ali fonte de inspiração e o americanismo pode progredir.²⁰ Com

²⁰ Basílio e Durão foram considerados pelos românticos como fontes de poesia nacional, porque tomaram como personagem o índio, que ia se tornando aos poucos uma espécie de símbolo da pátria. Ambos manifestaram mentalidade anti-jesuíta. Expunham pela primeira vez um novo modo de ver o confronto entre colonizadores e indígenas, maneira moderna em que sobressai o aspecto de choque das culturas, com um espírito de perplexidade ante a destruição da vida do índio. Para Antônio Candido, *Caramuru* forma par com a *História* de Rocha Pita como balanço da colonização, no momento em que iam aparecer as tendências nativistas mais

efeito, a segunda fase do americanismo no Brasil se dá com a independência e o programa romântico. Com os frutos do nosso romantismo, pela feição indianista que tomaram, chega-se ao mais importante momento de nossa literatura.²¹ E isso porque, apesar de sua clara importação estrangeira e imitação exótica – o referido chauvinismo –, é o único em que pusemos algo de nosso, nesse caso, o indianismo.

O poema épico torna-se finalmente possível. Pode-se falar de mitos, heróis populares e de tradições nacionais. Com Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhaes e, em certo sentido, José de Alencar nos seus romances, forma-se verdadeiramente uma escola – note-se que mesmo Cooper e Chateaubriand, que inspiraram nossos escritores, não conseguiram formar escola. Para superar a falta de identidade própria da condição colonial à palavra de brasileiro: firmar tradições, caráter e símbolos de identidade isto é, superar aquele “nós” tomado pelo outro metropolitano em prol de um verdadeiramente nacional, nossos escritores afastaram-se de Portugal. Ou, como diria o jovem Sérgio Buarque, “em busca pela originalidade”, adotaram o índio como antepassado e proclamaram-no herói. Procurou-se efetivamente dotar os brasileiros de uma ancianidade heroica e gloriosa no nosso próprio torrão.²²

Entretanto... os defeitos que prejudicaram Gama e Durão foram totalmente vencidos pelo indianismo romântico que os sucedeu. Sérgio Buarque seria ainda mais enfático em *Raízes do Brasil* no julgamento a um só tempo político e estético daquela literatura. Mesmo a poesia de um Castro Alves, do qual se poderia assinalar a função social “em favor dos escravos”, apenas denota a “falta de realismo com que se processou entre nós a abolição”. Assim, essa poesia como todo um esforço romântico, converteu-se com uma visão enganosa e fraudulenta de nossa condição social.²³

Podemos dizer desses movimentos que expressarão tanto de nacionalismo quanto lhes falte nativismo. Quer dizer, a tomada de consciência da condição colonial não se desenvolveu integralmente: os colonizadores foram excomungados da nação recém-criada em 1822, com a Independência – mas o sistema cultural perfez uma “estufa”, protegido do cotidiano do país, descolonizado. Noutras palavras, a classe do senhorio dominou os trabalhadores.

atuantes. Por outro lado, *Uruguai* dispensa o modelo tradicional d' *Os lusíadas* e a oitava heroica de decassílabos, amainando a tonalidade épica em favor do lirismo. Apesar do tema, *Uruguai* tem verso branco e melodioso, que parece matriz de versos românticos. Ver: Antônio Candido, *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanistas/USP, 1999. p. 28-29.

²¹ PRADO, Antonio Arnoni. O espírito e a letra: crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1947). São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 40.

²² Idem, p. 39.

²³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1995. p. 125-126.

Por outro lado, tem-se que a primeira figuração literária do povo brasileiro é o índio, enquanto a participação política e a instrução, a própria liberdade, durante o Império, eram restringidas por critérios censitários e privatizadas. Acrescenta—se ao quadro a “alta pugnacidade” do período – para falar da violência direta e generalizada da sociedade escravagista com as palavras do Sérgio Buarque maduro em *Caminhos e fronteiras*, cujos eufemismos para historiografar aquela trama diária – alguns até mesmo risíveis, como esse, “pugnacidade” quando a situação era tal que a lei se fazia com as próprias mãos: e, no caso historiográfico e, sem dúvida, por certa estratégia de sobrevivência numa esfera pública conservadora, quando não vigiada, puderam confundir pela sutileza e paixão de sinonímia até mesmo um crítico literário famoso, que acabou achando na obra de Sérgio Buarque um apologista do processo civilizatório.

No artigo, aqueles “defeitos” a um só tempo estéticos e políticos, podiam, ainda em 1920, artificializar as obras brasileiras e, em certa medida, dão feição à problemática do nosso Modernismo.

Vê-se que a afirmação “a emancipação intelectual não é, nem podia ser, um corolário fatal da emancipação política”²⁴ refere-se a um descompasso, assim que a sociedade se torna independente, entre a estética e as instituições (a subserviência cultural – a cópia de modelos, a repressão da verdadeira identidade – em conflito com o caráter de nação independente, que deveria reconciliar a cultura e o popular, como grande poema épico), entre a expressão artística nacional e a sociedade a que ela se refere, descompasso que caracterizava as nossas novas nações.

A afirmação, noutras palavras, refere-se às “formas das ideias”, como está em *Raízes do Brasil*, percebidas então mediante o conceito de americanismo. Primeiro, a condição colonial; depois, a ideologia dos letrados do Império Brasileiro.

É bem possível que Sérgio Buarque tenha recebido os cumprimentos mais calorosos pelo artigo inaugural na roda da confeitaria Fazzolli, especialmente por parte de Guilherme de Almeida, sua primeira grande amizade literária – do que na presença do autero Taunay.²⁵ Guilherme de Almeida era, desde 1917, o poeta de *Nós*, e, desde 1919, também d’*A dança das horas* e de *Messidor*, ambos produtos elogiados do Parnaso e do Decadentismo.

²⁴PRADO, Antonio Arnoni. O espírito e a letra: crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1947). São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 35.

²⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda. Ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil. IN: ROCHA, Arlinda. (Org). Sérgio Buarque de Holanda. Vida e obra. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1988. p. 30.

Em aparições episódicas, vieram visita-los Mario De Andrade e Oswald de Andrade²⁶ que são hoje sinônimos do Modernismo. Mas esse Mário de Andrade, dentre as figuras que lembramos aqui, não tinha grande importância.

Mário de Andrade havia publicado em 1917 sob o pseudônimo de Mário Sobral *Há uma gota de sangue em cada poema*.

Dias depois, em nova visita, muito sério, despede-se pessoalmente e lhe oferece um soneto parnasiano sobre um de seus quadros chamado *O homem amarelo*.

Mário de Andrade escrevendo sonetos parnasianos... pois sim! Os livros que haviam publicado até então são de fatura e assunto tradicionais, com sinais de renovação imprecisos.

Igualmente, quando Sérgio Buarque escreve, no final do artigo inaugural comentado há pouco, que “a inspiração em assuntos nacionais” traria a originalidade literária ao Brasil – e não só “a inspiração em assuntos nacionais”, acrescenta-se, mas também “o respeito das nossas tradições e a submissão às vozes profundas da raça”.²⁷

Quando no artigo inaugural discorda de Silvio Romero, ou melhor, do “pessimismo” contido em acreditar que o nacionalismo é uma formação demorada e gradual de sentimentos, para então afirmar que o “esforço de um povo pode apressar a consumação espiritual de uma nacionalidade”²⁸, vemos surgir efetivamente a dicção do manifesto. Entretanto, falta-lhe algo. Pergunto-me quanto daquele problema vantajosamente equacionado não tinha de simples petrificação da crítica literária herdada do Romantismo. O mais curioso é que Sérgio Buarque já tinha a orientação artística a que os escritores chegariam só depois de combater a opinião pública e, sobretudo, a si mesmos, ao longo da década de 1920. Mas o faz em termos vagos: lembremos que a renovação literária carecia de orientação definida e só no biênio 1921-22 é que abriria campanha autônoma.

Antoni Arnoni Prado indicou em que sentido “Originalidade literária” antecipa o intelectual maduro de *Raízes do Brasil*. No artigo nota-se uma “impressão difusa de que a nossa produção intelectual inscrevia-se num quadro típico de cultura periférica sem eixo próprio”²⁹. Segundo o comentador, quanto ao americanismo – conceito chave, as observações de Sérgio revelam “o quanto era urgente para ele, naquela altura, converter em instrumento de análise

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ PRADO, Antoni Arnoni. O espírito e a letra: crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1947). São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 38.

²⁸ Idem, p. 41.

²⁹ PRADO, Antoni Arnoni. Sérgio Buarque de Holanda e o Modernismo. IN: CANDIDO, Antônio. (Org.). Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1998. p. 72.

objetiva o conjunto das reformulações retóricas que transformavam em imagens pujantes a fisionomia de nosso atraso”.³⁰

Depois de “originalidade literária”, e antes da Semana de Arte Moderna, Sérgio Buarque voltou a publicar artigos curtos, estimulado principalmente pelo amigo Guilherme de Almeida, no seu estilo de crônica e de comentário. O segundo artigo saiu na *Revista do Brasil* outro periódico de relevância intelectual do período. O artigo chama-se *Ariel*, publicado em 1920.

*“no Brasil, o hábito de macaquear tudo quanto é estrangeiro é, pose-se dizer, o único que não tomamos de nenhuma outra nação. É, pois, o único traço característico que já se pode perceber nessa sociedade em formação que se chama: povo brasileiro.”*³¹

O artigo tem clara antecipações da problemática Modernista, a certeza de que nossa cultura era pouco cultivada, no sentido de que se entregava à cópia de modelos estrangeiros. Tudo se passa como vergonha diante de nossa tradição e tratava de, heroicamente, realizar a obsessão dessa ideia fixa: a obra de arte culta e oficial – como expressão da evolução do povo brasileiro. Devemos notar que, nesse passo de sua trajetória intelectual Sérgio Buarque está colado à tradição brasileira. Esses trechos, de sabor novecentista, grandiloquentes, não são o melhor exemplo de sua radicalidade. O leitor habituado à sua obra madura poderá se espantar ao ler aqui noções, tais como a de destino, clima, raça servirem como escora para a sua argumentação sobre a originalidade da cultura brasileira. Para dar uma resposta anti-imperialista, Sérgio Buarque reafirma nossas tradições:

*“O nosso caminho a seguir deverá ser o mais conforme a nosso temperamento. Não possuímos a atividade, a disposição a certos trabalhos, de modo tão acentuado, como os habitantes das terras frias”*³²

Caso a civilização yanke fosse aplicável a nosso país, o seu *substractum*, escreve Sérgio Buarque, “o que a torna grandiosa em sua pátria” nunca aportaria nas plagas brasileiras, “porquanto a índole de um povo não se modifica tão facilmente à simples ação de agentes externos”. “O nosso *desideratum* é o caminho que nos traçou a natureza, só ele nos fará prósperos e felizes, só ele nos dará um caráter nacional de que tanto carecemos”.³³ E o caminho, escreve, que nos traçou a natureza, nos conduz a Ariel. Sempre mais nobre e mais digno do que Caliban: nossa diferença, em relação aos Estados Unidos, podia ser contada como uma

³⁰ Idem, p. 73.

³¹ PRADO, Antoni Arnoni. O espírito e a letra: crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1947). São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 43.

³² Idem, p. 54.

³³ Idem, p. 45.

vantagem, conforme lhe sugere José Verissimo, que admirava, mas não invejava os norte-americanos.³⁴

É possível notar no artigo de Sérgio Buarque o quanto de vergonha carrega em sua escrita, pois ele trata de transformar em vaidade, em relação à América Latina. A obsessão de ver surgir a obra-prima do Brasil moderno, de que nos falou no primeiro artigo, corria junto do desejo de ver o Brasil modernizado também na vida política e econômica, segundo sua originalidade climática e racial.

“Já é tempo e retempo de cuidarem os governos em dar outra direção ao progresso nacional. Cogitam todos em rociar nossas cidades de monumentos e arranha-céus; ninguém pensa, entretanto, em dar-lhes uma individualidade”³⁵

Parece-me que a preocupação política de *Raízes do Brasil*, o pensamento político que Antonio Candido encontra infuso em toda sua obra, não ficará bem explicado sem anotarmos nesses artigos de ocasião que a preocupação estética é pensada junto da direção do governo. O que, em termos biográficos, quer dizer: desde jovem tinha preocupações políticas, que foram amadurecendo. Observamos, entre parêntese, que o artigo poderia se resumir numa denúncia do Imperialismo. Mas Sérgio Buarque evita essa palavra, para bem ressaltar que o problema seria na verdade a dominação oligárquica, a verdadeira fonte do *desterro brasileiro*.

Sérgio Buarque, nesses verdes anos, tem os olhos voltados para cima, para os aviões, os postes de eletricidade, fachadas de prédios e arranha-céus. Quando muito para o mau gosto do moderno. Alguns não passam de carta ao prefeito, uma manifesto por mês, muito eruditíssimo e não conformam um pensamento político. Sérgio Buarque tem por essa época, a preocupação atenta para a artificialidade das obras literárias – cujos “defeitos” ainda não ganharam para ele, valor epistemológico.

No terceiro artigo, publicado em junho de 1920, sobre Vargas Villa – um americano-latino -, Sérgio Buarque volta ao tema da “originalidade”. O artigo saiu no *Correio Paulistano*, em 1920. O tema de Sérgio Buarque, antes de aliar-se e fazer coro com os “futuristas” de São Paulo, é o americanismo. Eis o conceito, operado mediante o critério da originalidade. A riqueza da literatura hispano-americana – significativamente ignorada por nós, seja por efeito referido ao *yankismo* ou pela total submissão aos cânones europeus. Numa palavra, lamentava-se pela falta de consistência de nossas tradições, normalmente truncadas e suplantadas pela cópia.

³⁴ Idem, *Ibidem*.

³⁵ Idem, p. 60.

O que fica constatado por meio do americanismo é um estado da cultura ainda dependente, rebaixado, cujo gosto é definido fora da vida brasileira, isto é, ainda longe de realizar o ideal americano, que é o de um novo mundo e o de uma nova sensibilidade.

Voltemos ao yanquismo que é o oposto ao americanismo. No fundo, a meu ver, yanquismo quer dizer fazer as coisas rápido e de maneira eficaz. Uma questão de economizar tempo e definir metas. Visto isso, embora o “*struggle for life*” norte-americano fosse incompatível com o nosso “desamor pela atividade”, era ele o que apresenta as maiores possibilidades para vencer. Basta lembrar-se de que mais e mais o capital americano enraizava-se em São Paulo. Mas Sérgio Buarque oferece uma nova razão política para o prestígio da cultura norte-americana no Brasil. Ao tempo da instalação do regime monárquico entre nós, na Independência, “os propagandistas davam como principal razão a favor do novo regime, a exceção na América”.

Sobressai-se o caráter artificial de nosso progresso político. Enquanto lá o novo vinha como desdobramento espontâneo, auto referido, no Brasil, o novo, importado, substituía uma experiência com o tempo passado – as tradições – e impunha um tempo futuro cristalizado – a política, a economia, a cultura -, fetichizado e, necessariamente estranho a nós mesmos.

Voltamos a 1926. Por ação do Modernistas, havia sido abolido o cepticismo bocó – avalia o jovem Sérgio Buarque – o idealismo impreciso, rejeitados na suas formas de poesia “bibelô” e de retórica vazia. Haviam-se destruído assim, todos os ídolos de nossa *intelligensia*.³⁶ Fez isto e fez mais, pois, em certo sentido o Modernismo vinha a redescobrir o Brasil, reconquistado como um “país novo” e “sem tradições”. O Modernismo tinha libertado os artistas e nesse mesmo fluxo libertou o Brasil.

Essas palavras de revolta contra a ideologia do construtivismo em favor da pesquisa e da originalidade – graças à qual Sérgio Buarque e Prudente de Moraes Neto acabaram de dividir o Modernismo já cheio de divergências – inaugura um momento de instabilidade e incerteza na trajetória de Sérgio Buarque. No artigo, faz um balanço do movimento e reafirma as intenções de origem, combatendo certa tendência, de maneira incisiva, com “um ar de ataque que fere”, como escreveu Mário de Andrade.³⁷ O lado oposto ao Modernismo é o Academicismo, que assumira nova forma passados quatro anos da Semana de Arte Moderna, resumia-se às ideias e às obras de Graça Aranha, Ronald Carvalho e Renato Almeida e, também, às de Guilherme de Almeida.

³⁶ Idem, p. 224.

³⁷ Idem, p. 226.

“Houve tempo em que esses autores foram tudo quanto havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje, eles não significam mais nada para nós”³⁸

No livro *A estética da vida*, Graça Aranha escreveu que o Brasil tem um grande destino econômico no mundo. Isto se deve à nossa geografia.³⁹ E qual é o significado da Arte para Graça Aranha? Ela restituiu ao homem o sentimento da unidade. Deve se realizar pelos contatos sensíveis, pelos sentidos corporais, sobretudo a observação da paisagem. Da “natureza nacional”. Acima das certezas científicas sobre nós mesmos – a miscigenação, o regionalismo etc -, que nos fragmenta, reina a Arte, que totaliza. A arte seria inerente ao homem. Uma faculdade do Espírito, tão essencial como a de pensar e de imaginar, cuja a realização transcende é a suprema aspiração do homem no degredo da consciência metafísica. A arte, como emoção originada da forma ou do som, e que nos vem sobretudo da pintura, da escultura e da música, seria inteiramente estranha ao útil.⁴⁰

Graça Aranha foi assumindo cada vez mais certo tom professoral e, segundo Sérgio Buarque, passados os primeiros tempos, tornou-se extraordinariamente capaz de proselitismo.⁴¹ A unanimidade seria, sem dúvida, possível na campanha comum contra a literatura já esvaziada de todo conteúdo, convertida em “sorriso da sociedade”... e não contra certas condições mentais e sociais que, exatamente, tornavam possível esse tipo de literatura.⁴²

Graça Aranha pretendia mais: pretendia que à unidade na negação correspondesse uma espécie de coerência maciça e implacável nas afirmações. Entretanto, o Modernismo estava longe de representar um bloco unitário, compacto e obediente a uma orientação precisa. “E mostrou, ainda, a inutilidade de esforços que visassem a dar-lhe uma homogeneidade forçada”.⁴³

O artigo definitivo, de rompimento, chama-se “O lado oposto e os outros lados”, publicado na *Revista do Brasil*, em 15 de outubro de 1926.

Ao rever esse episódio, Sérgio Buarque em *Tentativas de mitologia*, observa que o paladino do espírito moderno, pelo qual se queria fazer passar Graça Aranha, só sabia sentir o mundo do após-guerra como se vivessem numa espécie de prolongação da *bellle époque*. “Continuará a viver como se as coisas, os homens, as ideais não tivessem mudado de lugar durante os quatro

³⁸ Idem, p. 225.

³⁹ ARANHA, Graça. *A estética da vida*. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1921. p. 185.

⁴⁰ Idem, p.37.

⁴¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Ed. Perspectivas, 1979. p. 22.

⁴² Idem, p. 273.

⁴³ Idem, p. 278.

anos de morticínio”, ignorando o lado catastrófico do acontecimento. “Foi como se a hecatombe se resumisse para ele num grande festival, no baile da vitória”.⁴⁴

“Um desses autores que começava a conquistar muitas devoções entre gente de sua roda, liquidou-se sumariamente com poucas palavras: ‘Proust?’ Já o li. Esse não nos rejuvenesce. São velharias e representam, em suma, uma tentativa de volta ao romantismo que vai durar como fogo de palha”⁴⁵

Eis que chega uma correspondência vinda de Natal, assinada por Luís da Câmara Cascudo, para Sérgio Buarque. Tratava diretamente com o jovem crítico e, por meio dele, mandava uma nota à redação de *Estética*.

Câmara Cascudo dava pêsames a Sérgio Buarque pela artigo “um homem essencial”, pelo louvor à pessoa de Graça Aranha. E advertia a redação de *Estética* sobre o anúncio de um artigo sobre James Joyce. Com efeito, Sérgio Buarque tinha anunciado uma crítica sobre, para sair no segundo número de *Estética*. Pois havia no nordeste, comunicava-lhe Câmara Cascudo, quem conhece *Ulisses* muito bem, era um jovem pernambucano, diplomado em ciências sociais nos Estados Unidos, e que andara pela Europa, em viagens de estudo, completados na Universidade de Oxford: Gilberto Freyre.

Cascudo remetia a Sérgio Buarque um recorte do *Diário de Pernambuco* com o estudo, escrito posteriormente ao comunicado de *Estética*, mas que enfim, retirava sua primazia. “O autor do livro formidável que é *Ulisses*, conheci-o em Oxford” – escreve Freyre no tal artigo – “onde sua atualidade intensa era a inquietação de nossos chás. O puritanismo conseguiu, dalgum modo, abafar-lhe a influência, aliás destinada a aristocráticos limites. Mas o livro já vai vencendo: e até sob as bananeiras do Rio já se pronunciam o artigo fácil do nome Joyce. O inglês de sua obra é que será difícil de soletrar”.⁴⁶

Sérgio Buarque achou que não podia escrever sobre Joyce coisa melhor. Mandou suspender o aviso e pensou até em reproduzir o trabalho publicado no Recife no terceiro volume de *Estética*. Mas Graça Aranha quis ler o trabalho. Ao restituir a Sérgio o recorte, fez-lhe a seguinte observação: “este Freyre é nosso inimigo. Estive sabendo que foi pessoa do Oliveira Lima na briga com Nabuco. Não *nos* convém publicar”.⁴⁷

O que nos convém assinalar aqui é que o terceiro volume de *Estética* já aparece completamente desligado de Graça Aranha, especialmente por causa do artigo de Rodrigo M. F de Andrade, cheio de restrições sutis, pondo o mestre na berlinda. A crítica se dirige ao seu

⁴⁴ Idem, p. 23.

⁴⁵ Idem, p. 25.

⁴⁶ Idem, p. 33.

⁴⁷ Idem, p. 35.

livro *O espírito moderno* (1925), que reúne entre outros, os discursos pronunciados na sessão inaugural da Semana de Arte Moderna. Rodrigo revela um inapelável desacordo.

Prudente deixou clara a posição assumida quando escreveu sobre *A escrava que não é Isaura*, elogiando Mário de Andrade. Mario, por sua vez recusa o título de líder, mas fazia questão que se pesassem os resultados de sua dedicação ao Brasil desde que publicara *Pauliceia Desvairada*. Isso, sem exaltar seu mérito pessoal, provando a possibilidade e a emergência dessa dedicação de um modo impessoal e estiloso.⁴⁸

Sérgio Buarque por sua vez, no artigo *Perspectivas*, define uma liberdade total para a palavra. Afirma que no homem predomina uma inspiração á morte flagrante, de negar a vida em todas a suas afirmações. E assim, desde a origem, a criação artística segue o afã de reduzir o informe á o livre ao necessário, o acidental à regra.

O resto dessa operação o que há em cada um de individual, é considerado inútil. Os homens que, ao contrário, encontram no limiar do modernismo e da afirmação do sujeito – precisam transpor o impossível e o proibido de que é feita a realidade para não recaírem numa segunda conformação com a vida. Um literatura tão viva quanto a vida deve incluir na sua inercia de obra o mistério e a revelação do inconsciente, como uma experiência de morte absolutamente redundante para a realidade ou para a representação que fazemos dela, como seria a narrativa de Proust. O ato individual reina acima da certeza científica, e bem mais alto, pois o ato individual é manifestação indubitável de vida, de regras, afinal, outras, avessas à generalização e, em certo sentido, para o próprio sujeito, enigmáticas.

Hoje mais do que nunca toda arte poética há de ser principalmente – por quase nada eu diria apenas – uma declaração dos direitos do sonho⁴⁹

A divergência com graça Aranha tornou-se insuportável quando Marinetti, o “Duce do futurismo” incluiu o Brasil no itinerário de seu apostolado pré-facista. Era porta-voz oficial do partido desde fundação, em 1919.

Ao que parece, pouco valeu a relutância que mostraram para com Marinetti e contra o rótulo de futuristas, “porque num desses celebres manifestos aparece um vastíssimo elenco dos valores futurista brasileiro onde estava o nome de todos que nos considerávamos apenas modernistas”⁵⁰ evidentemente encabeçados por Graça Aranha.

⁴⁸ Ver: Marco Antônio de Moraes (Org.). *Correspondência entre Mário de Andrade e Manuel bandeira*. São Paulo: Edusp, 2002.

⁴⁹ PRADO, Antoni Arnoni. *O espírito e a letra: crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1947)*. São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 215.

⁵⁰ Idem, p. 215.

Por acaso, a visita de Marinetti coincidiu com a presença de Blaise Cendrars no Brasil, que Oswald conheceu na viagem que fizera à Europa logo depois da Semana de Arte Moderna, acompanhado de Tarsila do Amaral. Cendrars era “outro monstro sagrado das letras de vanguarda”, suíço radicado na França. Acontece que Marinetti e Cendrars não se suportavam e chegaram a se debratar publicamente. De um lado, Graça Aranha podia ser a seu favor no teatro lírico. De outro, Cendrars levava brasileiros ao encontro dos 8 batutas, que mal conheciam e que o franco-suíço já admirava desde a temporada dos sambistas mulatos Donga, Pixinguinha, Patrício e Teixeira a Paris.

Sérgio deixou de acompanhar Graça Aranha nos passeios pela orla do Rio de Janeiro de que tinham tomado hábito. Acusava Sérgio Buarque de ter passado para o lado de Mário de Andrade. No último passeio, falava em vez de “para o”, “pro”.

Quando publicou *Raízes do Brasil* em 1936, livro que o projetou como ensaísta e que se tornaria um clássico, tanto da historiografia como da literatura brasileira no século XX, Sérgio Buarque de Holanda já era conhecido de intelectuais e escritores, especialmente entre os modernistas. Desde antes da polémica da Semana de Arte Moderna de 1922, Sérgio Buarque vinha acompanhando com algum entusiasmo o influxo das ideias modernistas sobre certos “beletristas paulistanos”, como escreveu no artigo “O futurismo Paulista”, publicado na revista *Fon-fon* em dezembro de 1921. Nesse artigo, Sérgio Buarque apresenta ao leitor Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Mário e Oswald de Andrade, entre outros, e faz perspicaz distinção entre a filiação literária destes, não exatamente ligados ao movimento encabeçado pelo italiano Marinetti, porém os considerando mais próximos daqueles que define como os “modernistas franceses” entre os quais figuram Romain Rolland, Marcel Proust, Guillaume Apollinaire e Tristan Tzara.

Se por um lado o movimento modernista brasileiro representava uma ruptura com os padrões classicizantes do parnasianismo – de libertação dos velhos preconceitos e das convecções sem valor, como afirma Sérgio Buarque – por outra parte – também trazia em seu ideário a busca de nova compreensão do país, de sua história e de seu presente, um novo olhar sobre a realidade, que também passava por transformações sociais importantes. Nesse ponto, o movimento estava plenamente inserido no contexto intelectual de tentativas de interpretação da formação histórica do país, e em última instância, de definição de uma identidade social.

Predominavam, no início do século, as leituras assentadas no recorte positivista e de forte viés racial, em Alberto Torres, Azevedo Amaral, e Oliveira Vianna, configurando aquela corrente que o historiador Boris Fausto chama de “pensamento nacionalista autoritário”. Na visão desses autores, em que pesem os matizes interpretativos de cada um, a formação social e

política brasileira se explica pela composição étnica, em que a miscigenação não raro, é vista como negativa, responsável por nossa desordem enquanto nação. Tomando as teorias evolucionistas e biológicas como determinantes no processo histórico, tais autores encaravam com pessimismo a democracia e defendiam a presença de um Estado Forte, ordenador, ou de elites esclarecidas que conduzissem a sociedade caótica ao bom caminho da organização social. Muito dessa visão de mundo irá se consolidar no Estado Novo, fornecendo a argamassa teórica para a ditadura de Vargas.

Ora, toda a militância de Sergio Buarque como intelectual, crítico e homem público, desde o início de sua trajetória, foi no sentido do dogmatismo conceitual e de origem. Ao comentar um ensaio do crítico peruano Francisco Calderón, a respeito da criação literária latino-americana no processo de colonização ibérica, e de embate entre colonizadores, colonizados e o meio ambiente, o autor de *Raízes de Brasil* aponta para uma falta de identidade entre os primeiros textos escritos aqui que seriam supostas obras fundadoras de nossa literatura, e a realidade, argumentando que teria prevalecido uma concepção errônea de patriotismo a que os franceses denominam chauvinismo. Isto é, a literatura surgia como uma ideia adaptada como conceito, e não como fruto de uma relação dialética entre povos e territórios tão distantes culturalmente. Francisco De Assis Barbosa nos reporta a palavra de Sérgio Buarque:

Essas ideias desconectadas foram se infiltrando de tal forma no espírito do povo, os primeiros frutos de nossa literatura nada mais eram que um dialogo burlesco e exagerado às nossas riquezas naturais. José Basílio da Gama e Santa Rita Durão foram os iniciadores dessa tendência americanizante da nossa literatura⁵¹

Seu argumento aponta para o artificialismo da literatura inaugural no Brasil, seguindo modelos externos e idealizando a realidade que aqui se plasmava. Considera o indianismo de Basílio e Durão ingênuo, seguindo Silvio Romero, e afirma que ambos eram fracos em cultura literária incapazes de produzir uma literatura épica, original, como ocorreu com os espanhóis. Apoiado em José Verissimo, Sérgio Buarque dirá que o romantismo indianista brasileiro – com José de Alencar e Gonçalves Dias – trará de fato alguma originalidade, abrindo finalmente uma nova vertente em relação ao romantismo português de Garret, herculano e Castilho. Ainda assim faz algumas ressalvas aos românticos brasileiros, que intentaram poetizar uma raça, cuja vida não tem poesia, exagerando sobremodo suas qualidades e atenuando seus defeitos.

⁵¹NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Sérgio Buarque de Holanda. IN: Idem. *Sérgio Buarque de Holanda vida e obra*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1988. p. 33.

Sérgio Buarque também estava preocupado com a criação de uma literatura nacional, com formação da identidade nacional. E volta no mesmo artigo, a apoiar-se em Silvio Romero, que considera aquela altura “o maior historiador de nossa literatura”:

A nacionalização de uma literatura, como diz o autor de *provocações e debates*, não é uma coisa para ser feita com as regrinhas de um programa. Não há quem deixe se apoiar Silvio Romero, quando este declara que o nacionalismo não é uma questão exterior, é um fato psicológico; é uma questão de ideias, é uma formação demorada e gradual de sentimentos.⁵²

Importa destacar, na passagem acima, além da questão da nacionalização da literatura, a decisiva contestação às regras e programas que desde cedo esteve no horizonte mental de Sérgio Buarque e iria aproximá-lo do projeto libertário dos modernistas, pois enxergava na ruptura com o passado e com as normas acadêmicas na arte da possibilidade de surgimento da nova literatura brasileira, realmente original, não obstante o respeito às “nossas tradições e a submissão às vozes profundas da raça”, como está escrito no fecho do ensaio de 1920.

Ainda que apoiasse o modernismo e fosse um de seus divulgadores, como atesta sua atuação na revista *Estética* e posteriormente no empenho com que se dedicou a distribuir a revista *Klaxon* no Rio de Janeiro, Sérgio Buarque não devotou apoio irrestrito ao movimento e a seus autores. Sua postura sempre se manteve crítica, atenta e coerente. Do mesmo modo que escreveu artigos elogiosos a Graça Aranha, Ronald Carvalhoe Guilherme de Almeida, também foi implacável na crítica a tais escritores, no momento em que percebeu que suas trajetórias se cristalizaram numa inequívoca feição conservadora e até retrograda, flagrantemente contrária às posturas iniciais. Especialmente no caso de Graça Aranha, que havia se tornado uma espécie de patrono do modernismo brasileiro e procurava se colocar como grande líder da empreitada, mesmo à revelia de muitos integrantes do grupo, como Mário e Oswald de Andrade, que viam com ceticismo a atuação do autor de *Canaã* no movimento de renovação literária nacional.

No artigo intitulado “Depois da Semana” que está no livro *Tentativas de Mitologia* uma das mais lucidas e despretensiosas avaliações do episódio modernista – ao lado do fundamental balanço feito por Mário de Andrade, no ensaio “O movimento modernista”, escrito 20 anos depois do evento e que está no livro *Aspectos da literatura nacional* – Sérgio Buarque demonstra o quanto havia de estratégia pessoal na tentativa de Graça Aranha em liderar os jovens escritores paulistas e como se tratava nos bastidores uma pequena luta de ideias e vaidades. Além disso, revelava uma certa desarticulação entre os organizadores da semana, enquanto projeto literário e de cultura. Ao explicar o rompimento dele e de Prudente de Moraes Neto com Graça Aranha, a partir de uma crítica a Ronald de Carvalho na segunda edição da

⁵² Idem, p. 41.

revista *Estética* demonstra como as relações e interesses pessoais ainda estavam acima de qualquer projeto estético. Outro exemplo oferecido no mesmo artigo é o da censura de Graça Aranha a um texto de Gilberto Freyre sobre James Joyce, que Sérgio Buarque queria publicar na mesma revista, por questões de filiação política.

Essa atenção constante para o novo, aliada à coerente busca pela autêntica criatividade literária e a um conhecimento amplo de autores e críticos, tanto clássicos quanto modernos, são alguns dos elementos que embasaram a atividade de Sérgio Buarque como crítico de literatura. Não seria exagero dizer que o autor dos artigos que estão organizados de modo competente e irretocável por Antonio Arnoni Prado, nos dois volumes de *O espírito e a letra*. Embora não se tenha preocupado em seguir ou erigir um método, ou uma doutrina, o que inclusive iria contra seu temperamento, Sérgio Buarque mobilizou um arsenal crítico, partindo sempre das peculiaridades da obra para discutir a própria literatura nacional, respeitando a originalidade e as idiosincrasias de cada autor, procurando chegar ao cerne de sua proposta estética, de sua contribuição à cultura. Combateu veementemente o dogmatismo e o reducionismo que fazem da obra literária um instrumento de fatores extrínsecos. Sua aproximação do texto literário sempre foi dialogante, tateante, como se a cada leitura estivesse testando as possibilidades de enquadramento, ajustando o foco, manipulando o ensaio como um experimento na linha de um Walter Benjamin.

Na apresentação de Sérgio Buarque como historiador ao livro da Coleção Grandes Cientistas sociais, da editora Ática, a professora Maria Odila Leite da Silva fala das atividades de Sérgio Buarque com a hermenêutica moderna e com a Escola de Frankfurt, influências que podemos considerar marcantes, tanto sua obra de historiador, como na atividade de crítico literário. Sérgio Buarque reconheceu em críticos como Silvio Romero e José Verissimo, no período de sua formação, as tentativas pioneiras entre nós em fazer uma leitura do texto literário que levasse em conta seus valores internos, vale dizer, que respeitassem suas especificidades estéticas, não atreladas de maneira determinista a fatores sociais, históricos, enfim, exteriores, mas também fez avançar com muita perspicácia e imensa erudição, os recursos analíticos não apenas com a teoria disponível no momento, mas agregando originalidade na abordagem de fenômeno literário. Sua crítica abordava o texto de muitos ângulos e o colocava em relação a outros textos, promovendo um amplo diálogo entre atores. Sérgio Buarque limitava a explicar um texto, promovendo e problematizando através de sua inserção no contexto e na tradição. Por isso vemos citar T.S. Eliot a Max Bense, de Mário Paz ao *new-criticism*. Muito comum flagrá-lo expondo hesitações, procurando relativizar conceitos, ou mesmo a própria hipótese interpretativa. Como quando usa a categoria da biografia romanceada para chegar a poetas do

romantismo brasileiro, especialmente Fagundes Varela. A busca de novas referências era incessante e tudo convergia para oferecer uma leitura do fenômeno literário que desse conta de sua complexidade e beleza. Apenas a meio revigorado da crise, reinstalado no Rio em 1928, sua vida de relação definitivamente havia mudado. Um povo grupo: Prudente, Sérgio e Antônio Alcântara Machado.

Conheceu Prudente na Faculdade. Prudente era carioca, fora aluno de José Oiticica no Colégio Pedro II, considerava-se anarquista como o mestre. Desiludido com o rumo do movimento – desterrado pela repressão -, acabou por aderir ao recém-criado Partido Comunista, o qual abandonou pouco tempo depois, ao ser acusado no jornal do partido de ser agente do Imperialismo. Isso porque Prudente possuía ações do Banco Mercantil, que herdara do avô.

Alcântara Machado assistiu à Semana de Arte Moderna e foi daqueles que fez bagunça na plateia, enchendo o coro dos contrários. Era orador do Centro XI de agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo. Em breve passaria para a corrente renovadora, com *Pathé Baby*, *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China*.

Sérgio Buarque de volta ao Rio, não reassumiu suas funções de crítico. Realmente, ele se afastou da contenda de artigos. Contam-se poucos, só reganharão frequência em 1940, quando veio ocupar o lugar deixado por Mário De Andrade na seção de crítica literária do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Voltou a comprar livros, retomou o trabalho de tradutor de telegramas, agora na *United Press*, trabalhando ao lado de Múcio Leão, Austragésilo de Athayde e Barreto Leite Filho.

Sente-se na escrita de *Raízes do Brasil* a dicção do novecentos, quer dizer, a maneira de escrever cheia de frases de efeito e recurso a imagens, imagino que largamente inspirado, quando à fonte brasileira, em Silvio Romero e Joaquim Nabuco. Não é curioso que o jovem que propagandeava as técnicas da vanguarda literária tenha escrito num português castiço o seu ensaio sobre a cultura brasileira?

Também não me parece que seu estilo é jornalístico, apesar de em sua carreira de tradutor, correspondente e cronista ele ter praticado a síntese e a clareza e, certamente, ter adquirido conhecimento técnico sobre a língua. A intenção em *Raízes do Brasil* é a de um discurso teórico e incisivo; mas não engatado diretamente ao abstrato, ao universal da teoria, e, sim, ao particular, de maneira metafórica, repassando poesias, notícias de jornal. Fatos da história, leis; toda essas formas diversas do particular, conjugando-se, evidenciam recorrências do mesmo, fazendo o texto voltar ao seu início: as nossas formas de ideias, instituições e convívio parecem participar de outro clima e de outra paisagem, dando consistência heterogênea ao argumento.

A dicção do novecentos, o valor de literatura, a pretensão de teorizar o Brasil – ou, no plano individual, um reencontro consigo mesmo, como um teórico -, esse ar de livro velho é de fato merecedor de exame, sobretudo porque o jogo das ideias que encadeia a exposição tem ritmo moderno. Quer dizer, o passadismo enrustido em sua prosa fica na aparência, seria antes uma marca do tempo, pois a forma é moderna. Como ele quer reconstruir o passado, tende a colar no conteúdo, dando esse ar de maneira muitas vezes propositada. O signo de modernidade mais evidente continua o recurso à sociologia comparativa de Max Weber. Que decanteia a inspiração individual para a frase pontuando-se com critérios de objetividade.

Foi em 1929 que Sérgio Buarque viajou a primeira vez para fora do Brasil. Foi para a Alemanha, atendendo a um convite de Assis Chateaubriand através dos *Diários Associados*. Tinha o propósito de visitar, além da Alemanha, a Rússia e a Polônia, e de lá remeter notícias. Foi correspondente do *Diário de São Paulo* e da *Agencia Internacional de Noticias*.

Em 17 de junho de 1929, partiu. Manuel Bandeira e Prudente de Moraes, neto foram abraçá-lo no cais.⁵³

Desembarcou em Hamburgo mas fixou residência em Berlim. Não chegou a ir à Rússia porque temeu o frio maior do que aquele que conhecera na Polônia.

Sua primeira correspondência, publicada no Rio pelo *O Jornal* em 23 de agosto de 1929, intitula-se *Através da Alemanha* e reporta-se à inquietação em todo o país pelas medidas tomadas pelo pacto de Young, que tendiam a transformar a Alemanha num mero instrumento da política e da economia norte-americana.

Como o dinheiro que recebia dos *Diários Associados* era pouco, e além do mais, as remessas, irregulares, Sérgio Buarque completou o orçamento com pequenos trabalhos, como de redator da revista bilingue *Duco*. Traduziu legendas de filmes da UFA, com destaque para *O anjo azul*, estrelado por Marlene Dietrich.

Já leu o artigo do Sérgio Buarque na revista alemã *Duco*? Refere-se se várias vezes a você e toda uma alínea é consagrada ao Macunaíma.⁵⁴

Em Berlim recomeçou a ler, e recomeçou “mal”, enfronhando-se em filosofias místicas e irracionalistas, como a de Klages, que iam pululando naqueles últimos anos da República de Weimar, já as vésperas da ascensão de Hitler. Sentia-se afundar num “beco sem saída”. Descartava o marxismo porque achava que voltar a ele seria voltar um pouco ao ambiente

⁵³ Marco Antônio de Moraes (Org.). *Correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2002. p. 442.

⁵⁴ Idem, p. 445.

intelectual que “quis deixar, deixando o Brasil”, e, ademais, representava um frustração antiga; tivera uma conversa tediosa com Otávio Brandão, do partido Comunista, anos antes, no Rio de Janeiro.⁵⁵

Melhores lembranças: a euforia boemia e mundana da República de Weimar, da entrevista com Thomas Mann e com figuras literárias de vanguarda.⁵⁶

Frequentou de maneira sistemática as aulas de Friderick Meinecke. Elas apresentavam novos caminhos. Leu Ernst Kantorowicz, a história de Frederico III, depois Sombart, e por ele chegou a Max Weber. Os livros de Weber que comprou naquela época, guardou e, hoje, são acervo da UNICAMP disponível para a consulta no centro Sérgio Buarque de Holanda.

Ia desenvolvendo sua “Teoria da América” à medida que publicava na *Duco* a revista bilingue, “tentando explicar o Brasil para os alemães”.

Quando pararam de publicar a revista, voltou ao Brasil. Trouxe na mala o caderno de anotações antigo, cheio, mais ou menos 400 páginas de rascunhos da “Teoria da América”. Nunca foram publicados, mas dois capítulos deram origem a *Raízes do Brasil*, absorvidos praticamente sem modificações.⁵⁷

Desembarcou no Rio de Janeiro de 1931.

Desde sua chegada da Europa mostrava-se desinteressado pela poesia e pela ficção. Já considerava a história como “o elo primordial das ciências humanas”.⁵⁸

Não mais frequentou, pelo menos com a mesma assiduidade, os cafés e as noitadas. Retomou a atividade jornalística nas agências *Havas*, *Agência Brasileira e United Press*. Desta última, em 1935, transferiu-se para a *Associated Press*, como redator-chefe. Ali permanecera até 1939.

P.S. Sérgio chega no dia 14 no Bagé.⁵⁹

Por ocasião da Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932, foi preso flagrado dando vivas a São Paulo em pleno mengue, junto de Tarquínio de Souza, Tristão Cunha e Ribeiro Couto.

Ao publicar em 1936 o ensaio que hoje nos parece sem verificabilidade, sem suficiente documentação, até mesmo sem clareza – sendo entretanto louvado que no seu texto a verdade se distinguia da simples argumentação pelo embalo da frase, apelando á retórica e à

⁵⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tentativas de mitologia. São Paulo: Ed. Perspectivas, 1979. p. 30.

⁵⁶ Entrevista a Richard Graham, IN: Revista do Brasil 1988. p. 104.

⁵⁷ Idem, Ibidem.

⁵⁸ NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Sérgio Buarque de Holanda. IN: Idem. *Sérgio Buarque de Holanda vida e obra*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1988. p. 17.

⁵⁹ Marco Antônio de Moraes (Org.). *Correspondência entre Mário de Andrade e Manuel bandeira*. São Paulo: Edusp, 2002. p. 455.

sensibilidade – ele, ao seu tempo, pode representar um olhar esclarecedor sobre a sociedade brasileira. *Raízes do Brasil* foi

uma tentativa de fazer alguma coisa nova, para quebrar com a glorificação patriótica de heróis do passado, para ser crítico.⁶⁰

Antes propagandeou o espírito moderno através de Marinetti, Picabia e Tzara. A campanha se estendia agora sobre o campo do ensaio brasileiro, disputando a opinião oficial sobre a nacionalidade, a um passo da historiografia, com a modernidade e a sobriedade de Weber a seu favor.

Foi o primeiro a citá-lo numa publicação. Para medir essa influencia sobre *Raízes do Brasil* é preciso contrapesá-la com a tradição brasileira que informa o livro. Conforme observava Antonio Candido, o primeiro livro propriamente sociológico, no sentido estrito da palavra, só veio a aparecer entre nós em 1939: *Assimilação e populações marginais no Brasil*, de Emílio Willems. Antes, a sociologia servia mais como “ponto de vista” do que método de conhecimento objetivo da realidade.⁶¹

O poderoso imã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem ao gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia e a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil. Antonio Candido refere-se a Silvio Romero, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Neles se combinam, “com felicidade maior ou menor”, a imaginação e a observação a ciência e a arte; essa combinação é “o traço mais característico e original do nosso pensamento”. Esse gênero de ensaio misto, “graças a seu caráter sincrético”, esboçado no século XIX, funciona como elemento de ligação entre pesquisa puramente científica e a criação literária – e conforme, certa unidade ao panorama da nossa cultura.

Localizado neste “entre dois”, o gênero brasileiro de ensaio de investigação da realidade artística, como quando no corredor de uma casa abandonada, ou divagando perdido entre as peças de um antiquário, nos deparamos com um espelho.

Se ampliarmos o espectro para a história econômica, e entenderemos o valor epistemológico de um texto para além de suas qualidade literárias, temos a possibilidade de acrescentar ao quadro o livro de Celso Furtado *Formação econômica do Brasil*, como já o fizemos no primeiro capítulo. A aproximação parece-me justificada se compreendemos a forma comum desses livros mas o de Celso Prado Jr, *Formação do Brasil contemporâneo*. São livros especiais para

⁶⁰ Entrevista a Richard Graham, IN: Revista do Brasil 1988. p. 108.

⁶¹ CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Ed. Ouro sobre azul. 2009, p. 109.

a história da cultura; poderíamos até mesmo isolá-los, como faz Paulo Arantes, sem esquecer a *Formação da literatura Brasileira* de Antonio Candido, e chamá-los de gênero de “formação”. Eles afirmam suas teses sobre a base da separação cada vez mais radical entre o passado colonial e a nação que se quer erigir, e datam a aceleração desse processo durante os anos 20 e 30 do século XX. Essa dualidade – passado colonial e futuro nacional – é, portanto, fundante para eles; a gravitação conjunta de atraso e modernidade é visada, pensada, mas formulada como recusa política – da dualidade, ou do dilaceramento social.

São um gênero específico de interpretação do Brasil, com projetos de Estado embutidos. São os seus temas: o imperialismo, o povo, as instituições, a distribuição de riqueza – sempre na chave da industrialização, propondo alianças de classes por meio da palavra Brasil. Com efeito, na sua estrutura o povo é pensado na escala da nação, em operação ideológica que desfaz as diferenças de classe a favor de uma nova historicidade.

Podemos avançar um ponto na explicação de *Raízes do Brasil*, observando que ele não é um livro tipicamente de historiografia. Porque, quando narra a evolução do Brasil, mais do que chegar ao tempo presente, ele projeta a dimensão do futuro de maneira dual. O dualismo de Sérgio Buarque move-se num estatuto particular, porque conjuga no presente o que é passado e o que é futuro, fazendo surgir a sintaxe do “isso já era assim”, donde se discerne o que no presente é fardo do passado. Por outro lado o presente, assim criticado, contraditoriamente desentranha de si uma promessa de felicidade.

Análise sociológica de *Raízes do Brasil*

Historiador ao menos por inclinação intelectual e também por profissão, tenho sido muitas vezes indagado acerca do paradoxo que haveria de no estimar-se e apropriar-se com o mesmo fervor as manifestações artísticas – e não somente artísticas- do passado e as do presente. [...] Minha resposta inevitável é de que não existe um tal paradoxo, pois, para o verdadeiro historiador, as duas tendências não se contradizem, antes se entrelaçam e se completam. A evocação dos tempos idos reclama sem dúvidas um sentimento vivo daqueles tempos, bastante vivo para criar entre o observador e o observado, entre o historiador e o objeto da história, essa corrente de simpatia que há de animar toda verdadeira compreensão. Mas o sentimento que comandará a inteligência e boa interpretação do passado é por isso mesmo, sereno e inclusivo. Fixando determinada era, ele não cuida de destacá-la das demais, em particular da era presente, para colocá-la sobre um pedestal perene. Busca, ao contrário, situa-la na corrente móvel dos acontecimentos, inseri-la no curso da história, justamente da história que se alimenta das diversidades dos tempos e das coisas.⁶²

O proeminente historiador alemão, Reinhart Koselleck em seu livro *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* que nos servirá como norteador para a discussão da temporalidade em *Raízes do Brasil*. Em *Futuro Passado*, Koselleck enfatiza as especificidades da experiência histórica moderna e o novo conceito de história, que a partir do século XVIII (Revolução Francesa) fará oposição à experiência histórica antiga (*magistra vitae*); R. Koselleck faz essa operação no seu livro tendo como finalidade a operacionalização de dois conceitos que são fundamentais para se pensar e interpretar os movimentos de conceitos na escrita da história. O primeiro conceito, definido como “espaço de experiência” ou como R. Koselleck define “a experiência é o passado tornado atual”⁶³, em uma perspectiva de que no presente se situa simultaneamente o passado, e que não somente conservado na memória, mas que também ainda possui seus efeitos no cotidiano. Como muito bem salientou o historiador Fernando Nicolazzi ao falar sobre o presente para os ensaístas brasileiros durante as décadas de 1920-30:

⁶² COSTA, Marcos (ORG.). *Para uma nova história. Textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004, p. 102. [Holanda, Sérgio Buarque de. O Senso do passado. *Diário carioca*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1952].

⁶³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto /PUC-RJ, 2006, p. 309.

O presente é algo fugidio, instantâneo, que mais do que apartar, por um corte abrupto, o passado do futuro, constitui-se como uma *justaposição desordenada das experiências vividas, sedimentadas de uma maneira caótica e sem sentido*.⁶⁴

Nesse sentido, os autores do período ensaístico no Brasil reconstróem suas narrativas ao passado brasileiro em diversas perspectivas, e de acordo com o seu diagnóstico do presente. Para Sérgio Buarque de Holanda o presente se apresenta através da “herança ibérica” que nos foi herdada pela colonização portuguesa e que marca o principal entrave do Brasil a modernidade:

No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer alguns de nossos patriotas, é que ainda nos associa á Península Iberica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, *bastante viva para nutrir até hoje uma alma commum*, a despeito de tudo quanto nos separa.⁶⁵

Nesse trecho podemos observar a recusa de Sérgio Buarque ao retorno do passado (raízes ibéricas) apontando que o autor observa o arcaísmo da colonização portuguesa como “tradição bastante viva para nutrir até hoje uma alma commum”, ou seja, a compreensão do passado só é possível para o autor através das circunstâncias do presente, um ajuste das “raízes ibéricas” no presente. Os tópicos que vão guiar a visão de passado de Sérgio Buarque são: o personalismo; a herança rural, e por último o patriarcalismo como junção dos outros dois tópicos. Assim, o passado atualizado no presente está estruturado no capítulo I (Fronteiras da Europa); capítulo II (Trabalho e aventura) e nos capítulos III e IV (Passado agrário) e (Passado agrário, continuação), respectivamente.

Ao tratar do personalismo em “Fronteiras da Europa”, Sérgio Buarque de Holanda contesta a visão de retorno as “raízes” do Brasil, de “recurso ao passado em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade”.⁶⁶ Em seguida, ele argumenta que buscar inspiração no passado, a procura de um arquétipo para a sociedade, nem sempre é um recurso legítimo; por fim o tempo da “história mestra da vida” já havia se fatigado, seguindo a percepção moderna de história de Sérgio Buarque “E será legítimo, em todo caso, esse recurso ao passado, em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade? Não significa, ao contrário, apenas um índice de nossa incapacidade de criar espontaneamente?”.⁶⁷ Sérgio faz uma crítica à fragilidade das formas de associações e de laços de solidariedade, pois segundo o

⁶⁴ NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 2-3.

⁶⁵ Buarque, Sérgio de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 15. [grifo meu].

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 7.

autor, os laços de solidariedade se dão somente no âmbito familiar e ou em círculos restritos, assim como o autoritarismo, são heranças por nós herdadas de Portugal, “hoje a obediência como princípio de disciplina parece uma forma caduca e impraticável, e daí sobretudo a instabilidade constante de nossa vida social”.⁶⁸ O personalismo trata-se de uma concepção particular de Espanha e Portugal e que fora herdada pelos países latino-americanos durante o processo de colonização, por isso o emprego da palavra “fronteira”⁶⁹ no título do primeiro capítulo. O que predominava na América Latina era a “cultura do personalismo”- por oposição as características da Europa além Pirineus:

A autarchia do individuo, á exaltação extrema da personalidade, paixão fundamental e que não tolera compromissos, só pode haver uma alternativa: a negação e a renúncia a essa mesma personalidade em vista de um bem maior. Por isso mesmo rara e difícil, a obediência aparece, por vezes, entre os povos ibéricos, como a virtude suprema entre todas [...] e não é extranhável que essa obediência- obediência cega, e que differe do ideal germânico [...].⁷⁰

A renúncia em se transformar a face do mundo, por conta do personalismo apesar de ser herança de Portugal, permanecia ativa no Brasil para Sérgio Buarque. Esse conceito de personalismo também nos remete ao segundo capítulo (Trabalho e aventura), onde Sérgio Buarque dá prosseguimento a análise da originalidade brasileira.

Ao tratar da dialética entre a colonização portuguesa (aventureiro) que ignora as fronteiras e vivem em espaços indefinidos, a esse *aventureiro* importa apenas o resultado final de sua empreitada, ou no seja “seu ideal seria colher o fructo sem plantar a arvore”.⁷¹ Já o conceito de *trabalhador*, ao contrário, tem uma visão restrita, pois se esforça mesmo em uma empreitada lenta, de demorado retorno. Para Sérgio Buarque, existia assim, “uma ethica do trabalho, como existe uma ética da aventura”.⁷² Nessa linha de raciocínio o que interessa destacar é: o amor ao ócio antes que ao negócio, e a renúncia à modificação do mundo (prolongamento do personalismo discutido no primeiro capítulo). O primeiro, “ócio que importa mais que o negócio”, é, um tema recorrente nos trabalhos de Sérgio Buarque⁷³, e em

⁶⁸ Ibidem, p. 14.

⁶⁹ Para um conceito de fronteira nas obras sergianas, Cf. WEGNER, Robert. *A conquista do oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

⁷⁰ Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 14.

⁷¹ Ibidem, p. 21.

⁷² Op. Cit, p. 21. Aqui nessa passagem fica claro a referencia de Sérgio Buarque ao trabalho de Max Weber e sua “Ética protestante e o espírito do capitalismo”. Para uma base sobre Max Weber em *Raízes do Brasil*, Cf. MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

⁷³ Para isso, Cf. WEGNER, Robert. *A conquista do oeste e a formação da mentalidade capitalista*. IN: IDEM. *A conquista do oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp. 180-205.

Raízes do Brasil ele aparece novamente como forma de perscrutar as raízes ibéricas e o passado colonial brasileiro com vistas a compreender o presente:

Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um hespanhol, que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto os povos protestantes, herdeiros nesse ponto do mundo medieval, que não desprezava o trabalho physico, elevam e exaltam o trabalho manual [...].⁷⁴

Para Sérgio Buarque seria praticamente impossível outro passado que não o ibérico, pois para o autor somente a “plasticidade portuguesa” seria capaz de amoldar-se no território brasileiro. No capítulo III, intitulado *O passado agrário*, Sérgio Buarque descortina já no início do capítulo o real interesse sobre a herança agrária no Brasil:

“O thema em si não interessa no presente estudo, a não ser pelo que esclarece sobre as origens de uma situação cuja influencia se fez sentir vigorosamente no desenvolvimento ulterior da sociedade brasileira, conforme se procurará mostrar nos capítulos seguintes”.⁷⁵

Ao apresentar o porquê do tema sobre o passado agrário, Sérgio Buarque concede no presente o momento de ruptura entre o passado e o presente. O autor elege um data fixa para isso, o ano de 1888, ano da abolição da escravatura e também o limite entre duas épocas, o “instante mais decisivo em toda a nossa evolução de povo”⁷⁶. É nesse momento que para Sérgio Buarque se começa a operar um sentido modernizador na vida social brasileira, através de um nítido deslocamento de um pólo a outro, ou do agrarismo para a “urbanocracia”. Nesse capítulo III, Sérgio começa a apresentar a transição do passado para o presente no processo de formação do Brasil, ou seja, a nossa modernização. Segundo Reinhart Koselleck a determinação de transição entre uma época e outra é marcada através de evidências:

“Um critério infalível desta mudança temporal está nos seus conceitos de movimento como indicadores da mudança social e política e como elementos linguísticos de formação da consciência da critica ideológica e da determinação de comportamento”.⁷⁷

Esses pares comparativos, entre “agrarismo” e “urbanocracia” iluminam referências entre o arcaico (passado) e o moderno (presente). Para Sérgio Buarque, o grande mito da política de base rural é a “lealdade partidária”, que explicita o apego às facções, como se estas fossem famílias. Isso é reflexo do paternalismo e do personalismo reinante nos latifúndios, o oposto ao que ocorria nas nações “socialmente mais avançadas”. O peso do ruralismo na nossa

⁷⁴ Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 21.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 56.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 43.

⁷⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto /PUC-RJ, 2006, p. 303

formação geral e na política em especial é percebido no fato de, no início das funções burocráticas e administrativas do setor público. Assim o atraso brasileiro é decorrente da vida rural, a antítese do moderno:

[...] sempre tivemos o mundo agrário como centro, ou seja, um princípio essencialmente antimoderno. Nada com efeito, mais opostos ao sentido de todo o pensamento econômico oriundo da revolução industrial e orientando pelo emprego progressivo da máquina[...].⁷⁸

Assim, para Sérgio Buarque o passado agrário da colonização portuguesa e o catolicismo foram decisivos para que o Brasil se torna-se um país atrasado tecnologicamente em relação aos outros. A centralização na produção agrária relegou o Brasil um princípio antimoderno.

Nesses primeiros quatro capítulos temos como base de estudo alguns pontos fundamentais para Sérgio Buarque: a forma de vida ruralista, visão do mundo personalista e a família patriarcal. Esses pontos constituem para o autor os traços de presentificação das tradições. Desse ponto em diante, após identificar as raízes da brasilidade, o ensaio passa a tratar da tensão entre o presente e a insinuação de modernização brasileira e posteriormente a ultrapassagem das raízes ibéricas. No centro desses impasses temporais se encontra a maior “contribuição brasileira à *civilização*” o *homem cordial*.

Uma análise sobre a temporalidade em *Raízes do Brasil* não poderia deixar de analisar a figura central da obra, o *homem cordial*, pois é nele que se corporifica a síntese do que já fora discutido sobre o passado colonial brasileiro e que aponta para as questões futuras do ensaio buarqueano. Segundo Leopoldo Waizbort o homem cordial é um ser que trespassou toda a história do Brasil:

E assim que, ao olharmos para o conceito de homem cordial, nos deparamos com todo o percurso histórico que vai da formação da cultura ibérica da personalidade até a constituição das instituições políticas do Brasil dos anos 1930.⁷⁹

O *homem cordial* é para Sérgio Buarque o resultado do passado ibérico no presente vivido, é nele que está concentrado toda a análise dos primeiros quatro capítulos de *Raízes do Brasil*. A metáfora do homem cordial “longe de ser um conceito abstrato, referia-se a um processo histórico, a certa maneira de ser no tempo”, quer dizer, “o contrário dos que interpretaram a figura do homem cordial ou do aventureiro, como expressão de uma categoria

⁷⁸ HOLANDA, Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 52.

⁷⁹ WAIZBORT, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em Raízes do Brasil”. *Revista Instituto de estudos brasileiros*. São Paulo, N48, março de 2009.

sociológica”.⁸⁰ Como exemplo entre a camada do “arcaico” para o “moderno”, e a transição da família patriarcal para cidade, assim nesse conluio temporal entre ordens distintas Sérgio Buarque avalia as relações sociais através da tradição herdada e a modernidade que surgia:

*Ainda hoje persistem, aqui e ali, mesmo nas grandes cidades, algumas dessas famílias “retardatárias”, concentradas em si mesmas e obedientes ao velho ideal que mandava educarem-se os filhos apenas para o círculo doméstico. Mas essas mesmas tendem a desaparecer ante as exigências imperativas das novas condições de vida.*⁸¹

Isso nos permite elucidar sobre o valor que tinha para Sérgio Buarque os processos de mudança no tempo, que obriga o autor a repensar o passado colonial brasileiro a partir das carências e necessidades do momento presente. No Brasil onde imperou o “tipo primitivo de família patriarcal” seria muito provável para Sérgio Buarque que o processo “modernizador” traria “um tremendo desequilíbrio social, *cujos efeitos permanecem vivos até hoje*”.⁸² O *homem cordial* produto da família patriarcal está colocado entre o passado colonial e o presente modernizador, ele sintetiza as persistências do passado, atualizado, e permite olhar adiante a partir das perspectivas atualizadas da contemporaneidade do autor.

Retomando ao trabalho de Reinhart Koselleck e do seu livro *Futuro passado*, temos com categoria meta-histórica o “*horizonte de expectativa*” é o que no presente, volta-se para o futuro, ou seja, que tem como finalidade orientar o presente abrindo caminho para o futuro. Como se fossem presságios ou amarguras apontadas para o que ainda não foi vivido, para experiências que mesmo que ainda não possam ser observadas, já se vislumbram em um futuro próximo.⁸³ Ao discorrer sobre o “tempo moderno”, R. Koselleck se utiliza do conceito de modernidade:

Para podermos chegar à experiência de *um novo tempo*, vamos recorrer a uma distinção semântica que já está presente na expressão “tempo moderno”. Esta expressão pode significar ou a simples constatação de que o ‘agora’ é novo, de que o tempo atual se opõe ao tempo passado [...] Nesse sentido se forjou a expressão ‘*modernus*’ que desde então não perdeu o significado de ‘atual’.⁸⁴

O estabelecimento de um tempo determinado exclusivamente pela história também foi resultado desse processo. Koselleck aponta, em vista disso, os critérios históricos da temporalização desse conceito de um novo tempo. Simultaneamente, “o tempo passa a ser não apenas a forma em que todas as histórias se desenrolam; ele próprio adquire uma qualidade

⁸⁰ DIAS, Maria Odila. L da. *Sérgio Buarque*. São Paulo: Atica. 1985, p. 13.

⁸¹ HOLANDA, Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 96. [grifo meu].

⁸² HOLANDA, Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 98-99.

⁸³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed Contraponto/PUC-RJ, 2006, p.309-312.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 274. [Grifo do autor].

histórica. A história, então, passa a realizar-se não apenas no tempo, mas através do tempo”.⁸⁵ A experiência da transição, por sua vez coloca duas noções especificamente temporais: “a diferença de qualidade que se espera para o futuro e, associada a isto, a mudança dos ritmos temporais da experiência: a maior rapidez com que o tempo presente se diferencia do passado”. Reinhart Koselleck demonstra nessa linha de raciocínio que, no século XVII, o primeiro conceito a receber o epíteto de moderno foi o da história e o segundo o de tempo. Por consequência, no século seguinte, ainda que existisse a tríade Antiguidade – Idade Média- Idade Moderna não se tenha imposto universalmente, vigorou, no século XVIII, “a consciência de que há três séculos já se vivia em um novo tempo, que não sem ênfase, se

distinguiria dos tempos anteriores, inaugurando um novo tempo”.⁸⁶ Outro critério para a temporalização em R. Koselleck é o tempo experimentado como “transição”, momento em que a previdência e a exemplaridade antiga perdem espaço. O tempo como transição altera-se para único e permanente, condição que se convencionou chamar de “modernidade”.⁸⁷

O teste para saber desde quando a história do seu próprio tempo passou a ser sentida como nova, no sentido enfático do termo, seria a mudança de denominação de ‘*nostrum aevum*’ [nossa era] para ‘*nova aetas*’ [nova idade], ou do tempo presente, como sempre aparece nos títulos dos livros, para novo tempo.⁸⁸

Mesmo com todas as ambiguidades e entraves, Sérgio Buarque de Holanda tem, em *Raízes do Brasil*, boas expectativas (talvez ansiedade) com os caminhos da modernização brasileira, principalmente política e cultural. Sérgio Buarque vê em curso certos processos que autorizam certo otimismo. Mas cauteloso, temendo o peso das estruturas do passado arraigadas ainda no presente, alerta para possíveis dificuldades e barreiras capazes de impedir que os “novos tempos” se realizem:

Trouxemos de terras estranhas um systema completo acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam á vida brasileira. Na verdade a ideologia impessoal e anti-natural do liberalismo democratico, com suas maiusculas impressionantes e com suas fórmulas abstractas, jamais se naturalizou entre nós [...] Só assimilamos effectivamente esses principios, até onde elles coincidirem com o nosso horror ás hierarchias, fazendo da democracia no Brasil sempre um lamentavel mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal importou-a e tratou de acomodar-se como se fosse a sua lei [...].⁸⁹

⁸⁵ Ibidem, p. 288.

⁸⁶ Ibidem, p. 278-282. Sérgio Buarque inclusive se utiliza da expressão “novo(s) tempo(s)” como título do sexto capítulo do seu ensaio. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, pp. 113-131.

⁸⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/PUC-RJ, 2006, p. 288-293.

⁸⁸ Ibidem, p. 277.

⁸⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, p. 122.

Em cena estaria a transição do “iberismo” para o “americanismo”⁹⁰ por meio do solapamento crescente das bases rurais e particularistas da velha ordem e a instauração da vida urbana e pública. O ponto central do capítulo seis intitulado, “*novos tempos*” é o aniquilamento das raízes ibéricas através do novo modelo político que começa a ser proposto através do liberalismo, apesar de que ainda se encontra resistência por parte da antiga família

patriarcal à modernização cultural e política do Brasil. A formação do Estado liberal no Brasil é analisada por Brasil Pinheiro Machado: “O aspecto dramático da história política do Brasil é que o Estado liberal não formou o povo, porque os centros de decisão, em proveito dos próprios privilégios, paralisaram os mecanismos de integração dos direitos de cidadania. E isso se tornou realidade brasileira”.⁹¹ Este Estado liberal foi uma extensão da família patriarcal vinda das castas rurais que, depois de dividirem as terras, dividiram os cargos políticos.

Sérgio Buarque ancora seu otimismo na transformação que teria se iniciado no final do século XIX e atingido o ponto culminante com o processo “embora que lento” de corrosão da velha ordem do patriarcalismo.⁹² Encontramos desde então na “fase aguda” da subversão do sistema anterior (passado colonial), cujo esteio era o maciço domínio rural e que vem sendo lentamente suplantado pelos centros urbanos.⁹³ Subversão que romperia, segundo Sérgio Buarque, a “um só tempo com o agrarismo e com o iberismo”,⁹⁴ termos sinônimos do Brasil colônia. Fica claro nessa passagem de *Raízes do Brasil* o ímpeto da ruptura pela qual experimentava o Brasil no presente:

Ainda testemunhamos *presentemente*, e por certo continuaremos a testemunhar durante largo tempo, as ressonâncias últimas do lento cataclisma, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raízes ibéricas da nossa cultura para a inauguração de um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério [...] No dia em que o mundo rural se achou desagregado e começou a ceder rapidamente à invasão impiedosa do mundo das cidades, entrou também a decair, para um e outro, todo o ciclo das influências ultramarinas específicas de que foram portadores os portugueses.⁹⁵

⁹⁰ Vimos sobre o “americanismo” no primeiro capítulo desse trabalho e como desde a crítica literária na década de 1920, Sérgio Buarque já se utiliza de conceitos que posteriormente se fizeram presente em *Raízes do Brasil*.

⁹¹ MACHADO, Brasil .P. Raízes do Brasil – uma releitura. In: *Revista Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 2, dez., 1976, p. 185.

⁹² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, p. 125.

⁹³ *Ibidem*, p. 126.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 127.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 127-128 [grifo meu].

Toda a cultura ibérica, toda a herança rural, toda a nossa formação, o passado e o presente – enfim, nada restará do velho e do atraso após o “cataclisma”. Politicamente, mesmo com o golpe avassalador desferido pela urbanização, ainda sobrevivem sinais da

ordem monárquica, sobretudo nas galas e ostentações que o Estado gosta de expor para amearhar prestígio. Essa é ainda uma herança do Império e também do iberismo português e de cujos traços não conseguimos nos desvencilhar:

A dignidade e a importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, libertam-no da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade. Se nos *dias atuais* o nosso ambiente social *já não permite que essa situação privilegiada se mantenha* e se o prestígio do bacharel é hoje *sobretudo uma reminiscência de certas condições de vida* que já não se reproduzem plenamente [...], o certo é que a maioria, entre nós, ainda pensa nesse particular pouco diversamente dos nossos avós. O que importa salientar aqui é que amor às formas fixas e leis gerais deram a origem da sedução exercida pelas carreiras liberais vinculando-se estreitamente ao nosso apego quase exclusivo aos valores da personalidade. [...] Não é outro, aliás, o motivo da ânsia pelos meios de vida definitivos, que dão segurança e estabilidade, exigindo, ao mesmo tempo, um mínimo de esforço pessoal [...].⁹⁶

Podemos notar nesse trecho de *Raízes do Brasil* que a política tornou-se totalmente artificial, alheia à “nacionalidade nova” e estranha aos interesses do país. Seus detentores se apegam a mudanças de fórmulas escritas ou dos cargos ocupados, dificultando o processo de modernização necessária ao Brasil.

“Nossa revolução” o capítulo VII e derradeiro, apresenta, por fim, as perspectivas com que o autor encerra o ensaio. Nenhuma fórmula pronta, solução definitiva ou endosso a algum projeto que pudesse conduzir o Brasil as mudanças necessárias. Segundo Robert Wegner,

Se acompanharmos o último parágrafo de *Raízes do Brasil*, não encontraremos uma conclusão fechada, um programa político sobre o que fazer- como era comum entre os autores do período-, mas que ao fim do livro, o leitor sinta a vertigem de quem percorreu um labirinto em espirais; ou então, de que, entre o virar de uma página e outra, tenha a sensação de ter movimentado um caleidoscópio.⁹⁷

O desfecho de *Raízes do Brasil*, nos ajuda a organizar uma tese central ao livro. É possível considerar como tese central do ensaio uma réplica ao desacerto entre o Brasil real e o Brasil legal, personalismo e impessoalidade, herança ibérica e modernização, na medida em

⁹⁶ Ibidem, p. 117. [Grifo meu].

⁹⁷ WEGNER, Robert. Um ensaio entre o passado e o futuro. IN: SCHWARCZ, Lilian Moritz (ORG.). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2006, pp. 336-351. (Edição comemorativa dos 70 anos da publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil*).

que se propõem a uma interpretação que abarca diversas antíteses, até mesmo a antítese temporal entre o passado, o presente, e o futuro como demonstrado nesse trabalho.

Podemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo schemas sabios e de virtude provada, mas ha de restar *um mundo de essencias mais intimas* que, esse, permanecerá sempre intacto, irreduzível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar a nosso proprio rythmo espontaneo, á lei do fluxo e do refluxo, por um compasso mechanico e uma harmonia falsa.⁹⁸

Está claro que o sentido desse lento cataclisma que está designado no subtítulo “Nossa Revolução” é o aniquilamento das raízes ibéricas (passado) de nossa cultura, seguindo o próprio percurso narrativo de *Raízes do Brasil* e do que pensava Sérgio Buarque já nos anos 1920 quando fazia suas críticas literárias. Em outros momentos ele aponta igualmente para essa questão da aniquilação das raízes: “um grande passo foi dado no sentido do desaparecimento dessas formas que chamamos de tradicionais”⁹⁹ com a substituição da lavoura açucareira pelo café já na segunda metade dos novecentos, e que foi um produto mais “democrático” em relação a *plantation* da região do nordeste brasileiro. Assim, Sérgio Buarque não pretende se “livrar” do passado, mas sim “desembaraçar-se”¹⁰⁰ dele. Sérgio Buarque propõe um *medium* entre a experiência e a expectativa-, que se encontram tencionados no presente do autor. A “Nossa Revolução” foi algo lento e moroso, que perdurou pelo menos três quartos de século:

Os seus pontos culminantes a transmissão da família real portuguesa, a independência política, a abolição e a República, associam-se como acidentes diversos de um mesmo sistema orográfico. Se em capítulo anterior se tentou fixar data de 1888 como o momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional, é que a partir dessa data tinha cessado de funcionar os freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se fez inevitável. Apenas nesse sentido é que a abolição representa, em realidade, o marco visível de duas épocas distintas.¹⁰¹

Com efeito, a partir dessa data fixa, de 1888, o autor marca as condições necessárias para o estabelecimento de um novo “estado de coisas”. Estava, assim, sendo preparado a nova ordem, uma ruptura embora lenta, decisiva para a “Nossa Revolução”, a mudança do mundo rural para o mundo urbano.

Walnice Nogueira Galvão afirmou que a obra, ao dar o pontapé inicial ao debate pelos devaneios das terras ignotas vigentes já na Antiguidade, “demonstra como à utopia paradisíaca se opõe uma fantasia demoníaca, que envolve o canibalismo, a existência de monstros e intervenção

⁹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, p. 161. [grifo meu].

⁹⁹ Ibidem. p. 137.

¹⁰⁰ COSTA, Marcos. *Escritos coligidos. Sérgio Buarque de Holanda (1950-1979)*. São Paulo: Ed. UNESP/ Perseu Abramo, 2011, p. 18. [Publicado originalmente em: Holanda, Sérgio Buarque de. *Apologia da história. Folha da manha*, São Paulo, 18 julho. 1950].

¹⁰¹ Ibidem, p. 136.

de satanás. É um monumento de erudição e gosto”¹⁰². Na opinião de Gustavo Henrique Tuna, não restam dúvidas de que a comparação entre castelhanos e portugueses junto de suas respectivas interpretações atribuídas ao Novo Mundo, configurou-se num instrumento essencial para que a obra pudesse deter-se com mais vagar na compreensão do imaginário que as populações dos países ibéricos registraram de sua presença na América. Posicionando espanhóis e portugueses em situações e lugares similares, Sérgio Buarque de Holanda demonstrou que os relatos de ambos os povos apresentavam de maneiras distintas as terras recém descobertas. Além do mais representou sua concepção dinâmica de História, posto que para ele as imagens do paraíso terreal haviam sido produzidas num fluxo de circulação de ideias ao ponto mesmo de registrar em seu prefácio à segunda edição que “assim como essas ideias se movem no espaço, há de acontecer que também viajem no tempo, e porventura mais depressa do que os suportes, passando a reagir sobre condições diferentes que venham a encontrar ao longo do caminho”¹⁰³.

No fundo esse apego ao fluxo das ideias bem se enquadra na fuga perpetrada por Sérgio Buarque de Holanda ao longo de suas publicações, ao debate de tom de predomínio marxista tão presente nos anos 1950. Nessa época tal pensamento encontrou vazão fortemente arraigada, por exemplo, em Caio Prado Júnior. Neste, já na década anterior, podia-se ler entre os escritos do seu *História econômica do Brasil* (1945) que “A decisão firme de um povo é mais forte que qualquer poder governamental”¹⁰⁴. Por conta, talvez, desses e outros apontamentos, Sérgio Buarque de Holanda não excluía, de forma definitiva, ao fim e ao cabo, a consideração do suporte material daquilo que em linguagem marxista se poderia chamar de *infraestrutura*, muito embora sua tese à cátedra da USP fizesse “cair o acento sobre as ideias ou mitos”. Seu ponto de vista, porém, julgava que mesmo entre os teóricos marxistas, há muito se condenava o tratamento simplificador das relações entre base e superestrutura que estes atribuíam a tais noções, dando-lhes um caráter demasiadamente unilateral que impossibilitava reações.

A propósito do enquadramento que se tentou operar com *Visão do paraíso* a fim de anexá-la às obras da escola francesa de historiografia que nos anos 1960-70 se chamou de História das Mentalidades, sendo *Visão*, inclusive, para os caudatários dessa tentativa, a antecipação de tal

¹⁰² GALVÃO, Walnice Nogueira. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008. p. 118.

¹⁰³ TUNA, Gustavo Henrique. Novos olhares sobre velhas fontes: Sérgio Buarque de Holanda e as crônicas de viagens em *Visão do paraíso*. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.

¹⁰⁴ PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 59

corrente historiográfica, Ronaldo Vainfas, cuja tônica pareceu ser a maior cautela possível, afirmou que pensar Buarque de Holanda em *Visão do paraíso* como uma obra que antecipa a história das mentalidades, embora seja uma tentação fácil, possivelmente não seria exato. A complexidade teórica do livro impede a classificação que se arriscando só poderia ser enquadrado no âmbito de uma história das ideias¹⁰⁵.

Para Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso* foi um trabalho exaustivo realizado durante quatro meses e que tinha por finalidade examinar:

Os esquemas medievais com ideias de paraíso terrestre, existindo atualmente: primavera eterna, longevidade, nem frio nem calor, doenças, etc. O tema constante do paraíso, com edenização do mundo, é tema constante no mundo americano – e isso está aumentando. No livro procuro explicar o que essa visão edênica implicou no descobrimento, exploração e colonização do Brasil. Cabral chegou a dizer em uma de suas cartas: “encontrei o paraíso”¹⁰⁶.

Seguindo a argumentação de Sérgio Buarque de Holanda, a gênese de *Visão do Paraíso* está nos seus estudos sobre literatura, barroco e o pensamento dos viajantes luso-brasileiros:

Visão do Paraíso era para ser um introdução a um estudo do barroco no pensamento luso-brasileiro. Mas a introdução tornou-se maior que o tema principal. E então eu tive que apresentar uma tese na universidade. Assim, apressei-me a completa-lo com o aparato erudito, pesquisando onde tinha lido esta ou aquela referência ao tema edênico¹⁰⁷

Essa transformação de suas leituras e anotações sobre literatura e o barroco na sua tese de cátedra demonstra de que forma Sérgio Buarque de Holanda considerava a historiografia e o ofício do historiador como um campo de estudo mais amplo que os historiadores da época.

Com esta tentativa de observar a conexão que o autor de *Raízes do Brasil* manteve com o mundo real na vida e na obra, merecem destaque e reafirmação os seguintes aspectos: Sérgio Buarque de Holanda escreveu para revistas e jornais majoritariamente brasileiros; a partir da década de trinta passa a expôr seu pensamento através da publicação de livros; de *Raízes do Brasil* até *Visão do paraíso*, ocupou diversos cargos públicos e trabalhou em variados ambientes, com destaque para a Universidade do Distrito Federal onde manteve contato com o professor Henri Hauser; manifestou-se em 1945 contra o Estado Novo do governo Vargas; viajou para ministrar

¹⁰⁵ VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

¹⁰⁶ MARTINS, Renato (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue, 2009. pp. 65-66.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 204-205.

conferências e lecionou como professor convidado no estrangeiro, sobressaindo sua estadia na Universidade de Roma; conheceu e trocou correspondência com o importante e renomado historiador francês Lucien Febvre; teve seu livro *Caminhos e fronteira* premiado no ano de 1958 e, no mesmo ano, defendeu sua tese *Visão do paraíso* à cátedra da Universidade de São Paulo, vindo a lecionar nesta instituição de ensino pouco tempo depois.

Na cátedra de História da Civilização Brasileira, portanto, Sérgio Buarque de Holanda trata logo de modernizá-la. Para tanto, “planeja e dirige a *História Geral da Civilização Brasileira*, para a Difusão Europeia do Livro”, que corresponderá a um dos mais grandiosos empreendimentos editoriais sobre a história do país jamais visto no mercado brasileiro até àquele momento, com publicações que foram de 1960 a 1977, resultando daí um total de 11 volumes. No bojo desse empreendimento hiperbólico, junto de outros professores catedráticos, cria em 1962 o *Instituto de Estudos Brasileiros* na Universidade de São Paulo. O IEB, como até hoje é conhecido, foi uma das mais significativas contribuições para a cultura brasileira, pois, “ao reunir diferentes cadeiras dedicadas aos estudos brasileiros, apresentava-se envolvido no propósito de tornar a USP o principal laboratório de estudos sobre o Brasil”¹⁰⁸. Dentre os objetivos do *Instituto* estavam, de um lado, a ampliação do acesso a documentos raros para a produção do conhecimento sobre o Brasil e, de outro, a proposta de uma maior integração entre as áreas do saber, pois não era atribuída precedência a nenhuma disciplina. Segundo Thiago Lima Nicodemo, a criação do IEB teve como finalidade:

Ampliação de um projeto político-institucional de estreitamento de coesão entre as unidades que compunham universidade. Entendia-se que a USP só reuniria condições de realizar um plano científico coordenado se possuísse um espaço físico comum. Sendo assim, o campus universitário, que era um projeto desde a fundação da universidade no anos de 1930, teve sua construção acelerada. O aparecimento do IEB foi altamente oportuno nessas circunstâncias, já que se baseava em uma estrutura colegiada interdisciplinar destinada a oferecer condições para a pesquisa avançada nas ciências humanas¹⁰⁹.

Mesmo tendo suas atribuições como professor na USP, Sérgio Buarque de Holanda nunca deixou de fazer suas missões de estudo e docência no exterior. Em Santiago, na Universidade do Chile, ministra curso sobre história do Brasil (1963); viaja aos Estados Unidos onde, além de

¹⁰⁸ CALDEIRA, João Ricardo de Castro. Sérgio Buarque de Holanda e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008. p. 87.

¹⁰⁹ NICODEMO, Thiago Lima. Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960. IN: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 124.

participar de seminários, realiza conferências nas Universidades de Columbia, Harvard e Los Angeles, sendo posteriormente professor visitante da Universidade de Indiana e New York State (1965); recebe convite da UNESCO para participar em Lima, no Peru, das reuniões de *Estudo das Culturas Latino-Americanas* (1967); e, num momento dramático da história contemporânea brasileira, a saber, a Ditadura Militar (1964-1985), recebe convite em 1967 para proferir uma conferência na Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro cujo tema fosse “O homem”¹¹⁰.

Dando sequência a esta biobibliografia, na década de 1960 Sérgio Buarque publicará aqui e ali um e outro trabalho na obra coletiva da *História geral da civilização brasileira* (HGCB) e permanecerá na sua direção até o ano de 1972, quando é publicado um volume inteiramente de sua autoria. Já afastado da cátedra em 1969, quando em 30 de abril, pede sua aposentadoria na USP, em solidariedade com os professores aposentados discricionariamente, na véspera, pelo AI-5, passa a trabalhar em casa a partir de 1970. É verdade que a essa altura os privilégios da cátedra já haviam sido revogados pela Constituição de 1967 e, em seu lugar, criou-se a carreira docente e os departamentos passam a ganhar espaço, estabelecidos com a Reforma Universitária de 1968. Essa reforma foi implantada sob a égide do mencionado Ato Institucional 5, uma vez que as infrações que fossem cometidas no âmbito acadêmico, consideradas pelo regime como subversivas, estavam sujeitas a ações punitivas. Segundo Rodrigo Ruiz Sanches, “Sérgio Buarque de Holanda não aceitou a exoneração de 40 colegas após o AI-5”¹¹¹ e pediu formalmente que fosse exonerado também do cargo de professor da USP.

Após sua exoneração do cargo de professor da USP, Sérgio Buarque de Holanda retoma projetos importantes ao qual estava se dedicando parcialmente durante sua atividade como docente, entre os projetos estava o sétimo volume da série *Brasil Monárquico, Do Império à República*¹¹² que é publicado em 1972 e representa o encerramento de Sérgio Buarque de Holanda na direção da HGCB que passará ao encargo do historiador Boris Fausto, que já vinha atuando como o seu braço direito. Para a historiadora Júlia Silveira Matos, em *Do Império à República* “Holanda tratou sobre as transformações sociais, econômicas e políticas brasileiras que culminaram com a Proclamação da República, apresentando como e em que circunstâncias nasceu

¹¹⁰ Série: Vida Pessoal. Convite do General de Exército Augusto Fragoso, Comandante da Escola Superior de Guerra a SBH convidando-o para que pronunciasse uma conferência com o tema “O homem”.

¹¹¹ SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita-UNESP. Tese de doutorado. 2007. p. 93.

¹¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Do Império à República* (Coleção História geral da civilização brasileira). Tomo II, v. 5. Rio de Janeiro: Difel, 1972.

a República brasileira”¹¹³; Richard Graham, por sua vez, pensa que um dos pontos altos do livro “é a análise do debate sobre a eleição direta, em que podemos acompanhar mais de perto o pensamento do autor sobre a democracia”¹¹⁴; já para Maria Odila Leite da Silva Dias, uma de suas mais destacadas alunas na USP, é um livro crítico das heranças autoritárias da política nacional¹¹⁵, sendo uma obra de forte conotação política e sociológica.

Antes de publicar seu último livro em vida, Sérgio Buarque de Holanda toma parte ainda da fundação do Centro Brasil Democrático no ano de 1977 e assume a vice-presidência deste. Tempo depois, em 1979, lança o seu livro *Tentativas de mitologia*¹¹⁶ pela editora Perspectiva, reunindo uma seleção de artigos de cunho polêmico, provenientes de seus trabalhos de crítica em jornais publicados na década de 1950.

Com uma estrutura autobiográfica a obra esclarece muitas posturas assumidas por Sérgio Buarque no decorrer de sua trajetória intelectual. Tal forma pode ser verificada quando, na apresentação da obra, Sérgio Buarque de Holanda comenta sua atitude de reunir tais artigos. Daqueles anos à data de publicação de *Tentativas de mitologia*, já haviam passado pelo menos mais de duas décadas que, por sua vez, possivelmente permitiram a Sérgio Buarque uma maior lucidez acerca daqueles momentos e daquelas polêmicas levantadas por sua crítica, a exemplo da que travou com Oliveira Vianna, acerca do uso que este fez do conceito de raça. Sobre essa discussão com Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda comentaria em uma entrevista concedida em 1981 o porquê do desentendimento conceitual sobre raça:

Sim são quase todos autores do século passado. Mesmo a documentação é muito frágil. Nos anos de 1930, no momento de *Raízes do Brasil*, era necessário criticá-lo. Criticar racismo, por exemplo. Basta lembrar que já estávamos na época do fascismo. Além disso, ele foi um dos autores das leis trabalhistas daquele tempo, de inspiração italiana. E muita gente acreditou nele. Ainda hoje Golbery acredita piamente em tudo que Oliveira Vianna escreveu...¹¹⁷.

Na década de 1980, Sérgio Buarque de Holanda se tornou membro fundador do PT que começa a surgir já em 1979, durante o *IX Congresso de Trabalhadores Metalúrgicos, Mecânicos*

¹¹³ MATOS, Júlia Silveira. *Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a história do Brasil... op.Cit*, p. 36.

¹¹⁴ GRAHAM, Richard. Dr. Sérgio: a coerência do homem e do historiador. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008. p. 112.

¹¹⁵ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994.

¹¹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

¹¹⁷ MARTINS, Renato (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue, 2009. p. 187.

e de *Material Elétrico* do Estado de São Paulo, que ocorreu em janeiro daquele ano. Em sua *Carta de Princípios* lançada propositadamente no dia 1º de maio, o Partido dos Trabalhadores rezava: “a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores, que sabem que a democracia é participação organizada e consciente e que, como classe explorada, jamais deverá esperar da atuação das elites privilegiadas a solução dos seus problemas”¹¹⁸. Desta forma o princípio estava em total acordo com as convicções expressas por Sérgio Buarque de Holanda que, anos antes, em 1976, em uma entrevista para a revista *Veja*, declarou: “No Brasil, sempre foi uma camada miúda e muito exígua que decidiu. O povo sempre está inteiramente fora disso. As lutas, as mudanças, são executadas, por essa elite e em benefício dela, é óbvio”¹¹⁹.

Contudo, se as declarações e princípios mencionados ainda vigoram ou não no Partido dos Trabalhadores, não cabe aqui discutir. O que importa, ao fim e ao cabo, é a observância do posicionamento de Sérgio Buarque cerrando fileiras com o programa, a que se fez menção, do PT da década de 1980. Neste mesmo ano recebe o prêmio de Intelectual do ano de 1979 representado pelo troféu *Juca Pato*, “concedido pela União Brasileira de Escritores e pela Folha da Manhã S.A.”. No discurso de agradecimento pelo prêmio, Sérgio Buarque de Holanda, então já auxiliado pela bengala, realizou uma confissão:

Tenho uma aguda consciência de minhas limitações pessoais como escritor, e confesso aqui, [...], que hoje, na idade que já cheguei, o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais. Faltam-me agora a presteza e, não direi a facilidade de antigamente, porque esta nunca a tive, mas a boa disposição para, começando um trabalho novo, conduzi-lo até o fim¹²⁰.

E assim o fez, pelo menos, até quando viveu, mas depois de sua morte em 1982, outros livros seus foram publicados, a exemplo de *O extremo oeste*¹²¹ *O livro dos prefácios*¹²² e, mais recentemente, *Capítulos de história do Império*. Morreu de câncer em 24 de abril de 1982 e, num modo “de familiarizar-se com a morte, de aceitá-la pondo-se no lugar daqueles que

¹¹⁸ DULCI, Luiz; SORIANO, Joaquim (Orgs.). *O PT faz história*. 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 12.

¹¹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, p. 04, 20 jan. 1976. Entrevista concedida a João Marcos Coelho.

¹²⁰ Série: Produção Intelectual. Subsérie: Originais/Monografia. Discurso proferido por SBH, quando recebeu o **Troféu Juca Pato**, como Intelectual do Ano em 1980. Fundo Sérgio Buarque de Holanda. Siarq-Unicamp. Disponível em: <http://www.siarq.unicamp.br/sbh/sbh.pi.182.p18.1.jpg> (Consultado pela última vez em: 05/04/17).

¹²¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O extremo oeste* (Obra póstuma). São Paulo: Brasiliense & Secretaria de Estado da Cultura, 1986.

¹²² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Livro dos prefácios* (Obra póstuma). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

desapareceram” Frei Betto teria dito na despedida de Sérgio Buarque que “fica tudo aquilo que ele representou e representa: sua firmeza, sua fidelidade, sua coragem sua permanente juventude”¹²³. Na sua missa de sétimo dia realizada no Rio de Janeiro, parte das palavras foram essas: “Papioto, é como teus netos te chama. Papioto quer dizer Papai Outro. É isto aí. Você foi e será para sempre o pai outro, muito grande e especial, de um mundão de jovens a quem você encontrou tempo e paciência para se dedicar”¹²⁴. Em número especial do ano de 1987 da *Revista do Brasil*¹²⁵ dedicado a Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet afirmou que Buarque de Holanda foi uma ponte entre duas gerações. Colocada essa questão, dedicar-se ao trabalho ético- intelectual de Sérgio Buarque se deve, entre outros motivos, pela necessidade de situá-lo no plano internacional dos grandes pensadores. E essa percepção de ver Buarque de Holanda como uma ponte entre duas gerações é, segundo Robert Wegner, devido ao menos por três motivos:

Primeiro: Sérgio Buarque tem um papel ativo no movimento modernista na década de 20 [...]; em segundo lugar, porque, utilizando o recurso do ensaio, escreve, na década seguinte, um dos livros considerados clássicos entre as interpretações do país – *Raízes do Brasil* (1936); e, em terceiro, posteriormente produz importantes obras dentro do cânone de história acadêmica – lembremos de *Caminhos e fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1959)¹²⁶.

Aos motivos de Wegner, acrescentaria ainda a importância da coleção *História geral da civilização brasileira*, em que o volume *Do Império à República* se sobressai, posto que inteiramente escrito por Sérgio Buarque de Holanda.

Ainda acerca do livro pioneiro de Buarque de Holanda, Maria Odila Leite da Silva Dias fornece mais motivos quando escreve que o livro “permanece atual e estão ainda pendentes, e abertos à exploração construtiva, os problemas que levantou relativos às dificuldades de transformar os costumes políticos no Brasil”¹²⁷.

Seguindo a linha de argumentação, é necessário compreender que a singularidade de *Raízes do Brasil* decorre do fato de que o referido ensaio foi vivido, antes de pensado e escrito. Portanto

¹²³ Série: Homenagens Póstumas. Reprodução aproximada das palavras proferidas por Frei Betto na despedida de SBH, por ocasião de seu sepultamento. São Paulo, 25 abr.1982. 2p. Fundo Sérgio Buarque de Holanda. Siarq- Unicamp.

¹²⁴ SILVA, Rafael Pereira da. “A morte do homem cordial”: trajetória e memória na invenção de um personagem. *Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)*. Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Tese de doutorado. 2015. p. 156.

¹²⁵ MILLIET, Sérgio. A margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (Org.). *Revista do Brasil*. Ano 3, número 6. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987. pp. 96-98.

¹²⁶ WEGNER, Robert. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.) *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008. p. 483.

¹²⁷ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda In: CANDIDO (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

antes de se trabalhar com as argumentações de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, se faz necessário compreender como sua passagem pelo campo da crítica literária foi de fundamental importância para a posterior produção do clássico ensaio de 1936.

Análise de Raízes do Brasil pelo prisma histórico

O movimento modernista, enquanto forma de consciência teria como finalidade responder essa questão. A verossimilhança da atribuição de supostas radicalidades discursivas e analíticas das páginas de *Raízes do Brasil*, se relacionam com a atitude francamente modernista que parece informar o pensamento do erudito historiador em seu livro de estreia. Em perspectiva, o que será ressaltado como elo entre a crítica literária e a militância modernista de Sérgio nos anos de 1920 e o seu livro *Raízes do Brasil* é que o ensaio de 1936 é tributário de profundas aflições que tem procedência em várias dimensões temáticas e técnicas da crítica literária e do modernismo, tanto o literário quanto no artístico. Na escrita de *Raízes do Brasil* está de forma explícita em sua composição, uma avaliação criteriosa de toda a geração modernista. No modernismo é que residem as origens da preocupação do jovem Sérgio Buarque e a matriz das ideias por ele defendidas, principalmente após 1924, quando passa a assumir uma postura de certa forma mais radical para com o movimento.

Em 1920 no seu trabalho de estreia na crítica literária, intitulado *Originalidade Literária*, Sérgio Buarque já demonstra uma profícua combinação de sofisticação analítica ao discorrer sobre a questão da “emancipação intelectual e política do Brasil”¹²⁸. Assim observemos que a questão da necessidade de uma originalidade nacional já está posta desde seu primeiro artigo.¹²⁹ Mais do que ser seu artigo de estreia na crítica literária, o artigo *Originalidade literária* é fundamental para marcar o início das preocupações subjacentes a *Raízes do Brasil*. Nesse artigo destaca-se a relação entre independência intelectual e política do Brasil, discutindo a originalidade literária (entraves que impossibilitavam que ela surgisse), a formação da nacionalidade e o americanismo. O que já está posto em *Originalidade Literária* é a questão da “incapacidade de se criar espontaneamente”¹³⁰ uma verdadeira cultura brasileira.

¹²⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. Originalidade literária. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 37. [Originalidade literária, publicado originalmente em: *Correio Paulistano*, São Paulo, 22.4.1920].

¹²⁹ “O Brasil há de ter uma literatura nacional, há de atingir, mais cedo ou mais tarde, a originalidade literária. A inspiração em assuntos nacionais, o respeito as nossas tradições e a submissão às vozes profundas da raça acelerarão esse resultado final” HOLANDA, Sérgio Buarque. Originalidade literária. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 37. [Originalidade literária, publicado originalmente em: *Correio Paulistano*, São Paulo, 22.4.1920].

¹³⁰ HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 7. Sempre que possível dei preferência para as citações como estavam na obra, como é o caso de *Raízes do Brasil* em sua primeira edição de 1936 e que está em uma ortografia muito diferente do português atual.

Ao se referir “a nossa literatura” Sérgio Buarque deixa claro já em 1920 o porquê de sermos “desterrados em nossa terra”.¹³¹ Enfim, *Originalidade literária* marca a estreia de Sérgio na crítica literária, mas mais do que isso, mostrava o jovem Sérgio Buarque (18 anos) um texto de crítica literária e história literária, coadunando já em 1920 as suas preocupações em relação: à literatura nacional, à história, política e a possibilidade de consumação de uma nacionalidade brasileira. Ainda em 1920, na seção de resenhas da *Revista do Brasil*, encontramos a resenha *Ariel* de autoria de Sérgio Buarque. Nessa resenha o autor encontra mote para dar continuidade as suas reflexões sobre “originalidade” e “emancipação intelectual e política do Brasil”. Em um tom próximo a *Originalidade literária*, Sérgio Buarque afirma que “só o desenvolvimento das qualidades naturais de um povo pode torna-lo feliz e próspero”.¹³² Em *Ariel*, o autor também chama atenção para a questão da “absorção da cultura” ao se referir ao “utilitarismo yankee” e a sua ameaça a “parasitar esta civilização já doentia e desidiosa”.¹³³ Aqui fica claro que já em 1920 a nossa herança ibérica já teria causado “estragos em demasia”¹³⁴ para que pudéssemos receber outra influencia cultural como a Norte Americana. Nesses textos aqui apresentados foi possível delinear algumas questões e ideias que se apresentam a Sérgio Buarque ainda na sua juventude e que serão posteriormente inseridas no seu livro de estreia, *Raízes do Brasil*.

Em 1924, no artigo intitulado “*O homem essencial*”, rompe com algumas tendências do movimento modernista. Ao tratar da obra de Graça Aranha, por exemplo, Sérgio Buarque estabelece uma distinção fundamental para se compreender dentro do mundo literário da época, a diferença entre a “literatura dos novos e o pensamento conservador brasileiro”.¹³⁵ Para criar uma literatura verdadeiramente nacional era preciso recorrer às nossas mais profundas origens, e o modernismo foi buscar na arte primitiva, no folclore e na etnologia a essência do povo brasileiro, e Graça Aranha se constituía como peça fundamental para a “originalidade literária”¹³⁶ do Brasil. Já em 1925 o autor de *Raízes do Brasil*, em resenha ao livro de Ronald Carvalho,

¹³¹ *Op. Cit*, p. 3.

¹³² HOLANDA, Sérgio Buarque. “Ariel”. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 44. [“Ariel”, publicado originalmente em: *Revista do Brasil*, São Paulo, 23.5.1920].

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ “Os privilégios hereditários, que, a bem dizer, jamais tiveram influencia muito decisiva nos paizes de estirpe ibérica, pelo menos não tão decisiva e profunda [...] A frouxidão da estrutura social, á falta de hierarchia organizada devem-se alguns dos episodios singulares da historia das nações hispanicas, incluindo se nellas Portugal e o Brasil” IN: HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 6.

¹³⁵ HOLANDA, Sérgio B. Um homem essencial. *Revista Estética*, Rio de Janeiro, I: 29-36, setembro de 1924.

¹³⁶ “Não sei se terei insistido suficientemente na importância da contribuição de Graça Aranha para essa maior afirmação da nossa individualidade nacional, de uma maior intimidade que o ‘espírito moderno’ já tenta efetuar entre a nossa raça e nosso meio cósmico” IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de; PRADO, Antonio Arnoni (ORG.). *O espírito e a letra. Estudos de crítica literária (1920-1949)*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 185.

faz duras críticas a alguns componentes do movimento modernistas.¹³⁷ Percebe-se, além da visão crítica reclamada pelo jovem Sérgio Buarque, a rezinga em favor da releitura crítica do passado nacional, como dizíamos de “Originalidade Literária”. Do radicalismo da semana de 1922 saem algumas das bases que deram origem ao clássico *Raízes do Brasil*. Sérgio Buarque era um crítico radical da cultura periférica no Brasil, ou seja, da suposta incapacidade de “ criar por contra própria, um substitutivo adequado, capaz de superar os efeitos de nossa natural, inquieta e desordenada herança”.¹³⁸ Em 1926, no artigo intitulado, *O lado oposto e outros lados*, Sérgio Buarque marca a ruptura definitiva com alguns próceres do Movimento Modernista.¹³⁹ Segundo Francisco de Assis Barbosa, Sérgio Buarque estava “desiludido como o movimento modernista e com a vida intelectual que lhe parecia sem sentido”.¹⁴⁰ Segundo Prudente de Moraes Neto, grande amigo de Sérgio Buarque, em *O lado oposto e outros lados* o amigo tinha como finalidade denunciar “certas fraquezas do modernismo”, pois se afinal esse pretendesse ser “um movimento de revisão cultural e uma reformulação da visão de mundo, considerava uma espécie de condescendência, por alguns próceres do modernismo terem atitudes e realizações não condizentes com a agenda modernista”.¹⁴¹ Em *O lado oposto e outros lados*, Sérgio Buarque retoma a questão da “originalidade literária”, pois nota-se que ao utilizar as expressões, “arte de expressão nacional”, “um pensamento que enfim traduzisse os anseios da literatura nacional”.¹⁴² Segundo Robert Wegner, em *O Lado oposto e outros lados* Sérgio

¹³⁷ “Daí o resumir-se seu livro em *simples esboços históricos* da nossa vida social e artística, sem maior vantagem para quem, como nós, tem tantos historiadores e *tão pouca história*. O que nos falta um pouco de espírito crítico falta também ao livro, que não consegue sequer colocar homens e fatos à vontade nos seus lugares. Sobre nossa nacionalidade, sobre nossas letras, sobre nossas artes, nada que já não tenha sido dito. E todos esses assuntos estão exigindo revisão urgente. Seria necessário estudá-los com espírito novo, ousado, irreverente, sem a menor preocupação com o que escreveram Rocha Pombo ou Sílvio Romero” IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de; PRADO, Antonio Arnoni (ORG.). *O espírito e a letra. Estudos de crítica literária (1920-1949)*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 204.

¹³⁸ HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 15.

¹³⁹ “É indispensável para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistar uma profunda sinceridade para com os outros e para consigo mesmo. A convicção dessa urgência foi para mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamamos de ‘modernismo’. Foi ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma arte de expressão nacional” HOLANDA, Sérgio Buarque. *Lados opostos e outros lados*. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 85. [“Lados opostos e outros lados”, publicado originalmente em: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11.07. 1926].

¹⁴⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. “Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*”. IN: NOGUEIRA, Arlinda Rocha (ORG.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Ed Secretaria de Estado da Cultura/ EDUSP, 1988, p. 40.

¹⁴¹ Entrevista de Prudente de Moraes Neto. “A literatura está sendo substituída por outras formas de expressão”. IN: MARTINS, Renato. *Sérgio Buarque de Holanda- encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azogue. 2009, pp. 24-25.

¹⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque. “Lado oposto e outros lados”. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, pp. 87-88. [Lados opostos e outros lados, publicado originalmente em: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11.07. 1926]

Buarque faz uma duríssima crítica ao movimento modernista e fazendo dos seus antigos amigos, novos inimigos, pelo menos no que tange ao movimento modernista. Para Robert Wegner, Sérgio Buarque colocava que o Brasil,

necessitava era dar vazão a sua espontaneidade, maneira pela qual poderia alcançar uma modernidade particular, diferente da europeia. Era preciso escutar a tradição, não educá-la. Oswald de Andrade seria o principal representante dessa visão. O primitivismo de Oswald de Andrade, era o que sondava “o momento presente do passado”, o que “agora continua a viver”, criando talvez um novo tempo verbal, o presente do passado.¹⁴³

O primeiro elo a ser ressaltado entre o ensaio de 1936 e a militância modernista de Sérgio Buarque será a aversão do autor a qualquer forma de importação de conceitos e sistemas doutrinários que sejam desarticulados com a realidade brasileira. No seu artigo de estreia em 1920, publicado no *Correio Paulistano* e intitulado *Originalidade literária*, com apenas 18 anos Sérgio Buarque já demarcaria um dos seus principais argumentos que o acompanhariam durante toda sua vida. Ao falar da “emancipação intelectual” tão necessária ao Brasil. O nível de reflexão sobre a história do Brasil e seu conhecimento na crítica literária já são evidentes desde as primeiras palavras, principalmente ao versar sobre uma literatura nacional autêntica. Ao iniciar o artigo *Originalidade literária* Sérgio Buarque atenta para uma relação de atraso entre a emancipação política e a emancipação intelectual do Brasil; para justificar seu argumento, Sérgio Buarque se utiliza de Silvio Romero (1851-1914), onde para ambos a “nacionalidade é um fator muito mais psicológico, interno e íntimo do que uma formalidade estrangeira”¹⁴⁴. O eco dessa formulação escrita em 1920 reverbera também em *Raízes do Brasil*:

Podemos ensaiar a organização da nossa desordem segundo schemas sabios e de virtude provada, mas ha de restar um mundo de essencias mais intimas que, esse, permanecerá sempre intacto, irredutível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso proprio rythmo esponteneo [...].¹⁴⁵

O historiador de tradição modernista recusa as interpretações vigentes ao afirmar que não se tratava tão - somente de aferir os êxitos e fracassos da tentativa de transplantar uma nova cultura ao Brasil, e sim de “investigar até que ponto podemos alimentar no nosso ambiente um *typo próprio de cultura, formas de convivo e a visão do mundo de que somos herdeiros e de que nos orgulhamos*”¹⁴⁶. O diagnóstico de atraso e desordem que ainda permeiam *Raízes do Brasil* em 1936, tem suas raízes colocadas a partir do ano de 1924, quando se deu início ao que

¹⁴³ CORDEIRO, Rogério (ORG.). *Crítica literária brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ateliê editorial, 2013, p. 153.

¹⁴⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. “Originalidade literária”. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 41.

¹⁴⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 161.

¹⁴⁶ Ibidem.

se chama *segundo tempo modernista*. Segundo Eduardo Jardim o próprio contexto cultural do movimento modernista apresenta o tempo como uma questão fundamental:

a constituição de uma teoria da temporalidade da vida nacional vai possibilitar a reavaliação da situação de ‘atraso’ do contexto nacional. Ela vai também fornecer as bases da definição de um tempo da modernização próprio da brasilidade.¹⁴⁷

A visão de “atraso” do relógio brasileiro em relação ao concerto internacional é uma das principais características do modernismo. Segundo Eduardo Jardim, os “retratos do Brasil”¹⁴⁸ apresentam durante os anos de 1920-1930 um duplo papel. Por um lado eles exercem a função de crítica da cultura e a inadequação dos saberes vigentes no Brasil; e por outro lado, procuram encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito e do caráter do povo brasileiro.

Assim, o presente para os modernistas era considerado uma impressão fugaz, onde ocorria uma superposição de experiências vividas que confluíam no momento em que viviam e escreviam suas obras. O que se revela então é que Sergio Buarque permanecia sintonizado com as discussões acerca da nossa *brasilidade*. Nesse ponto é que notamos em *Raízes do Brasil* o seu anseio modernista evidencia-se na tentativa de redescoberta do Brasil e na persistente busca de entendimento das razões da especificidade de nosso relacionamento com a modernidade, bem como dos obstáculos que se contrapunham à sua realização.

A busca de entendimento das razões que explicariam o abismo que nos distanciava e distinguia da modernidade europeia aprofundou-se durante o seu período de permanência em Berlim.¹⁴⁹

Considerados esses termos, cabe atentar, pois, quanto a editora que tornou o livro público. Assim, anteriormente, na *Biobibliografia de Sérgio Buarque de Holanda*, há a

¹⁴⁷ MORAES, E. J. Modernismo revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 238.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ Em 1929, Sérgio Buarque foi designado por Assis Chateaubriand para ser correspondente dos *Diários Associados em Berlim*, traduzindo as matérias sobre Brasil publicadas na Alemanha.

informação de que o livro *Raízes do Brasil* foi produzido pela Editora José Olympio, bem como *Caminhos e fronteiras* e *Visão do paraíso*. Esse dado cresce em importância na medida em que se considera o postulado segundo o qual o autor de um livro, “tal como ele faz a sua reaparição na história e na teoria literária, é, ao mesmo tempo, dependente e reprimido”¹³². A dependência do autor se deve, em primeiro lugar, por não ser ele o ordenador do sentido do texto, pois suas intenções não se impõem nem aos livreiros-editores ou aos operários que se responsabilizam pela impressão, tampouco aos leitores. E, reprimido, porque o autor tem de se submeter justamente às múltiplas determinações dos responsáveis pela produção literária, como no caso da Editora José Olympio, e dos matizes da escrita.

Com o impacto da crise econômica mundial de 1929, os livros brasileiros e, conseqüentemente as suas editoras, ganham projeção e passam a poder competir com os importados, uma vez que editoras estrangeiras chegavam a falir. “Autores, editores e público leitor compõem um sistema que funciona à base de estímulos múltiplos e recíprocos. Os novos escritos e escritores passam a contar com uma nova camada de leitores que se interessa em ler, por exemplo, sobre a decadência da velha aristocracia rural”¹³³. Não por acaso, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”¹³⁴ que, no caso do Brasil, aumenta sua tiragem de publicações até então de 350 mil para a cifra de 2 milhões de livros entre os anos de 1931 e 1937¹³⁵. Entre as editoras que se firmavam no período, figuravam a Livraria Globo, Ariel e, é claro, o editor José Olympio. Este último, que depois de se transferir de São Paulo para o Rio de Janeiro ao encalço dos autores nordestinos que ali viviam e também por se tratar da capital do país, “veio a se tornar o maior editor nacional, publicando todos os escritores importantes de seu tempo [...]. Vários autores deixam as outras editoras e vão para a José Olympio, onde passam a desfrutar da consagração que a editora confere”¹³⁶. Em 1936, portanto, é criada a *Coleção Documentos Brasileiros* e *Raízes do Brasil* seria seu primeiro volume. O coordenador da coleção, ninguém menos que Gilberto Freyre que em 1933 havia publicado o seu livro *Casa-grande e senzala* pela pequena editora Maia & Schmidt do Rio de Janeiro, escreveu que a coleção era um empreendimento que visava “corresponder não só as necessidades do estudioso, como a curiosidade intelectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu país”¹³⁷. Por si só a coleção representava o *boom* editorial do período.

Sérgio Buarque de Holanda embarcou no navio Cap Arcona em 17 de junho de 1929, tendo como destino a Alemanha Rússia e Polônia. Desembarcou em Hamburgo, mas fixou residência em Berlim. Não chegou a ir a Rússia porque temeu o frio maior do que aquele que conhecera na Polônia.

Sua primeira correspondência, publicada no Rio de Janeiro pelo *O Jornal* em 23 de agosto de 1929, intitula-se “Através da Alemanha” e reporta-se á inquietação em todo o país pelas medidas tomadas pelo Pacto de Young que tendiam a transformar a Alemanha num mero instrumento da política e da economia norte-americana.

Como o dinheiro que recebia dos *Diários Associados* era pouco e, além do mais, as remessas, irregulares, Sérgio Buarque completou o orçamento com pequenos trabalhos, como de redator da revista bilíngue *Duco* (que fazia propaganda das relações comerciais entre Brasil e Alemanha). Traduziu legendas de filmes da UFA, com destaque para o *Anjo azul*, estrelado por Marlene Dietrich.

Em Berlim, recomeçou a ler, e recomeçou “mal”, enfronhando-se em filosofias místicas e irracionistas como Klages¹⁵⁰, que iam pululando naqueles últimos anos da República de Weimar, já as vésperas da ascensão de Hitler. Sentia-se afundar num “beco sem saída”. Descartava o marxismo porque achava que voltar a ele seria voltar um pouco ao ambiente intelectual que “quis deixar, deixando o Brasil”, e, ademais, representava uma frustração antiga; tivera uma conversa tediosa com Otávio Brandão, do Partido Comunista, anos antes, no Rio de Janeiro.¹⁵¹

Na Alemanha, Sérgio Buarque ia desenvolvendo sua “Teoria da América” á medida que publicava na *Duco*, a revista bilíngue, “tentando explicar o Brasil para os alemães”:

Só quando você está longe é que consegue ver seu próprio país como um todo. Você o encara sob uma perspectiva diferente. E o Brasil não é fácil de entender; é difícil.”¹⁵²

Quando pararam de publicar a revista, voltou ao Brasil. Trouxe na mala um caderno com anotações, com mais ou menos 400 páginas escritas e com o título de “Teoria da América”. Nunca

¹⁵⁰ Para uma leitura sobre a influência de Ludwig Klages sobre Sérgio Buarque de Holanda ler: EUGENIO, João Kennedy. *Ritmo espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Teresina: Ed. UFPI, 2011. pp. 141-214.

¹⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979. p. 30.

¹⁵² GRAHAM, Richard. Uma entrevista. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.). *Revista do Brasil*-númerodedicado a Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rio-arte fundação, 1987. p.104.

chegaram a ser publicados, mas dois capítulos deram origem a *Raízes do Brasil*, absorvidos praticamente sem modificações drásticas.¹⁵³

Ao publicar em 1936 o ensaio que hoje nos parece, a nós que nos formamos no rigor universitário, sem verificabilidade, sem suficiente documentação, até mesmo sem clareza – sendo entretanto louvado no texto em que a verdade se distinguia da simples argumentação pelo embalo da frase, apelando a retórica e á sensibilidade-, ele, ao seu tempo, pode representar um olhar esclarecedor sobre a sociedade brasileira. *Raízes do Brasil* foi: “uma tentativa de fazer alguma coisa nova, para quebrar com a glorificação patriótica de heróis do passado, para ser crítico”.¹⁵⁴

“O poderoso imã da literatura”¹⁵⁵ interferia com a tendência sociológica, dando origem ao gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a sociologia, filosofia e a arte, que é “uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil”. Antonio Candido refere-se a Sílvio Romero (*História da literatura brasileira*), Euclides da Cunha (*Os sertões*), Oliveira Viana (*Populações meridionais do Brasil*), Gilberto Freyre (*Casa Grande e senzala*), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*). Neles se combinam “com felicidade maior ou menor”¹⁵⁶, a imaginação e a observação, a ciência e a arte; essa combinação é “o traço mais característico e original do nosso pensamento”. Esse gênero de ensaio misto, esboçado no século XIX, funciona como elemento de ligação entre pesquisa puramente científica e a criação literária- e confere, assim, certa unidade ao panorama da nossa cultura.

Localizado neste “entre dois”, o gênero brasileiro de ensaio de investigação da realidade significa, para o leitor atual, como quando, no corredor de uma casa abandonada, ou divagando perdido entre as peças de um antiquário, nos deparamos com um espelho.

O procedimento básico em *Raízes do Brasil* é o da reflexão; o material escolhido são as formas culturais inscritas na literatura e na evolução política. Mas, veja-se bem, as oficiais.

Por conclusão, chega-se a um conceito de Brasil trespassado de historicidade: no capítulo “Novos tempos”, apresenta nossa “formação colonial e agrária” face á “transição brusca do domínio rural para a vida urbana”.¹⁵⁷

Para fazer sua entrada no ensaio brasileiro, Sérgio Buarque pôs-se francamente a disputar opinião e desfazer ideias feitas, como bom modernista. É bom ressaltar o intuito polêmico de suas afirmações para que o caráter nacional sistematizado não passe por diletantismo ou patriotada.

¹⁵³ Idem, lbdem. p. 104

¹⁵⁴ Idem, lbdem. p. 108

¹⁵⁵ CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006. p. 136.

¹⁵⁶ Idem, lbdem. p. 137.

¹⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1995. p.188.

Sem falar difícil: *Raízes do Brasil* não é um livro de estorinha, que a gente lê “como um romance”. Os que dizem isso desconhecem a natureza da história e da própria literatura. E acabam, com maior ou menor convicção, fazendo parecer que nossa experiência intelectual é importante como pode ser o passatempo do indivíduo isolado.

Vejamos o vocabulário de *Raízes do Brasil*, firmado desde a primeira edição. Além de ideias feitas “sobre território que, povoado com a mesma densidade da Bélgica, chegaria a comportar um número de habitantes igual ao da população actual do globo”¹⁵⁸ e construções hesitantes ao julgar “não será forçoso dizer”, “pode-se dizer, sem grande prejuízo...”. percebe-se, no conjunto uma recorrência de palavras ligadas à botânica, à geologia e ao naturalismo, desde o título do livro.

O primeiro título em que pensou Sérgio Buarque foi “Corpo e alma do Brasil”. Manuel Bandeira chamou a atenção de Sérgio Buarque para um volume de cronista mundano que se chamava “Corpo e alma de Paris”. Significou uma “razão decisiva” para Sérgio Buarque mudar o título.¹⁵⁹ Digamos que ele preferiu referir-se ao Brasil como planta, ecoando a planta que deu nome ao país, o Pau-Brasil.

Assim, a “transplantação” da cultura, o “ambiente muitas vezes desfavorável e hostil”, o “fructo de nosso trabalho e de nossa preguiça”¹⁶⁰ - são fatos da trama do texto, de modo que os termos fixados pela ciência são reaproveitados como nó para a significação, funcionando no texto metaforicamente, uma síntese ao mesmo tempo da historiografia e do seu objeto, à maneira de um mimetismo.

O que parece ter prevalecido é uma crítica ao naturalismo, assumindo o vocabulário do naturalismo do final do século XIX para mostrar o esgotamento daquele ponto de vista, dos critérios de raça e da explicação climatérica. Assim, lemos na abertura do capítulo dois, “Trabalho & Aventura”, uma passagem de André Thevet, viajante francês do tempo da expansão marítima, que nos remete ao coração do preconceito naturalista. O calor do trópico como fator de degeneração do caráter e da sociedade: “o calor tão veemente do ar lhes retira o calor natural e dissipa”. Observe-se o nosso rebaixamento: isto é o contrário do que sucede com os habitantes das terras frias, os quais tem “calor natural fechado e conscrito pelo frio exterior”; e claro, “a força e faculdade de todas as partes do corpo dependem desse calor natural”, de ele permanecer dentro do corpo.¹⁶¹

¹⁵⁸

¹⁵⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979. p. 30.

¹⁶⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 3.

¹⁶¹ Idem, *Ibdem*. p. 3.

Para o âmbito da historiografia, importa notar como Sérgio Buarque tratou esse documento. Não lhe tirou a razão simplesmente. Sérgio Buarque sente no registro de André Thevet a objetivação de um pensamento cristalizado, de um senso comum da época, que fazia a imaginação repousar oferecendo-lhe uma resposta. Esse ato guarda, em certo sentido, toda sua época, melhor dizendo, todo seu entorno: o quadro psicológico do sistema colonial.

Prevalece, na exposição de *Raízes do Brasil*, a metáfora com valor de explicação. São dois núcleos de metáfora; o primeiro reúne as associações com a Colônia; o segundo, as associações com a Nação. Quer dizer, reduzido á sua estrutura mínima, vemos duas ordens de metáforas sustentar e aramar o argumento central. A primeira é de ordem climato-botânica; a segunda geológica.

Vejamos o primeiro parágrafo. Trata a civilização europeia como uma planta *transplantada* para os trópicos, e a metáfora botânica vai se desdobrando acompanhada de certo tom telúrico. Assim, todo estudo compreensivo da sociedade brasileira há de destacar o fato verdadeiramente fundamental de constituirmos o único esforço bem sucedido, e em larga escala,

“de transplantação da cultura européa para uma zona de clima tropical e sub-tropical. Sobre territorio que, povoado com a mesma densidade da Belgica, chegaria a comportar um numero de habitantes igual ao da população actual do globo, vivemos uma experiencia sem símile”¹⁶²

“Trazendo de paizes distantes as nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em um ambiente muitas vezes desfavoravel e hostil, somos ainda uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excellentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar até a perfeição o typo de cultura que representamos: o certo é que todo fructo de nosso trabalho e de nossa preguiça participa fatalmente de um estylo e de um systema de evoluções naturaes a outro clima e a outra paizagem”¹⁶³

Essas primeiras metáforas referem-se a herança ibérica, em particular, as formas de convívio e de ideias que a oligarquia criou. Sob seu signo estão os capítulos primeiro ao quinto, nos quais descreve o modo de ser dos brasileiros durante o primeiro desenvolvimento de sua sociedade. Este é o Brasil escravista da grande lavoura, destinada a servir aos mercados europeus.

“Para uns, o objecto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada – a palavra ‘aventura’ vem do latim: *adventura, advenire* – assume uma relevancia tão capital, que chega a dispensar por secundarios, quasi superfluos, todos os processos intermediarios. Seu ideal seria colher o fructo sem plantar a arvore”

¹⁶² Idem, ibdem. p. 3.

¹⁶³ Idem, lbdem. p. 3.

Longe de enfatizar os elementos primitivos ou africanos de formação da nação, Sérgio Buarque vê na tradição ibérica o elemento formador por excelência da nacionalidade. A seu juízo, “nem o contato e a mistura com as raças aborígenes fizeram-nos tão diferente dos nossos avós de além-mar como gostaria de sê-lo”¹⁶⁴.

“No caso brasileiro, a verdade por menos sedutora que possa aparecer a alguns dos nossos patriotas, é que *ainda nos associa a Península Ibérica, e a Portugal especialmente, uma tradição, longa e viva*, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum, a despeito de tudo que nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma *atual* da nossa cultura; *o resto foi matéria plástica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma*”¹⁶⁵

Remontar às raízes da cultura brasileira era tornar evidente a tradição ibérica formadora da nação – incompreendida por muitos – num momento em que ela se via ameaçada pela *americanização* do mundo. Conhecer essa *tradição de espontaneidade* era salutar numa hora em que se propunha expedientes políticos autoritários. Daí o interesse de Sérgio Buarque de Holanda em recuperar a memória da tradição oriunda dessa *região indecisa entre a Europa e a África*. Como fazê-lo sem recorrer a *indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziram a uma estrita objetividade?*¹⁶⁶

Ao esmiuçar as *formas culturais* da tradição ibérica, Sérgio Buarque distingue entre o mundo ibérico e a Europa do Norte, aludindo a condições históricas precisas: “apenas a partir da época do descobrimento Espanha e Portugal entraram de forma decidida no concerto europeu”; esse “ingresso tardio” implicou a existência, na Península Ibérica, de um “tipo de sociedade que se desenvolvia [...] quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não contivesse em germen”¹⁶⁷. É de todo significativo “a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica”, já que as sociedades ibéricas são uma espécie de “fronteira da Europa” – no sentido físico e cultural. Com a Rússia e a Inglaterra, “constituem uma zona fronteiriça, de transição, menos carregada, por isso mesmo, desse europeísmo que, não obstante, mantem como patrimônio”¹⁶⁸.

¹⁶⁴ Idem, *ibidem*. p.15.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

¹⁶⁶ Esse trecho dialoga implicitamente com Paulo Prado, que dizia considerar a história não como ressurreição romântica (Michelet), nem como uma ciência conjectural à alemã, mas como um conjunto de *meras impressões*, procurando no fundo misterioso das forças conscientes ou instintivas as influências que dominaram, no correr dos tempos, os indivíduos e a coletividade. PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1997. p. 186.

¹⁶⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 4.

¹⁶⁸ Idem, *Ibidem*.

O mundo ibérico é caracterizado por uma sociabilidade cujo centro são os valores de honra e mérito pessoal, a repulsa ao trabalho e o cultivo do ócio como sinal de distinção, um personalismo que inibe a associação e a solidariedade de interesses; o Estado constitui a única força (além da igreja) que parece unir esses membros desconjuntados num todo orgânico. Ora, tais características são de extrema importância para que se considere a questão da diferença brasileira como uma modulação da tradição ibérica.

A base das “formas culturais” *nessa região indecisa entre a Europa e a África* é o personalismo, que nenhum outro povo desenvolveu em grau tão elevado, ao qual *devem espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional*. Para os ibéricos o valor de um homem mede-se pelo grau de autonomia que ostenta. A esse personalismo é atribuída “a singular tibieza das formas de organização [...] que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo durável, a não ser por uma força exterior e respeitada”¹⁶⁹. Portanto, “a frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil”¹⁷⁰.

Para Sérgio Buarque, a falta de coesão em nossa vida social não representa um fenômeno novo, mas sim que tem suas raízes fincadas na tradição ibérica e na sua cultura personalista. Nesse mesmo tom, Sérgio Buarque faz um longo arrazoado em que reverbera os *inconformados* com a “anarquia” brasileira. *Erram profundamente aqueles que imaginam na volta a certa tradição a única defesa contra nossa desordem*, que não é senão a expressão de uma tradição viva, livre de artifícios, a espontaneidade de uma cultura fiel a si mesma. A falta de coesão da vida social no Brasil apenas prossegue a tradição ibérica formadora da nação:

“E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta á tradição, a certa tradição, a unica defeza possivel contra a nossa desordem. Os mandamentos e as ordenações que elaboraram esses eruditos são, em verdade, criações engenhosas do espirito, destacadas do mundo e contrarias a elle. Nossa anarchia, nossa incapacidade de organização solida, não representam a seu ver mais do que uma ausencia da unica ordem que lhes parece necessaria e efficaz”¹⁷¹

O tema fora discutido em “Lados opostos e outros lados” (1926), texto polêmico em que criticava o ideal de construção que alguns queriam impor à arte brasileira. Essa, dizia ele, “não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa

¹⁶⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 6.

¹⁷¹ Idem, *Ibidem*.

indiferença”¹⁷² – dessa forma ele proclamava sua fé nas forças vivas da tradição espontânea da nação. E reclamava de quem queria nos impor uma hierarquia, uma ordem:

“Para eles [...] nós nos agitamos no caos nos comprazemos na desordem. Desordem do que? É indispensável essa pergunta, porquanto a ordem perturbada entre nós não é decerto, não pode ser a nossa ordem; há de ser uma coisa fictícia e estranha a nós, uma lei morta, que importamos, senão do outro mundo, pelo menos do velho mundo [...] O erro deles está nisso de quererem escamotear a nossa liberdade que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais considerável”¹⁷³

A semelhança entre esses dois textos, separados por dez anos e dirigidos a interlocutores diferentes, evidencia que de certa forma o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda não havia mudado tão profundamente. O artigo de 1926 destinava-se a modernistas e intelectuais, enquanto que os destinatários do trecho de *Raízes do Brasil*, eram os integralistas e católicos autoritários, como Tristão de Athayde e Otávio de Faria, criticados anteriormente por Buarque de Holanda. Na verdade, é uma crítica a todo discurso organizado entorno da noção de *tradição como ordem*. Assim, ele se dirige do mesmo modo a todos que tentam aperfeiçoar a sociedade brasileira: caso de intelectuais como Paulo Prado, Manoel Bomfim ou Monteiro Lobato, todos ferozes adversários da herança ibérica e que tinham como sonho a “ocidentalização” do Brasil a partir de um padrão normativo de civilização: Estados Unidos.

Sérgio Buarque pensava diferente, o que para os outros era “anarquia”, para ele significava a espontaneidade da nação, a única e legítima ordem brasileira, derivada da tradição ibérica – na verdade, portuguesa – que não conheceria muita regulação ou controle. Centrando-se na herança ibérica, Sérgio Buarque de Holanda ressalta a tibieza de suas formações associativas aliada a uma maleabilidade social: lá os princípios hereditários não conheceram influência tão decisiva como alhures. “Os elementos anarchicos sempre fructificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolencia displicente das instituições e costumes”¹⁷⁴. O princípio da hierarquia, sempre vinculado a privilégios, não teria criado raízes entre os ibéricos, prevalecendo o prestígio pessoal.

No capítulo 2, intitulado “Trabalho e aventura”, Sérgio Buarque de Holanda desenvolve sua análise da originalidade brasileira, considerando o tipo de colonização empreendida pelos portugueses. “Essa exploração dos tropicos não se fez, é verdade, por um empreendimento methodico e racionalizado, não emanou de uma vontade constructiva e energica: fez-se antes com desleixo e certo abandono”¹⁷⁵. Isso, porém, não justificaria a “opinião extravagante” dos que

¹⁷² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Originalidade literária. In: PRADO, Antonio Arnoni. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária (1920-1947)*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p. 226.

¹⁷³ Ibidem.

¹⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 6.

¹⁷⁵ Idem, p. 19-20.

optariam de bom grado pelo triunfo da colonização holandesa. Porém, antes de examinar a questão, bem como as determinantes psicológicas da empreitada portuguesa no Brasil, Buarque de Holanda lança mão dos “tipos ideais” weberianos para distinguir duas éticas. Esses dois tipos ideais encarnariam no *aventureiro* e no *trabalhador*. O *aventureiro* ignora fronteiras e vive de espaços ilimitados. A ele importa sobretudo o resultado final, desatento às ações intermediárias necessárias para alcançar a meta. “Seu ideal seria colher o fructo sem plantar a arvore”¹⁷⁶. O *trabalhador*, ao contrário, vê sobretudo a dificuldade a superar, num esforço “lento, pouco compensador, e persistente, que no entanto mede as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem um sentido bem nítido para elle”¹⁷⁷. Refinando seu pensamento, Sérgio Buarque afirma não haver, entre os dois tipos, tanto oposição como incompreensão. “Ambos participam em maior ou menor grau de multiplas combinações e é claro que, em estado puro, nem o aventureiro, nem o trabalhador, possuem uma existencia real, fora do mundo das idéias”¹⁷⁸.

“Na obra da conquista e colonização dos novos mundos coube ao espirito de trabalho, no sentido aqui compreendido, um papel muito limitado, quasi nullo”¹⁷⁹. A ânsia de prosperidade sem custo, distinção social e riqueza fácil seria uma faceta típica do tipo ideal aventureiro que, entre vários fatores, “como as raças que aqui se chocaram, os costumes que nos trouxeram, as condições mesológicas e climatericas que exigem longo processo de adaptação, elle foi o elemento orchestrador por excellencia”¹⁸⁰. Sérgio Buarque de Holanda nesse trecho dialoga implicitamente com Gilberto Freyre (menção ao choque de raças), Oliveira Vianna (alusão as condições climáticas e mesológicas) e Paulo Prado – que também grifara o cunho aventureiro da exploração portuguesa. Ao tratar da forma do latifúndio no Brasil, o autor nega que ele seja fruto original do meio brasileiro, numa crítica tácita a Oliveira Vianna. Para Vianna, “rural é o luso: mas o luso não conhece a grande propriedade, formada na imensidão do Novo Mundo. É o homem do pequeno domínio, filho de uma sociedade vicinal e urbaniza a aldeia. Nós somos o latifúndio”¹⁸¹. Em resposta, Sérgio Buarque diz: “a verdade é que ella [grande propriedade] nos veiu prompta e acabada do Reino. Aqui apenas se apurou devido a escassez dos generos, a necessidade de vigilancia continua contra o inimigo”¹⁸².

¹⁷⁶ Idem, p. 21.

¹⁷⁷ Idem, *Ibidem*.

¹⁷⁸ Idem, p. 22.

¹⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁸⁰ Idem, p. 24.

¹⁸¹ VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais (volume 1)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra. 1973. p. 53.

¹⁸² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 26.

A diferença de argumentação é relevante, enquanto Vianna atribui o latifúndio como um produto do Novo Mundo, Sérgio Buarque entendia que tal originalidade advinha das raízes ibéricas e que, sem grandes rupturas e apenas se moldou as condições aqui encontradas. O predomínio esmagador do ruralismo foi um fenômeno típico do “esforço do colonizador” português. Todavia, não se deu sob o modo de uma “imposição fatal do meio durante longo processo de adaptação”¹⁸³. Na verdade, não foi preciso que os portugueses se transportassem ao Brasil, e sofressem influência de nosso meio, para conhecerem o desequilíbrio entre os centros urbanos que ele chama de “mirrados e miseráveis” e as propriedades rurais, ao contrário, “prosperas e opulentas”. Existia em Portugal antes de existir entre nós, conferindo passado à ética da aventura.

Eram inaptos para “fundar a prosperidade da terra nas bases que lhe seriam naturaes, como, bem ou mal já o tinham feito os portugueses”¹⁸⁴. Tais bases são a plasticidade social e a dominação oligárquica e patriarcal “ao contrario do que sucedeu com os holandeses, o português entrou em contacto intimo e frequente com a população de cor e a paisagem. Mais que nenhum outro povo da Europa, elle cedia com docilidade ao prestigio communicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros. Americanizava-se ou africanizava-se conforme fosse preciso. Tornava-se negro, segundo a expressão consagrada da Costa da África”¹⁸⁵. A proximidade social entre senhores e escravos, motivada pela *ausência de qualquer orgulho de raça* entre portugueses era um *topos* difundido que se encontra em Paulo Prado, Oliveira Vianna, mas principalmente em Gilberto Freyre¹⁸⁶. Esse foi um traço da dominação portuguesa, a plasticidade social do dominador.

Um corolário da plasticidade social dos portugueses era a “ausência completa, ou praticamente completa, entre eles, de qualquer orgulho de raça” - ao menos do orgulho desatinado, característico dos povos do norte, o se explicaria, pelo menos em parte, a facilidade dos portugueses em se misturar com outras raças.

¹⁸³ Idem, p. 55.

¹⁸⁴ Idem, p. 37.

¹⁸⁵ Idem, p. 38.

¹⁸⁶ Oliveira Vianna não dá crédito à ideia de que os portugueses constituem um povo mestiço. Mas deixa de indicar a proximidade que, a seu ver, existia entre os senhores e os escravos. “Nunca tivemos aristocracia de raças. Pelo contrário, o nosso povo caldeia-se e funde-se sem lutas étnicas flagrantes. Mistura cedo o sangue latino e o sangue bárbaro do índio e do negro. Na vida das fazendas, nossa bondade natural adoça o trato dos escravos. Esses são como membros da família e quase sempre ligados aos fazendeiros por terna afetividade”. VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra. 1973. p. 264. Não obstante as reticências afirma Paulo Prado: “entre nós, a mescla se fez aos poucos, diluindo-se suavemente pela mestiçagem sem rebuço. O negro não é um inimigo; viveu, vive, em completa intimidade com os brancos e os mestiços que já parecem brancos. Nascemos juntos e juntos iremos até o fim”. PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1997. p. 190.

Espirito de aventura, cultura de personalidade, plasticidade social e base agrária desenharam o perfil da sociedade brasileira até o século XIX:

“toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fóra das cidades. Esse facto é do mais vivo interesse para quem queira comprehender um estado de coisas, que em seus aspectos essenciaes prevaleceu até o final da monarchia ou, mais precisamente, até a abolição da escravidão”¹⁸⁷

O ano de 1888 teria segundo Sérgio Buarque de Holanda, uma “transcendência incomparável” para a sociedade brasileira, por assinalar o desfecho de uma série de transformações que vinha se processando desde meados do século XIX. Antes de falar de tais mudanças, se faz necessário caracterizar a sociedade agrária no entendimento de Sérgio Buarque de Holanda.

No Brasil, seria possível falar de uma “dependência das cidades com relação aos domínios rurais”, sobretudo durante o Império, mas como fato real e muito sensível durante o período colonial. Como pode-se notar o diálogo entre Sérgio Buarque e Oliveira Vianna sobre a sociedade agrária está presente de forma explícita em *Raízes do Brasil*, seja pela comunhão ou pela divergência de ideias. Isso pode ser ilustrado com três exemplos. O primeiro é o tratamento semelhante que os dois pensadores tem sobre a *ditadura dos domínios rurais sobre as cidades*, onde os senhores rurais exerciam as funções importantes na Câmara Municipal. Segundo Sérgio Buarque de Holanda,

“não admira, assim que fossem elles, praticamente os unicos verdadeiros cidadãos na colonia e que nella se tenha creado, assim, uma situação característica da antiguidade clássica, mas que a Europa – e mesmo a Europa medieval – já não conhecia”¹⁸⁸

A ênfase tanto do autor de *Raízes do Brasil* quanto de Oliveira Vianna recai sobre o caráter pouco diferenciado da sociedade brasileira e na concentração de poder político e econômico nas mãos dos latifundiários¹⁸⁹. Além disso, cada um à sua maneira, eles insistem na singularidade da população brasileira. Para Sérgio Buarque de Holanda, até a mudança da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, *a colônia constituiu uma estrutura social peculiar*, se comparada aos demais países americanos, mesmo aqueles apoiados no trabalho escravo. Isso porque a regra, em todo o mundo, sempre fora a prosperidade das comunas se realizar mediante a exploração de centros de

¹⁸⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 43.

¹⁸⁸ Idem, p. 51.

¹⁸⁹ Para Oliveira Vianna, o latifúndio e a escravidão inibem a diferenciação e o conflito de interesses que deram às comunas europeias uma cultura política de autonomia. No Brasil, especialmente durante o período colonial, as cidades seriam unicamente extensão do poder dos senhores rurais, assentado no latifúndio e na escravidão, o que tornava as Câmaras Municipais caricaturas de autogoverno comunal – na verdade, “o governo local não tem função própria. Instituído, transforma-se naturalmente em órgão de interesses privados, arma poderosíssima, posta imprudentemente nas mãos dos caudilhos de aldeia”. VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais*. Op. Cit. p. 241.

produção agrícola. Entre nós, isso não era possível dado o precário incremento dos centros urbanos no Brasil durante o período colonial. Ilustrando a afirmação, Sérgio Buarque de Holanda comenta (citando Max Weber) que o “cidadão típico da antiguidade” consumia produtos de suas próprias terras, mas por habito não residia nelas. Já os senhores rurais no Brasil habitavam nas terras dedicadas à lavoura. Isso sem dúvida colaborou para a “mesquinhez urbana que contrastava o esplendor rural da sociedade”¹⁹⁰.

Porém, se para Oliveira Vianna a experiência brasileira é “sem símile” e rompe inclusive com parte significativa da tradição ibérica, isso ocorre por causa do meio americano, de sua imensidão. De acordo com ele, o grande domínio rural, com sua população de agregados; com seu quadrilátero de senzalas, com sua grande cultura tropical e sua enorme escravaria – é um *produto brasileiro* que se distingue do solo peninsular. A disponibilidade de terra no Continente Americano fora o diferencial em relação à Europa com suas terras escassas. Já para Sérgio Buarque de Holanda ao tratar da *originalidade brasileira*, não o faz nos mesmos termos do intelectual fluminense. Para Sérgio Buarque a sociedade brasileira é filha direta da tradição ibérica, antes que do meio; pujança rural e mesquinhez urbana teriam vindo com o português, a seu ver, a comparação com o esforço holandês – com sua obsessão pela rápida urbanização – seria suficiente para descartar a hipótese de que o meio impunha a constituição de uma sociedade totalmente agrária como pensa Oliveira Vianna. Em suma, para Sérgio Buarque:

“O predomínio esmagador do ruralismo, segundo todas as apparencias, foi antes um phenomeno typico do esforço colonizador dos portugueses do que uma imposição fatal do meio durante longo processo de adaptação. E vale a pena assignalar-se isso, pois parece mais commodo, e talvez mais lisongeiro á vaidade nacional de alguns, a crença, nesse caso, em certa mysteriosa “força centrifuga” propria ao meio americano e que tivesse compellido nossa aristocracia rural a abandonar a cidade pelo isolamento dos engenhos e pela vida rustica das terras de criação”¹⁹¹

A originalidade da sociedade agrária brasileira com relação aos demais países americanos não implicaria ruptura com a tradição portuguesa, que conhecia o desequilíbrio entre os “centros urbanos mirrados” e as “propriedades rurais opulentas”.

O capítulo cinco sobre o “homem cordial”, traz uma análise do *ethos* formado no processo de colonização. Prosseguindo as observações finais do capítulo quatro, Sérgio Buarque de Holanda nota que, “ao contrário do que presumem alguns teóricos”, o *Estado não constitui uma ampliação do círculo familiar*. “Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma

¹⁹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 53.

¹⁹¹ Idem, p. 55.

descontinuidade e até uma oposição”¹⁹². No caso do Brasil, essa questão não era teórica: a ordem familiar modelou a vida política, a partir do “predomínio quasi exclusivo, em todo mecanismo social, dos sentimentos próprios á comunidade domestica, naturalmente particularista e anti-politica, uma invasão do publico pelo privado, do Estado pela familia”¹⁹³.

A sociedade brasileira era o oposto de uma sociedade racionalizada, e aí residia o embaraço, pois “só pela superação da ordem domestica e familiar é que nasce o Estado e é que o simples individuo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutavel e responsavel ante as leis da Cidade”¹⁹⁴. Sérgio Buarque observa ainda que esse fato indica um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e que a oposição entre duas ordens de lei é perfeitamente expressa na *Antígona* de Sófocles. “Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a familia”¹⁹⁵. Ao juízo de Sérgio Buarque, o conflito entre Creonte e Antígona é o paradigma do processo pelo qual a lei geral do Estado suplanta a lei particular do círculo familiar.

Esse é precisamente o inverso do que ocorre no Brasil. Aqui, a sociedade formou-se por meio da colonização “espontânea”, cujo centro era a família patriarcal; sofreu, por isso, rude golpe com o processo de urbanização, a qual “não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades”.

Destarte, a sociabilidade brasileira, centrada nos laços de sangue e de coração, imiscuía-se no interior do próprio Estado e, por isso, tinha-se o “funcionário patrimonial” em vez do “burocrata”. A partir já da escolha das pessoas para os cargos públicos, feita de acordo com o critério da lealdade política. Retomando o pensamento de Max Weber, Buarque de Holanda discrimina o tipo de procedimento do “funcionário patrimonial”:

“Assim, elles se caracterizam justamente pelo que separa o funcionario ‘patrimonial’ do puro burocrata, conforme a definição de Max Weber. Para o funcionario ‘patrimonial’, a propria gestão politica apresenta-se como assumpto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os beneficios que deles aufere, relacionam-se a direitos pessoas do funcionario e não a interesses objectivos, como succede no verdadeiro Estado burocratico, em que prevalecem a especialização das funcções e o esforço para se assegurarem garantias juridicas aos cidadãos”¹⁹⁶

¹⁹² Idem, p. 93.

¹⁹³ Idem, p. 89.

¹⁹⁴ Idem, p. 94.

¹⁹⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁹⁶ Idem, p. 100.

À sociabilidade ou *ethos* forjada no processo de colonização, Sérgio Buarque denomina, “cordialidade”. A cordialidade abrange todos os domínios da vida social, tonando-se expressão da originalidade brasileira, que se caracteriza por traços típicos – como lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, a informalidade – que formam “um aspecto bem definido do caráter nacional”. Para tentar decifrar o homem cordial de Sérgio Buarque, Pedro Meira Monteiro se utiliza de uma dicotomia muito válida: homem formal e o homem cordial.

“O homem ‘polido’ se comporta formalmente, desenvolvendo as fórmulas da civilização como um escudo, ao resguardá-lo frente aos outros homens. Destarte, a vida em sociedade torna-se ritualizada, com o ritual garantindo o resguardo da própria individualidade, ocultada e protegida sob a capa da civilidade [...] Já o homem cordial é a antítese do homem formal. Preso ainda às malhas acolhedoras da família, ele não precisa afirmar-se como indivíduo, fora dela. Sendo a sociedade, no Brasil, como um imenso prolongamento do terreno doméstico, ele viverá sempre sob a sombra do pai, dos irmãos, dos tios, dos primos, dos padrinhos, da gente que ele conhece e estima”¹⁹⁷

Enquanto a civilidade possui um aspecto coercitivo, a cordialidade é um viver informal por excelência. A polidez é uma espécie de organização de defesa ante a sociedade, um disfarce que permite a cada um preservar intacta sua sensibilidade e suas emoções. Essa padronização de formas exteriores da cordialidade – que não precisam ser legítimas para se manifestar – “revela-se um dos mais decisivos triunfos do espírito sobre a vida”¹⁹⁸.

Ao mesmo tempo, o homem cordial tem pânico de viver consigo mesmo, “em apoiar-se sobre si proprio em todas as circunstancias da existencia”. Ademais, “sua maneira de expansão para com os outros reduz o individuo, cada vez mais, á parcella social [...]”¹⁹⁹. Esse abandono à proximidade nas relações sociais contrasta vivamente com a polidez, pela qual o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. A “cordialidade” se exprime em peculiaridades da língua coloquial, por exemplo “a terminação ‘inho’ apposta ás palavras, serve para familiarizar-nos mais com os objectos e, ao mesmo tempo, para dar-lhes relevo”²⁰⁰.

A “cordialidade” dá continuidade ao personalismo do mundo ibérico. Se, como diz Sérgio Buarque de Holanda, o agrarismo da sociedade brasileira não rompe com a tradição ibérica, a cordialidade seria uma modulação do iberismo. Ela não deixa de se relacionar com a busca pela distinção e o desprezo ao trabalho manual, estimulado pela escravidão. Para Sérgio Buarque o ruralismo é originário da Península Ibérica, a ética da aventura teria sido o elemento orquestrador por excelência da colonização. Para Sérgio Buarque o “homem cordial” era um “pobre defunto”,

¹⁹⁷ MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999. p. 195.

¹⁹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 102.

¹⁹⁹ Idem, pp. 102-103.

²⁰⁰ Idem, p. 104.

esse foi o termo usado por Sérgio Buarque no bojo da polêmica sobre a semântica da palavra cordial em uma carta endereçada a Cassiano Ricardo, e o historiador frisa que a cordialidade não parecia uma virtude definitiva da sociedade brasileira:

“Associo-a [cordialidade] antes a condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando. Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana, o homem cordial acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E às vezes receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto”²⁰¹

Se o “homem cordial” é vítima do processo de urbanização no Brasil, esse é justamente o tema principal dos dois últimos capítulos de *Raízes do Brasil*, quando Sérgio Buarque analisa a urbanização e uma lenta “revolução” que ocorria na sociedade brasileira. Em uma entrevista ao jornalista João Marcos Coelho, publicada na *Revista Veja* em 1976, Sérgio Buarque afirma que a ideia básica de *Raízes do Brasil* era: “a de que nunca houve democracia no Brasil, e de que necessitávamos de uma revolução vertical, que realmente implicasse a participação das camadas populares”²⁰².

Para Sérgio Buarque, o ano de 1888 é o “marco decisório entre duas épocas”, marcando o início de nossa revolução. É nesse momento que o Brasil começa a se distanciar de suas origens ibéricas, para se aproximar do americanismo. A partir de 1888, ocorrem mudanças fundamentais, um passo decisivo para isso segundo Sérgio Buarque é o declínio das formas tradicionais como a lavoura de cana-de-açúcar e sua substituição pelo café, essa “planta democrática”.

“Acomodava-se, além disso, sem maiores dificuldades, a um typo de organização de onde estivesse excluído o braço escravo. A relação de dependencia que se começara a estabelecer entre as zonas ruraes e as cidades firmou-se ainda mais nas areas cafeeiras devido ao facto de se dissiparem nellas os obstaculos á especialização, por ser menos complexo o campo de trabalho, argumentando-se, em consequencia, a necessidade de recurso aos centros urbanos na procura de mantimentos que outr’ora eram produzidos de sobra no proprio sitio”²⁰³

A partir de 1888, o domínio político e econômico não está mais no meio rural segundo o autor de *Raízes do Brasil*, mas sim teria sido transplantado para os centros urbanos, que passam de meros complementos do mundo rural para se tornarem independentes, passando a abastecedores dos domínios rurais. Especialmente importante nesse quadro também foi a proibição do tráfico de

²⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição crítica: 1936-2016. São Paulo: Cia das letras, 2016. p. 400.

²⁰² MARTINS, Renato (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue, 2009. p. 85.

²⁰³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.p. 139.

escravos, que tornou disponíveis imensos capitais para novos investimentos. Assim, se a data da abolição assinala o fim do predomínio agrário, o quadro político republicano constitui uma tentativa de responder à conveniência de uma forma adequada para a nova composição social. “Existe um elo secreto estabelecendo com esses dois acontecimentos e numerosos outros uma revolução lenta, mas segura e concertada, a única que, rigorosamente, temos experimentado em toda nossa vida nacional”²⁰⁴.

Essa revolução silenciosa foi um processo demorado que durou perto de três quartos de século, cujos marcos visíveis são a transmigração da Corte Portuguesa, a Independência, a Abolição e a República. Portanto, o ano de 1888 não deve ser tomado isoladamente como um marco inaugural de fundação, mas sim como sinal do “momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional, é que a partir dessa data tinham cessado de funcionar os freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se faz inevitável”²⁰⁵. Esses “freios tradicionais”, cuja falência a abolição consagrou, são os mesmos a que se referiu o autor no primeiro capítulo. A falência desses “freios” seria responsável pela “instabilidade constante de nossa vida social” desde então. Essa revolução que não cessou de subverter as bases da vida nacional ainda tinha seus efeitos práticos no presente, segundo Sérgio Buarque:

“Ainda testemunhamos presentemente, e por certo continuaremos a testemunhar durante largo tempo, as ressonâncias últimas do lento cataclysmo, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raízes ibericas de nossa cultura para a inauguração de um estylo novo, que chismamos talvez illusoriamente de americano, porque os seus traços se accentuam com maior rapidez em nosso hemispherio”²⁰⁶

A República foi a forma exterior dessas mudanças e ela, que apenas criou uma plutocracia, ignorou o esteio dos velhos senhores rurais; reduziu-se melancólico silêncio “a casta de homens que no tempo do Imperio dirigia e animava as instituições, assegurando ao conjunto nacional uma certa solidez organica, que nunca mais foi restaurada”. Com um porém: “a urbanização continua, progressiva, avassaladora, phenomeno social de que as instituições republicanas deviam representar a forma exterior complementar, destruiu esses poderoso esteio rural que fazia a força do regime decahido, sem lograr substituil-o por nada de novo”²⁰⁷.

Para ilustrar o argumento, diz-se que “o Estado brasileiro preserva como reliquias respeitaveis algumas das formas do systema tradicional depois de desaparecida a base que os sustentava”²⁰⁸,

²⁰⁴ Idem, p. 135.

²⁰⁵ Idem, p. 136.

²⁰⁶ Idem, p. 137.

²⁰⁷ Idem, p. 141.

²⁰⁸ Idem, *ibidem*.

a exemplo da precocidade e requinte do aparelhamento de Estado. Buarque de Holanda julga que o “Estado, entre nós, de facto, não precisa e não deve ser despotico – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso genio – mas necessita de pujança e de compostura, de grandeza e de solicitude”²⁰⁹. Só com esses atributos o Estado poderia conquistar uma força assombrosa em todos os setores da vida nacional. Para Sérgio Buarque, somente o “Império brasileiro realizou isso em grande parte”²¹⁰, deixando na sua narrativa de *Raízes do Brasil* uma crítica explícita sobre o regime republicano e os seus limites de representar verdadeiramente o espírito brasileiro.

A realização desse ideal durante o período imperial, deveu-se em boa medida segundo Sérgio Buarque, a sintonia existente entre as instituições e as condições concretas de vida social, de que é exemplo o liberalismo da época, que uma aristocracia rural importou e adaptou para seus próprios fins de manutenção da ordem mundial. Mas para Sérgio Buarque, era justamente isso que dava solidez às instituições. Com o novo governo republicano, perdeu-se esse vínculo entre Estado e sociedade. Imitando os países que pareciam os mais adiantados no concerto mundial, o Brasil perdera a sua verdadeira identidade pondo fim ao regime monárquico²¹¹.

A crença no poder mágico das ideias presidiu toda a história das nações ibero-americanas desde que se fizeram independentes levando-as “enaltecer um systema de idéas que contrastava em absoluto com o que ha de mais positivo em seu temperamento e que, bem compreendido, levaria á total despersonalização”²¹². Em palavras menos enigmáticas, o liberalismo seria incompatível com a tradição dos países ibero-americanos e apenas a descaracterizaria. O argumento de Sérgio Buarque de Holanda é muito similar com o argumento de Eduardo Prado, intelectual que influenciou o jovem Sérgio Buarque na sua repulsa ao regime republicano e ao americanismo. Para Eduardo Prado:

“As sociedades devem ser regidas por leis saídas da sua raça, da sua história, do seu caráter, do seu desenvolvimento natural. Os legisladores latino-americanos têm uma vaidade inteiramente inversa do nobre orgulho ateniense. Glorificam-se de copiar as leis de outros países! Todos os países espanhóis na América, declarando a sua independência, adotaram as fórmulas norte-americanas, isto é, renegaram as tradições da sua raça e da sua história sacrificando ao princípio insensato do artificialismo político e do exotismo legislativo”²¹³

Numa argumentação sinuosa, Sérgio Buarque de Holanda 1) afirma, uma vez mais, que “a adoção das fórmulas democráticas no Brasil e em outros países do continente resultou

²⁰⁹ Idem, p. 142.

²¹⁰ Idem, lbdem.

²¹¹ Percebe-se nesse trecho o teor crítico que Sérgio Buarque de Holanda tem para com o regime republicano, para o jovem Sérgio Buarque de Holanda, somente a monarquia poderia trazer de volta autenticidade da nação.

²¹² Idem, p. 149.

²¹³ PRADO, Eduardo. *Ilusão Americana*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961. p. 45.

simplesmente de um mal-entendido”. O liberalismo impessoal não teria raízes profundas na nação, servindo apenas aos “instintos de caudilhagem”. 2) Em seguida, porém, recua e concede que não seria justo afiançar a incompatibilidade absoluta entre iberismo e democracia liberal, que conheceriam algumas afinidades: primeiro, a repulsa de toda hierarquia racional; e, de todo modo, seria impossível uma resistência eficaz contra “as influências estrangeiras”, aliadas das ideias liberais. 3) Retificando o que dissera pouco antes, Buarque de Holanda julga a coincidência parcial entre aspectos do liberalismo e da cordialidade, pois a ideia de felicidade para o maior número de pessoas contradiz toda a forma de convívio de base emocional: logo, para Sérgio Buarque, cordialidade e liberalismo seriam excludentes entre si. 4) Esse exorcismo do “americanismo” traz alguns problemas, se as ideias liberais não são compatíveis com a tradição ibérica, como organizar a sociedade política? Sérgio Buarque reconhece que com a cordialidade “não se cria bons princípios”. Mas, então, o que fazer? Sua resposta é a seguinte:

“É claro que um amor humano que se asphyxia e morre fora de seu círculo restricto, não pôde servir de cimento a nenhuma organização humana concebida em escala mais ampla. Com a cordialidade, a bondade, não se cream os bons princípios. É necessario um elemento normativo, solido, innato na alma do povo, ou implantado pela tyrannia para que possa haver cristalização social”²¹⁴

O viés político de Sérgio Buarque de Holanda – que possui afinidades com as ideias de Eduardo Prado, advoga que as instituições tenham conformidade com sua nação e cultura. Por isso, nega que o liberalismo republicano seja congruente com a cultura brasileira de matriz ibérica. Ele reconhece, contudo, a insuficiência da cordialidade para fundar qualquer organização humana de grande escala e para reger a vida nacional nos novos tempos. O que fazer? Sem abandonar seu viés político visceral, ele propõe que se firme um convívio político sobre um elemento formativo:

“A realização completa de uma sociedade tambem depende de sua forma. Se no terreno politico e social o liberalismo revelou-se entre nós antes um destruidor de formas preexistentes do que um creador de novas; se foi sobretudo uma inutil e onerosa superfetação, não será pela experiencia de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade. Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo schemas sabios e de virtude provada, mas ha de restar um mundo de essencias mais intimas que, esse, permanecerá sempre intacto, irreductível e desdenhoso das invenções humanas”²¹⁵

As instituições devem corresponder à vida social. O liberalismo sob o Império era legítimo para Sérgio Buarque, pois estaria afinado com a cordialidade e o meio agrário; já o liberalismo

²¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936. pp. 156-157. É provável que desse trecho tenha surgido toda a discussão com Cassiano Ricardo entorno do conceito de “homem cordial” ser uma analogia de homem bondoso.

²¹⁵ Idem, pp. 160-161.

republicano era fruto inautêntico, pura imitação de modelo estrangeiro. Após identificar uma revolução silenciosa, que minava as bases ibéricas da cultura brasileira, Buarque de Holanda reafirma a força do iberismo em declínio. É verdade que ele afirmara que o americanismo era ainda frágil e que era sobretudo às suas “insuficiências” que se devia a permanência da forma ibérica da nossa cultura. Para Sérgio Buarque, o americanismo vinha se resumindo, em grande parte, à exacerbação de “manifestações estranhas, de decisões impostas de fora”. Há em Sérgio Buarque de Holanda uma oposição tenaz ao americanismo e ao liberalismo republicano em nosso meio, bem como a toda forma de organização política artificial, isto é, constrangedoras da espontaneidade brasileira nascida no latifúndio.

No artigo de 1926, *O lado oposto e outros lados*, Sérgio Buarque dissera que uma arte nacional surgiria antes da nossa preguiça que da nossa vontade, criticando quem queria criá-la através do racionalismo e de ideias estrangeiras. Retoma a mesma linha argumentativa a propósito do tipo adequado de instituições políticas para o Brasil. Há uma oposição entre a espontaneidade social da sociedade cordial formada pela colonização portuguesa da América e as ideias políticas mecanizadas importadas de outros países, e que estão descoladas da nossa tradição, mas que almejam disciplinar a vida política através de regras e leis inconciliáveis com o íntimo da nação. A interpretação do Brasil feita por Sérgio Buarque de Holanda foi sistematizada em *Raízes do Brasil*. Mas esse livro foi significativamente alterado na segunda edição de 1948, com a inclusão de dezenas de novos parágrafos. As mudanças introduzidas na segunda edição de *Raízes do Brasil* assinalam mudanças significativas em termos de estilo e método. Ao mesmo tempo, ela prossegue o diálogo com o pensamento social brasileiro e apaga muitas das marcas da edição anterior, operando deslizamentos discursivos.

As metamorfoses de *Raízes do Brasil*, exigem por sua vez que se considere as alterações de pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, relacionadas às mudanças históricas que ocorreram nos quase 12 anos que separam as edições. A leitura de “Panlusismo”, publicado no *Diário de notícias* 1941, é muito instrutiva. Nele, Sérgio Buarque comenta dois livros de Gilberto Freyre: *Uma cultura ameaçada*, e *O mundo que o português criou*. Interessa-nos destacar nesse artigo, a rejeição da identidade entre raça e cultura. Contudo, Sérgio Buarque adverte que a mera afirmação de particularidades culturais não estaria isento de riscos “se colorido por certo profetismo ingênuo [...] ou mesmo por algumas hipóteses sociológicas de caráter acentuadamente especulativo, como as que explicam a sociedade à imagem de um organismo”²¹⁶.

²¹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de vidro*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1978. p. 75.

De todo modo, é com satisfação que ele observa como “os pontos de vista do autor [Freyre] vêm expostos em uma apologia sincera da colonização portuguesa do Brasil”. E que isso não era motivo para por em dúvida a objetividade da análise do pernambucano: “o apologista serve-se do sociólogo não como de uma bagagem incômoda, mas como de um guia prestimoso”²¹⁷, palavras que também poderiam se aplicar ao autor de *Raízes do Brasil*. Para Freyre, a cultura luso-brasileira possui grande capacidade de acolher formas dissonantes da sua, sem com isso perder seu caráter. A conclusão de Freyre, de acordo com Sérgio Buarque é a seguinte: “Estimulando a miscigenação [...], o intercuro das culturas, teremos aberto caminho à solução do problema, sem nos afastarmos dos princípios e métodos que constituem a maior contribuição portuguesa e brasileira para o melhor ajustamento das relações entre os homens”²¹⁸.

Nesse artigo tão sugestivo, Sérgio Buarque antecipa alguns esclarecimentos sobre agricultura praticada pelos portugueses no Brasil, mais próxima da mineração do que da exploração metódica das culturas, reconhecendo que “sem braço negro e terra farta para gastar e perder, não para proteger ociosamente – a civilização do açúcar seria irrealizável entre nós”²¹⁹.

Para Sérgio Buarque, a tradição portuguesa que formou a cultura brasileira é espontânea, daí, não propõe em *Raízes do Brasil* qualquer receituário político ou econômico para ordenar, reformar ou corrigir “erros” da colonização portuguesa na América. É de se imaginar, por isso, o contentamento dele com a atitude de Gilberto Freyre, que não propõe receituário para a “tradição autêntica”:

“Fazendo-se intérprete – e apologista – de nossa tradição mais autêntica e respeitável, a luso-brasileira, ele se esquiva prudentemente de formular, em nome dessa tradição, princípios exigentes ou normas compulsórias. Os valores tradicionais só lhe interessam verdadeiramente como força viva e estimulante, não como programa”²²⁰

Era essa a atitude do próprio Sérgio Buarque, cuja reserva em propor reformas vinha de sua convicção de serem elas inoportunas e constrangedoras da espontaneidade da nação, indo todas no sentido de aniquilamento das raízes ibéricas do Brasil. Sérgio Buarque não abandona o topos da *vitalidade da tradição* nem a ideia do abismo que separa os modos de vida norte-americano e brasileiro. O assunto volta à baila no artigo “Considerações sobre o americanismo” publicado originalmente no *Diário de Notícias* em 1941.

“Nosso crescente contato, já agora não só econômico e político, mas também cultural, com os Estados Unidos, é tema ao mesmo tempo inquietante e sugestivo para a imaginação. Não falta quem se sobressalte ante o espetáculo desse intercâmbio cada vez

²¹⁷ Idem, *Ibidem*.

²¹⁸ Idem, p. 77.

²¹⁹ Idem, p. 82.

²²⁰ Idem, p. 83.

mais íntimo e onde as ideias já tem lugar considerável [...] como ante um perigo mortal para as nossas tradições mais autênticas, nosso caráter nacional, nosso ritmo de vida, nossa própria razão de existir”²²¹

Sérgio Buarque esclarece que uma viagem aos Estados Unidos o fez refletir de modo mais flexível sobre essa opinião. De todo modo, “lusismo e americanismo parecem-nos frequentemente duas noções incompatíveis e entre as quais é indispensável optar. Talvez ainda seja muito cedo para vencermos essa dualidade”²²². Buarque de Holanda escreve esse artigo como quem quer se livrar de um preconceito, mas sabe ter demasiados motivos para não diminuir o “abismo” que há ambos conceitos. Entretanto, reconhece que existem zonas de coincidência, “porque em nosso continente, não obstante todas as diversidades étnicas e culturais, existem de norte a sul feições sociais com raízes idênticas, geradas da aplicação de velhas instituições a uma nova terra”²²³.

Esses artigos tornam patente a continuidade com ideias abordadas pelo jovem Sérgio Buarque e em *Raízes do Brasil*, mas também evidenciam uma reflexão mais plástica sobre as relações entre as culturas do Continente Americano e um distanciamento de qualquer culturalismo exacerbado. Porém, é preciso discutir certas metamorfoses de *Raízes do Brasil*. Para isso, convém aludir à experiência do Estado Novo. Falando em tese, Buarque de Holanda cogitou a tirania como um expediente que garantisse um princípio normativo de convívio político, pois a cordialidade era incapaz de edificá-lo e o liberalismo não possuía raízes profundas na cultura ibérica. As modificações introduzidas na segunda edição de *Raízes do Brasil*, ocorrem tanto no plano do estilo e do método. O estilo torna-se mais apurado, com o corte abundante de adjetivos, o estudo de Weber sobre as cidades deixa de ser “admirável”, Capistrano de Abreu já não é julgado o “mais sábio dos nossos historiadores”, Gilberto Freyre não é mais o “conhecedor fidedigno do Brasil”. Nesse processo de depuração de estilo, há um ocultar de marcas da edição anterior que indica um deslizamento no horizonte existencial de Sérgio Buarque. Além da eliminação de adjetivos, ocorre a incorporação de discursos alheios, em citações literais que dispensam aspas como a referência a Stuart Chapin, no capítulo 5 e nas citações à Alberto Sampaio, no capítulo 1. Nesses casos há uma passagem do discurso direto, na primeira edição, para o discurso indireto na segunda edição.

E não só isso, abandona-se um conjunto de expressões e citações da edição de 1936 cuja a importância para a compreensão do argumento parece evidente: onde se lia “formas de vida”, leia-se “formas de convívio”; onde se lia “visão do mundo”, leia-se “ideias”; onde se lia “formas culturais”, leia-se “formas de vida social”. Nota-se que as expressões da primeira edição tinham

²²¹ Idem, p. 23.

²²² Idem, p. 24.

²²³ Idem, p. 27.

um viés mais historicista, foram permutadas, com exceção das palavras cultura (*kultur*) e espírito (*Geist*). Por meio dessa permuta de vocábulos tem-se um “afrancesamento” do estilo de Sérgio Buarque. Não é que Sérgio Buarque dependesse exclusivamente do historicismo alemão. Entretanto, além da mentalidade historicista compartilhar noções básicas, como tradição, cultura, espírito do povo, enraizamento e autenticidade²²⁴, a estada na Alemanha certamente acrescentou novos elementos, historicistas ou não. Em reforço dessa ideia, vejamos um trecho alterado: “Comparsas desatentos do mundo que habitávamos, quisemos viver fervorosamente contra nós mesmo, viver pelo espírito e não pelo sangue”. A alusão ao viver pelo espírito e não pelo sangue, Sérgio Buarque suprimiu e o trecho ficou assim: “quisemos recriar outro mundo mais dócil aos nossos desejos ou devaneios”²²⁵. Essa atenuação do historicismo ocorre no mesmo parágrafo onde se lia: “Acabariamos por esquecer tudo quanto fizesse pensar em nossa própria riqueza emocional, a única força criadora que ainda nos restava, para nos submetermos à palavra escrita”. Lê-se a partir da segunda edição: “Acabariamos, assim, por esquecer os fatos prosaicos que fazem a verdadeira trama da existência diária, para nos dedicarmos a motivos mais nobilitantes: à palavra escrita”²²⁶.

Outras marcas foram apagadas por Sérgio Buarque na segunda edição de *Raízes do Brasil*. Onde se lia na edição de 1936, ele aludia às formas de vida, instituições e visão do mundo “de que somos herdeiros e nos orgulhamos”, a menção ao orgulho sumiu nas edições posteriores. Também na crítica a quem pensava que boas leis eram garantia de uma apurada educação política, ele observa, que “essa opinião enganosa tomou vulto depois de incentivada a crença no mito do progresso”. Esse trecho foi suprimido das edições seguintes; outro, onde se diz que a tese de que a tirania nada realiza “é apenas uma das invenções fraudulentas da mitologia liberal” a aguda crítica se torna mais polida e transformou-se em: “... uma das muitas ilusões da mitologia liberal”²²⁷. Os exemplos poderiam ser multiplicados.

Entretanto, essa ocultação de marcas é apenas o *negativo* de um deslocamento no horizonte teórico de Sérgio Buarque. Sem romper com o ensaio de 1936, Sérgio Buarque afasta-se crescentemente do elemento de tese que ele contém para acentuar o senso de concretude que já se

²²⁴ Para uma análise mais aprofundada sobre os conceitos de vida, cultura e tradição em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Cf: CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. 1997. Dissertação de (mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas- IFCH, Universidade de Campinas, Campinas. Link: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278618/1/Carvalho_MarcusViniciusCorrea_M.pdf (Consultado pela última vez em: 12/11/18).

²²⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936. p. 126. HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Ed. Cia das letras, 1995. p. 163.

²²⁶ Ibidem.

²²⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. *Op. Cit.* 1936, p. 126. Idem. *Raízes do Brasil, op. Cit.* 1995, p. 185.

manifestar na primeira edição de *Raízes do Brasil*. Pode se perceber vários movimentos nessa direção. Há, por exemplo, uma abundância de termos de qualificação, que enriquecem o argumento e o tornam mais fluido, e sempre mais difícil de refutar, curiosamente, esses qualificativos não afetam algumas passagens que, por isso também, merecem atenção redobrada. É o caso, por exemplo, da crítica de Sérgio Buarque ao papel da igreja (capítulo 5), e sobre a necessidade de adequar as instituições políticas brasileiras à “realidade” (no último parágrafo do livro).

Essa qualificação da forma que Sérgio Buarque de Holanda dá a seu pensamento foi observada por Rodrigo M. F. de Andrade ao escrever sobre *Monções*, obra três anos anterior a segunda edição de *Raízes do Brasil*. Para Rodrigo Melo Franco a “obscuridade” do Sérgio Buarque dos primeiros tempos cedeu lugar à limpidez da forma “com a maturidade e a capacidade de apreender os múltiplos aspectos dos fatos sociais, históricos ou literários tem tornado estranhamente cautelosa a expressão desse pensamento”. Como exemplos dessa cautela de Sérgio Buarque, Rodrigo Melo Franco cita as expressões do tipo “pode-se quase dizer que”, “nada impede de acreditar que”, “não seria um caso isolado”, “não haverá absurdo em supor”²²⁸, entre outras expressões. Essa escrita mais cautelosa deve-se ao fato de Sérgio Buarque ter se tornado mais historiador do que quando escrevera a primeira edição de *Raízes do Brasil*. Esse aguçamento do senso de historiador fica claro quando se analisa a primeira edição de *Raízes do Brasil* com as obras posteriores como: *Monções*, *Raízes do Brasil* (2 edição), *Visão do Paraíso* e *Caminhos e fronteiras*. A segunda edição de *Raízes do Brasil* é clara em mostrar esse aguçamento ao mostrar não apenas o acréscimo no número de parágrafos, mas especialmente por um detalhamento muito maior da vida social no Brasil colônia e no Brasil Império, feito com uma variedade de fontes e evidenciando uma profunda atualização de Sérgio Buarque em termos bibliográficos. O próprio Sérgio Buarque esclarece, no prefácio da segunda edição de *Raízes do Brasil*, as alterações realizadas:

“Publicado pela primeira vez em 1936, este livro sai consideravelmente modificado na presente versão. Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar opiniões que deixaram de satisfazer-me. Se por vezes tive o receio de ousar uma revisão verdadeiramente radical do texto – mais valeria, nesse caso, escrever um livro novo – não hesitei, contudo, em alterá-lo abundantemente onde pareceu necessário retificar, precisar ou ampliar sua substância”²²⁹

Mas mesmo quando qualifica e enriquece seu argumento, não raro, Sérgio Buarque está dialogando, explicitamente ou não, com seus “fantasmas” favoritos: Eduardo Prado, Oliveira

²²⁸ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Singularidade e multiplicidade de Sérgio. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (Org.). *Revista do Brasil*. Ano 3, número 6. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987.p. 86.

²²⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1948. p. 25.

Vianna, Paulo Prado e Gilberto Freyre, para citar os principais. No capítulo 2, por exemplo, há um acréscimo na edição de 1948 que remete claramente a Oliveira Vianna. Nele, Sérgio Buarque nota, na sociedade brasileira, a ausência de “capacidade de livre e duradoura associação entre os elementos empreendedores do país”. A exemplo do mutirão, “outros costumes [...] fundam-se ao que parece na expectativa de auxílio mútuo, tanto quanto na excitação proporcionada pelas ceias, as danças, os descantes e desafios que acompanham tais serviços”²³⁰. Mas para Sérgio Buarque, “seria ilusório pretender relacionar a presença dessas formas de atividade coletiva a alguma tendência para a cooperação disciplinada e constante”²³¹.

No capítulo 1, Sérgio Buarque introduz um acréscimo, para esclarecer não serem características da tradição ibérica imunes à história: “Se semelhantes traços predominaram com notável constância entre os ibéricos, não vale isso dizer que provenham de alguma inelutável fatalidade biológica ou que, como as estrelas do céu, pudessem subsistir à margem e à distância das condições terrenas”. E logo acrescenta: “Sabemos que, em determinadas fases da sua história, os povos da península deram provas de singular vitalidade, de surpreendente capacidade de adaptação a novas formas de existência”²³². O diálogo virtual com Oliveira Vianna vem embutido na crítica à ideia de *fatalidade biológica* para caracterizar uma cultura ou nação. A obsessão de Vianna com os “arianos” e o processo de branqueamento da sociedade brasileira nunca tiveram a simpatia de Sérgio Buarque que, ao fim da Segunda Guerra Mundial, devia sentir-se nada satisfeito com tolices do gênero. No trecho, volta a precaução de Sérgio Buarque em distinguir entre permanência de costumes sociais e as características atribuídas a determinada etnia, que ele manifestara no artigo “Panlusismo”, de 1941.

Finalmente, há o diálogo de Sérgio Buarque consigo mesmo. Ele deve ter percebido que, à diferença da mutável tradição inglesa, a tradição ibérica parecia uniforme demais, sem grandes sobressaltos na história. O senso de concretude que se vinha aguçando em Buarque de Holanda impeliu-o a retificar essa impressão, mas apenas de forma pontual. Todavia, uma correção em regra seria possível apenas no quadro de um novo livro. A ideia de que esse trecho resulta de uma insatisfação com a forma como ele expusera a tradição ibérica deve-se ao próprio Sérgio Buarque, que traçou as linhas desse diálogo consigo mesmo, e o praticou admiravelmente na conferência “Elementos básicos da nacionalidade: o homem”, que proferiu na Escola Superior de Guerra, em 1967.

²³⁰ VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais (volume 1)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra. 1973. p. 156.

²³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1948. p. 60.

²³² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1948. p. 36.

Esse processo de reformulação parcial das próprias ideias,, no sentido de um aguçamento do senso de história e de um contato estreito com os arquivos, completado por um refinamento estilístico ímpar entre pesquisadores de história do Brasil é o objeto de reflexão lúcida e irônica em conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra (ESG) em 1967. “Elementos básicos da nacionalidade: o homem”, esse era seu título, é uma extensa autocrítica que continua e aprofunda a revisão parcial de Sérgio Buarque de Holanda à primeira edição de *Raízes do Brasil*. É plausível que o convite da ESG tenha contribuído a essa autocrítica que se assemelha ao exorcismo do passado: por que o auto escalão do exército convidaria o ilustre historiador para lhes falar sobre os “elementos básicos da nacionalidade” após terem imposto ao país um regime de exceção? O próprio convite deve ter incomodado Sérgio Buarque. Imaginando as razões do convite, Sérgio Buarque diz: “convidado a falar sobre o homem brasileiro não se estranhe que deva eu principiar por uma tentativa de autocrítica, incidindo opiniões que sugeriram esse convite”²³³. Mas convém iniciar pela gênese da sua interpretação do Brasil, a qual seria uma tentativa de conhecimento do “homem brasileiro”, da formação nacional:

“Houve um tempo em que eu julguei relativamente fácil e, mais do que fácil, necessário, explicar-me a mim mesmo ou, se possível, explicar a outros, os traços distintivos da entidade misteriosa e, por menos que o queiramos, ainda indecisa, a que se chama o homem brasileiro”

Em semelhante tentativa de uma gnose da formação nacional, o sentido da formação nacional era indispensável; a própria ideia de formação implicava em “escavar do nosso passado nacional, as verdadeiras razões de nosso presente e – quem sabe? – as do nosso futuro ir enfim sondá-las a partir do que me pareciam representar as suas raízes”²³⁴.

“Nada havia de inédito no recurso. Militavam em igual sentido vários precedentes ilustres, até de autores brasileiros. Além disso, numa era de paixões nacionalistas, em que cada povo parecia querer depender só das próprias energias ou virtualidades, empenhando-se não raro em forjar de si e para de si alguma imagem falaciosa, que se pretendia tirada de um passado sacrossanto, tinham entrado em moda esses mergulhos no passado”²³⁵

A autocrítica de Sérgio Buarque dirige-se primeiro ao problema dos regimes autoritários. Diz ele que “em nenhum momento deixara eu transparecer em suas páginas de *Raízes do Brasil*, qualquer sedução por regimes de força”, e que se fizera a crítica do integralismo no ensaio de 1936. Essas palavras devem ser tomadas ao pé da letra. Entretanto, considerando que não era essa

²³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Elementos básicos da nacionalidade: o homem*. IN: EUGENIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. Unicamp, 2008. pp. 619-620.

²³⁴ Idem, p. 618.

²³⁵ Idem, *Ibidem*.

a leitura dos militares que o convidaram a proferir a conferência, Buarque de Holanda acrescenta: “Apenas me pergunto se os argumentos a que recorri para combater essa atração não pertencem rigorosamente à mesma seara onde outros, na mesma época, foram recolher seus motivos para enaltecê-la”²³⁶.

Sérgio Buarque de Holanda notou que a retórica utilizada na primeira edição de *Raízes do Brasil* pudesse afiançar, ainda que involuntariamente, um regime de força. Com tudo que os separa, a ênfase de Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda tem três pontos de contato: notam as raízes ibéricas da sociedade brasileira que seriam impedimento à imitação pura e simples de instituições políticas liberais; a presença de uma sociabilidade de fundo emocional que fazia o convívio mais próximo, mais informal, dificultando por isso mesmo uma vida política à base de interesses e a edificação da cidadania. Em suma, um retórica que enfatiza a originalidade da sociedade brasileira – para exaltá-la ou para execrá-la – conduzia, ou postulava a necessidade de um regime de força para “mudar” a sociedade brasileira, ou a uma ambiguidade dilemática: nem liberalismo, nem comunismo, nem fascismo podiam vingar no Brasil por serem doutrinas sem raízes na cultura de matriz ibérica.

²³⁶ Idem, p. 618.

Conclusão

Essa dissertação teve como finalidade fazer um levantamento das obras de Sérgio Buarque de Holanda através de um panorama que misturou sua vida com suas produções literárias e de historiador.

De Sérgio Buarque de Holanda, diria que *Raízes do Brasil* foi a sua melhor contribuição às angústias dos anos trinta, mas que também se correspondia com debates da década anterior. Adveio com o livro o respeito que passaria a receber o Sérgio Buarque advogado, o Sérgio Buarque jornalista, o Sérgio Buarque crítico literário e enfim, ao final da década de 1950 – muito embora a essa altura já por outras razões, ressaltadas no primeiro capítulo – também o Sérgio Buarque de Holanda historiador. O momento histórico em que o autor de *Raízes do Brasil* conviveu nos anos vinte e trinta foi marcado por uma série de novidades no mundo, fosse no campo artístico-cultural com os movimentos de vanguarda, fosse no campo político com o império do sufixo “ismo”. Transitando nesse ambiente, ora assumia posturas mais conservadoras, ora se imaginava a abater parnasianos na praia de Copacabana.

Que Sérgio Buarque de Holanda tenha tomado a decisão de publicar *Raízes do Brasil* em 1936, anos depois de sua volta da Alemanha, tem algo a ver, por exemplo, com o fato de que na Europa, na mesma época, ainda pululavam aqui e ali movimentos de vanguarda e que o Brasil da década de vinte e trinta havia passado por significativas modificações, fazem com que sem dúvida se possa falar da interação entre o movimento das forças profundas e os personagens históricos que sabem exprimir, em termos de conduta, curta ou longa, as aspirações de um povo, de uma nação, e se impõem como protagonistas. Talvez o Brasil de trinta tenha precisado de um Sérgio Buarque. Isso porque, não extremado nem à direita com os seguidores de Plínio Salgado, nem à esquerda com Caio Prado Júnior, *Raízes do Brasil* pôde fazer uma crítica aos problemas do país de forma menos apaixonada.

Neste percurso, concluiu-se, entre outras coisas, que Sérgio Buarque de Holanda surgiu no cenário intelectual brasileiro na década de 1920, vindo a atuar nela juntamente com o grupo dos modernistas e sendo ele próprio um deles. Publicou *Raízes do Brasil*, atuou em diversos estabelecimentos públicos que fossem ligados, de uma forma ou de outra, à produção do conhecimento e, com a tese *Visão do paraíso*, assumiu a cátedra de História da Civilização Brasileira na Universidade de São Paulo ao final da década de 1950, coroando com isso o seu percurso de aperfeiçoamento da produção do saber.

Destaque ainda para o círculo intelectual que em momentos de sua vida encontrou-

se situado, onde certamente não faltaram oportunidades para trocas significativas, em que sobressaem, sem sobra de dúvida, as iminentes figuras de Henri Hauser e Lucien Febvre. Já com idade bastante avançada, Sérgio Buarque de Holanda publicou *Tentativas de mitologia* retomando algumas mágoas de décadas anteriores.

A pesquisa mais aprofundada sobre a produção de Sérgio Buarque de Holanda ficou para os dois últimos capítulos, quando a partir de suas obras analisei a interpretação do autor sobre o Brasil, constatando que a interpretação do Brasil desde seus artigos de juventude até a publicação de *Raízes do Brasil* são muito semelhantes, com uma orientação ideológica que tentava reunir em comum autores como: Eduardo Prado, Silvio Romero, Manoel Bonfim, Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, em um diálogo obsessivo sobre a formação do Brasil e o peso da colonização portuguesa sobre os nossos costumes culturais, políticos, religiosos e sociais. Para Sérgio Buarque de Holanda havia uma bifurcação entre iberismo e americanismo. Enquanto o iberismo se caracterizava pela feição peculiar do país, condicionado pela colonização portuguesa, e aí para Sérgio Buarque havia uma distinção clara entre os que viam o legado positivo do iberismo e que por isso não propunham grandes mudanças ou correções, como era o caso de Gilberto Freyre; e havia os que julgassem frustrada toda e qualquer tentativa de impor instituições liberais, por não lançarem raízes profundas no substrato da nacionalidade, mas sem qualquer entusiasmo pelo legado ibérico, como era o caso de Oliveira Vianna.

Durante a sua estada na Alemanha, e já com suas próprias convicções em relação ao historicismo alemão e sobre a singularidade das culturas e com grande temor à tendência de “americanização” do mundo, Sérgio Buarque descobriu afinidades além do historicismo, também com a sociologia de Weber, que fecundaram sua reflexão, principalmente através dos tipos ideais e sobre a comparação entre cristão e protestantes.

De certa forma, o pensamento conservador de Sérgio Buarque se evidencia no elogio ao Imperador Dom Pedro II. É curioso como o liberalismo é tido para Sérgio Buarque como compatível com a cultura sob o Império, mas não sob a República. O mesmo Sérgio Buarque que crítica o uso conservador do ideário liberal por uma aristocracia rural e semifeudal que, no Brasil, pretende apenas manter privilégios, é o mesmo que elogia o liberalismo sob o Império de Pedro II, justamente por não constranger a espontaneidade da nação, servindo não a partidos artificiais, mas a grupos familiares. Essa nostalgia pelo período do Brasil império não torna Sérgio Buarque um monarquista ferrenho, tanto que mudara de opinião em obras posteriores, porém sua idealização do passado levou-o a ver apenas o que considerou essencial, deixando

de lado aspectos menos condizentes com o período, como exemplo, a brutal exploração dos negros escravizados no Brasil império.

Bibliografia:

AMARAL, Aracy. *Blaise de Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Martins, 1970.

BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil. IN: NOGUEIRA, Arlinda Rocha. (Org). *Sérgio Buarque de Holanda vida e obra*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura/USP, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1989.

BANDEIRA, Manuel. "Sérgio anticafajeste". IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.). *Revista do Brasil*- número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rio-arte fundação, 1987.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. Sérgio Buarque de Holanda e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008. p.

CANDIDO, Antonio. Prefácio – O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA. Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COSTA, Marcos (Org.). *Para uma nova história: textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004

COSTA, Marcos. *Sérgio Buarque de Holanda. Escritos coligidos (1920-1949)*. São Paulo: ED. UNESP, 2011.

DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda In: CANDIDO (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

DULCI, Luiz; SORIANO, Joaquim (Orgs.). *O PT faz história*. 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Os professores franceses e o ensino de história no Rio de Janeiro nos anos 30. In: BÔAS, Gláucia Villas; MAIO, Marco Chor (Orgs.). *Ideias de modernidade e sociologia no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Caminhando entre fronteiras: a lógica "trivial" em Sérgio Buarque de Holanda. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.

- GALVÃO, Walnice Nogueira. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.
- GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. A modernidade brasileira reconta as tradições paulistas. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.
- HOLANDA, Amélia Buarque de. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda. IN: ARAUJO. Ricardo Benzaquen de; SCHWARZC. Lilia. (ORG.). *Raízes do Brasil*- Edição comemorativa dos 70 anos. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1948
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de vidro*. São Paulo: Martins, 1944.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1945.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros – fase colonial*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, 1952-53.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso – Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, p. 04, 20 jan. 1976.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HOLANDA. Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mario de Andrade a Prudente de Moraes Neto*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- LACERDA, Sônia; KIRSCHNER, Tereza Cristina. Tradição intelectual e espaço historiográfico ou por que dar atenção aos textos clássicos. In: LOPES, Marco Antônio (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. Sérgio Buarque de Holanda: Visão do paraíso. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.
- MARTINS, Renato (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue, 2009.
- MATOS, Júlia Silveira. *Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a história do Brasil*. 2005. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

- MILLIET, Sérgio. “À margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda” in: IDEM. *Quatro ensaios*. São Paulo: Martins, 1966.
- Moraes, Marcos Antonio de. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Ed. USP, 2001
- NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Ed. USP, 2008.
- NICODEMO, Thiago Lima. *Alegoria moderna: crítica literária e história da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed USP, 2014.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo* (v. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Ed. Nova fronteira. 1984.
- PRADO, Antonio Arnoni. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária (1920-1947)*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1997.
- PRADO, Eduardo. *Ilusão Americana*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961.
- RODÓ, J. E. Ariel. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1991.
- RODRIGUES, Henrique Estrada. Os sertões incultos e o ouro do passado. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.
- ROMERO, Silvio. *Machado de Assis- estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. (Tese doutorado). Universidade Estadual Paulista. Araraquara – São Paulo, 2007.
- SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Estação Filmes, 2003. 1 DVD (148 min).
- SENNA, Homero. *República das letras*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1996.
- SUSSEKIND, Flora. Outra nota – comentário ao texto “nota breve sobre Sérgio crítico” de Antonio Arnoni Prado. In: *Sérgio Buarque de Holanda – 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- THIENGO, Mariana. *A crítica entre a literatura e a história: o percurso da crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda dos verdes anos à profissionalização do ofício*. TESE (Doutorado)- Universidade federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de letras. Belo Horizonte, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polemicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra, 1973.

WEGNER, Robert. Criação e crítica literária na trajetória modernista de Sérgio Buarque de Holanda (1921-1926). IN: CORDEIRO. Rogério; SOARES, Claudia Campos. (ORG). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia: Ateliê editorial, 2013.